

NO II ★ N.º 14 ★ ABRIL 1950

fundamentos

OS ESCRITORES DO BRASIL EM DEFESA DA PAZ da CULTURA e DA DEMOCRACIA

Os Intelectuais de São Paulo e o
III Congresso Brasileiro de Escritores

ARTUR NEVES

Pelegos Intelectuais a Serviço da Reação

RIVADAVIA MENDONÇA

As Provocações Guerreiras do Espião Kennan

ELIAS CHAVES NETO

Cosmopolitismo - Ban-
deira da Traição Nacional

ISAAC AKCELRUD

LEMBRANÇAS

AFONSO SCHMIDT

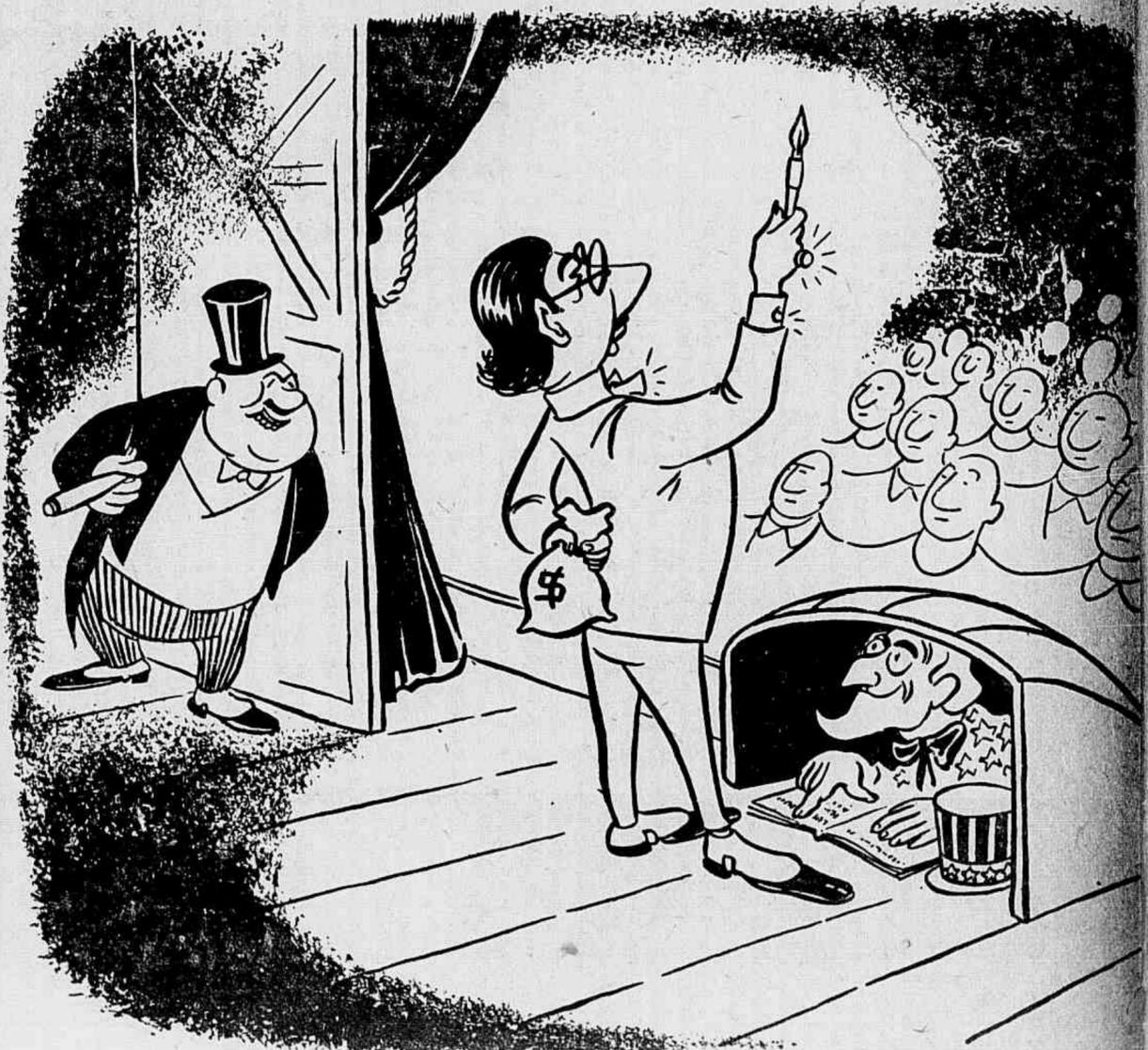
APRO... fundamentos

BARÃO DE ITARARÉ

PREÇO Cr\$ 3,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO



A liberdade dos intelectuais "apolíticos" vista dos bastidores.

fundamentos

no II * N.º 14 * Abril 1950

Comissão de Redação: Afonso Schmidt,
Artur Neves, Caio Prado Junior, J. E.
Fernandes e Rui Barbosa Cardoso.

★

Conselho de Redação: Annibal M. Machado,
Marício Torelli, Artur Ramos (†), Astro-
jildo Pereira, Candido Portinari, Clovis
Raciano, Edison Carneiro, Galeão Coutinho,
Faciliano Ramos, J. Vilanova Artigas, Mario
Frenzenberg, Moacir Werneck de Castro, Oscar
Meyer e Samuel Barnsley Pessoa.

★

fundamentos não se responsabiliza pelos
opiniões emitidos em trabalhos assinados.
Não devolve originais.

★

Redação e Administração: Rua Barão de
Capetinga 275 - 9.º - S. 96 - São Paulo

★

Diretor responsável: Rui Barbosa Cardoso.

Artur Neves	Editorial	3
	Os Intelectuais de São Paulo e o III Congresso Brasileiro de Escritores.	4
	<i>Os escritores do Interior devem prestigiar o III Congresso</i>	4
	<i>Manifesto</i>	5
Astrojildo Pereira	O Próximo Congresso de Escritores .	6
	<i>Temário do III Congresso</i>	8
	<i>Notas ao Congresso da Bahia</i> ..	8
	<i>A Significação do III Congresso de escritores</i>	8
Rivadavia Mendonça	Pelegos Intelectuais à Serviço da reação	9
Isaac Akcelrud	Cosmopolitismo — Bandeira da Trai- ção Nacional	10
Konstantin Pautovski	Nastia	14
Fernando Segismundo	Cipriano Barata, jornalista Político.	16
Elias Chaves Neto	As Provocações Guerreiras do espião Kennan	18
Cleso de Lima Horta	Arlindo	20
Gilberto de Andrada e Silva .	A poesia Brasileira e a Questão Social.	21
Afonso Schmidt	Lembranças	22
Umberto Terracini	Antônio Gramsci	24
Mario de Micheli	Henri Barbusse, biógrafo de Stálin .	28
Roldão Mendes Rosa	Sorriso Inútil	29
Álvaro de Faria	Os Médicos e as suas contradições ..	29
M. Rubinstein	I. G. Farben	31
Catulo Branco	A Energia Elétrica e a Indústria ...	34
José Neto	O Sési, o Tribunal de Contas e outras histórias sesianas	36
Nazim Hikmet	Angina do Peito	38
	Nazim Hikmet	38
Barão de Itararé	Apro... fundamentos	39
	Cinema	40
	Ciência em Foco	41
	Resenha Política do Mês	42
	Livros e Revistas	43

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO

Posição decidida dos intelectuais brasileiros a favor da paz, da democracia, da liberdade e da soberania nacional

Com o agravamento da contradição entre as forças imperialistas e antidemocráticas e as do socialismo e da democracia, o imperialismo ianque e seus vassallos internacionais vão revelando a sua verdadeira cara, cara de criminosos que não recuam diante de nenhuma consideração moral ou humanitária para realizar os seus propósitos de dominação mundial, pela qual pensam escapar à derrocada inevitável. A guerra está na base de todos os seus planos. É o objetivo para o qual se preparam febrilmente e que não procuram sequer mais esconder. Ainda recentemente Dean Acheson declarava que a Rússia poderia vencer esta guerra sem disparar um tiro. Dando às palavras o seu verdadeiro sentido, isto significa que o sistema capitalista não pode resolver na paz as suas dificuldades e necessita da guerra para manter a sua máquina em funcionamento. Para os provocadores de guerra é o suficiente para arrastar a humanidade a mais esta indescritível desgraça.

A aliança de agressão entre os países em que o imperialismo domina é apresentada como um sistema internacional de economia planificada que se procura revestir de aspectos culturais — o cosmopolitismo — o qual representaria uma forma de melhor entendimento entre as nações, mas que na realidade não passa da sujeição de todas elas ao imperialismo ianque.

Em nosso país êste não faz mais cerimônias. Os seus interesses são ordens logo cumpridas pelas autoridades brasileiras. Os que procuram se opôr à sujeição de nossa pátria à dominação norte-americana são presos, espancados e até chacinados. Estão ainda na memória de todos os acontecimentos do dia 6 de março, em São Paulo, em que o povo que protestava em praça pública contra o escárnio da conferência dos embaixadores norte-americanos reunida no Rio de Janeiro para tratar de assuntos de nossa vida interna, sem mesmo contar com a participação de um único brasileiro, foi atacado pela polícia, tendo sido efetuadas numerosas prisões, entre as quais a de cinco jornalistas que foram espancados na prisão, seqüestrados e soltos depois de ameaças e maus tratos, em longínquos lugarejos

do interior paulista. Isto, sem mencionar violências semelhantes praticadas em tôdas as cidades do Brasil contra os patriotas que lutam contra êsse processo, que se agrava todos os dias, de colonização de nosso país.

Fundamentos, uma revista de cultura, não pode mostrar-se indiferente a esta questão básica que afeta a vida dos escritores, a saber qual o seu papel em face dos grandes problemas políticos da nacionalidade e da humanidade, e publica no presente número diversos artigos em que analisa a atuação dos nossos intelectuais neste sentido. Fazer a separação entre o joio e o trigo, entre os escritores que podem ser realmente considerados brasileiros, por se identificarem com o sentimento profundo das massas populares e os que a serviço do imperialismo traem o seu país, será uma das tarefas do III Congresso Brasileiro de Escritores, a se realizar neste mês de abril na cidade do Salvador.

Os congressos anteriores de 1945 em São Paulo e de 1947 em Belo Horizonte marcaram pontos altos nos acontecimentos políticos do país. Desfraldaram-se aí os princípios da liberdade e da democracia, colocando-se assim os escritores decididamente contra as forças que procuram embargar aquêles progressos. Desde o último congresso, êsses campos se marcaram nitidamente. Na atual convenção se afirmará mais uma vez a decidida posição dos intelectuais brasileiros. A divisão se faz sob o signo da luta pela paz, entre aquêles, de um lado, que procuram atrelar o Brasil ao carro do imperialismo guerreiro norte-americano e apoiam a onda de terror que assola o país; e de outro, aquêles que defendem a nossa soberania política e independência econômica, e lutam por um regime legal de respeito às liberdades públicas e aos princípios da democracia.

A posição dos escritores brasileiros, fiéis às suas tradições, está de antemão traçada e o III Congresso a afirmará solenemente, a fim de que a reação brasileira e os governos que a servem ouçam mais uma vez a manifestação poderosa do nosso povo contra seus desígnios e em favor da PAZ, da DEMOCRACIA, da LIBERDADE e da SOBERANIA NACIONAL.

Os Intelectuais de São Paulo e o III Congresso Brasileiro de Escritores

ARTUR NEVES

Este número de "Fundamentos" entrará em circulação nas vésperas da abertura do III Congresso Brasileiro de Escritores, a se realizar na Cidade do Salvador, dos dias 17 a 21 do corrente. Torna-se, pois, necessária e oportuna a análise do papel que essa ampla e democrática assembléia de escritores está destinada a desempenhar no cenário cultural e político de nossa pátria.

Não poderia ser mais oportuna a ocasião escolhida para se fazer ouvir a voz dos intelectuais brasileiros não só sobre os seus problemas e reivindicações profissionais, como também e principalmente sobre os problemas mais gerais e profundos que afetam a vida de nosso povo. Estamos atravessando a mais grave crise econômica e política de nossa história e é urgente que aqueles que têm a responsabilidade de orientar e educar o povo, de estudar problemas e apontar soluções, através do jornal e do livro, do rádio, do cinema e do teatro, unifiquem o seu pensamento e tomem posições claras e corajosas nesta hora decisiva da vida nacional.

A função dos intelectuais — escritores, poetas, artistas e cientistas — é das mais importantes e decisivas na vida cultural e política de uma nação, principalmente quando esta se encontra, como a nossa, mergulhada no atraso e no analfabetismo e sofre, em todos os setores de sua vida, os males da dominação econômica, cultural e política do imperialismo estrangeiro. Num país econômico e politicamente atrasado como o Brasil, onde um governo fantoche trai vergonhosamente o povo e executa uma política de opressão e miséria, cabe aos intelectuais a honrosa tarefa de ocupar o seu posto na vanguarda combativa e esclarecida que conduz a luta de libertação nacional, a luta pelo progresso e independência de sua pátria. Os intelectuais devem ser também, pela própria natureza de sua função social, os guardiões das tradições culturais da nacionalidade e os principais arquitetos de seu pensamento progressista. É de sua luta corajosa e decidida contra as forças do atraso e da reação, tanto no campo cultural como no campo político, que depende em grande parte o futuro da cultura nacional e os destinos de seu povo.

Para o intelectual honesto e patriota não é admissível qualquer distinção ou desligamento entre a sua atividade cultural e a sua atuação política, pois ele sabe que uma e outra devem se harmonizar e completar no sentido de torná-lo capaz de viver, sentir e interpretar com fidelidade as experiências e as aspirações de seu povo. Ele não pode admitir também o "apoliticismo" preconizado pelos traidores e oportunistas, pois sabe que esse tão decantado "apoliticismo" é apenas um ridículo biombo a encobrir a constante e eficiente atuação dos intelectuais "apolíticos" ao lado das forças mais reacionárias e antipatrióticas.

O próximo Congresso da Bahia, que conta com a participação de escritores das mais variadas tendências filosóficas, religiosas e partidárias, vai demonstrar que os intelectuais brasileiros na sua esmagadora maioria, renegam e desprezam esse falso "apoliticismo" tão conveniente às forças que tramam contra a soberania nacional e oprimem o nosso povo.

★

É justamente por temer a atividade política dos intelectuais brasileiros e por reconhecer a importância dessa ati-

vidade na luta de libertação nacional, que o imperialismo norte-americano desencadeou nestes últimos anos uma verdadeira ofensiva na nossa frente ideológica, procurando recrutar, entre os escritores e artistas nacionais, novos quadros capazes de preparar "ideologicamente" o terreno para o desenvolvimento de seus planos de dominação política e econômica de nossa pátria. Para conquistar esses "quadros intelectuais", o imperialismo ianque e seus agentes internos, lançaram mão do suborno, da corrupção e de todos os meios ao seu alcance. O certo é que com suas famosas "bolsas de estudo", excursões de intercâmbio cultural, oportunidades e facilidades de toda ordem oferecidas a intelectuais brasileiros por intermédio do *Coordinator of Inter-American Affairs*, da União Cultural Brasil-Estados Unidos, ou de suas agências de publicidade aqui instaladas, os senhores de Wall Street conseguiram alugar a pena e dobrar a cerviz de alguns escritores e jornalistas maus brasileiros e formar uma triste pandilha disposta a defender e a difundir a "cultura norte-americana" da Coca Cola ao Reader's Digest — a enaltecer e justificar todas as marchas e manobras da política de fome, guerra e opressão que o Departamento de Estado executa contra nosso povo. São esses intelectuais que, bem instalados na "imprensa sadia", dirigem cartas afetuosas ao espião Kennan, denunciam escritores e jornalistas que lutam pela Paz, fazem a apologia sistemática de Koestler, Kravshenko, Sartre e de toda essa escoria de degenerados que constitui a "brigada intelectual" do imperialismo ianque. E são ainda eles que procuram impedir que uma organização como a Associação Brasileira de Escritores desempenhe o seu elevado papel de guardiã das mais nobres tradições democráticas da intelectualidade brasileira, fazendo todo o possível para evitar que essa agremiação tome posição diante de problemas políticos, mesmo daqueles que estão diretamente ligados à atividade profissional do escritor.

Dentro da A.B.D.E., esses intelectuais reacionários sob a capa do "apoliticismo", desenvolvem na prática uma intensa atividade política a favor da reação e contra os interesses do povo em geral e dos escritores em particular. Para disfarçar sua traição e seu oportunismo e para encobrir seus verdadeiros desígnios, alegam eles que "a A.B.D.E., deve ser uma organização apolítica, exclusivamente dedicada à defesa dos interesses profissionais dos associados, porque qualquer tomada de posição frente a problemas políticos poderia prejudicar as reivindicações do escritor e a vida da associação". Com essa esfarrapada argumentação, baseada num conceito intencionalmente restrito e falso do *interesse profissional*, do escritor, os "apolíticos" da A.B.D.E., desejam apenas amordaçar os intelectuais brasileiros e impedir que a sua entidade máxima se transforme num órgão verdadeiramente democrático, a serviço da Paz, da Cultura e da Liberdade. No momento em que os monopolistas ianques ameaçam o mundo com uma nova guerra de proporções imprevisíveis, no momento em que se fabrica a bomba de hidrogênio para destruir populações inteiras, e, em nossa pátria, as liberdades fundamentais dos cidadãos são diariamente desrespeitadas, no momento em que o nosso povo se debate na mais negra misé-

OS ESCRITORES DO INTERIOR DEVEM PRESTIGIAR O III CONGRESSO

A realização do III Congresso Brasileiro de Escritores é uma excelente oportunidade que se apresenta aos escritores do interior para a discussão de seus problemas mais urgentes e sentidos.

Ninguém, a não ser por má fé ou ignorância, poderá negar que a A. B. D. E. pouco tem feito para ajudar os escritores residentes no interior a resolver os seus problemas fundamentais.

Não basta oferecer aos escritores interioranos uma conferência de quando em vez. Isso não é suficiente. Os escritores do interior desejam colaborar na imprensa da Capital; desejam participar ativamente da vida intelectual de nosso Estado; desejam, acima de tudo, fugir ao isolamento que estiola o seu esforço e faz com que permaneçam ignorados e esquecidos.

O III Congresso Brasileiro de Escritores significa a ruptura de uma

barreira que separa o escritor do interior dos escritores da Capital.

São Paulo necessita que a sua delegação conte com 50% de escritores do interior para que o III Congresso Brasileiro de Escritores seja, realmente, um espelho onde vão se refletir os nossos problemas fundamentais em busca de solução realista. É essa a razão por que o III Congresso deve contar com o decidido e patriótico apoio dos escritores do interior de São Paulo.

ria, os "apolíticos" da A.B.D.E., desejam que os escritores brasileiros fechem a boca e crusem os braços como se fôssem múmias ou eunucos inteiramente desligados da realidade social. Felizmente os nossos melhores escritores repudiam e lutam vigorosamente contra esse degradante "apoliticismo", conscientes de que o intelectual não pode resolver os seus problemas culturais e econômicos fora do quadro geral da vida do seu país e do mundo.



Em artigo publicado na revista "Paratodos" e transcrito neste número de "Fundamentos", Astrojildo Pereira faz um rápido histórico dos dois congressos anteriores realizados pela A.B.D.E., e nos mostra, embora em traços ligeiros, que esse grupo de falsos democratas já em outubro de 1947, no IIº Congresso, realizado em Belo Horizonte, tentaram cindir o congresso invocando o princípio do "apoliticismo". A delegação de São Paulo, dominada pelos "apolíticos", chegou a se retirar do plenário numa manobra caracteristicamente política que arrastou elementos reacionários de outras delegações. Posteriormente conseguiu-se chegar a uma conciliação, mas esta foi precária e formal, uma vez que ficou definitivamente rompida a unidade que havia caracterizado o I Congresso,

realizado em São Paulo em janeiro de 1945 e no qual fôra votada por unanimidade uma Declaração de Princípios que exprimia a média da opinião política dos escritores do Brasil. Esse grupo de escritores foi também responsável pelo movimento divisionista da A.B.D.E., por ocasião da eleição da diretoria da secção carioca, em março de 1949.

Mas é em São Paulo, sem dúvida alguma, que o grupo de escritores reacionários, mascarados de escritores "apolíticos", tem o seu principal centro de ação. Valendo-se de suas posições na imprensa burguesa ou de altos cargos públicos conquistados à custa de transigências de toda ordem com as forças mais reacionárias e lançando mão de todos os recursos oportunistas demagógicos, conseguiram eles manter por muito tempo, principalmente junto aos intelectuais jovens ou sem orientação política, a força necessária para se conservarem na direção da secção paulista da A.B.D.E.. Instalados na direção da entidade, puderam então organizar calmamente uma verdadeira máquina eleitoral e passaram a se revezar nos cargos de diretoria sem que houvesse quebra de sua linha "apolítica". Nos cinco anos em que A.B.D.E. esteve nas mãos do grupo composto por Sergio Milliet, Antonio Candido, Mario Neme e outros, a associação nada fez que refletisse o espírito democrático e a capacidade de luta dos intelectuais de São Paulo. O órgão máximo dos escritores

MANIFESTO

Os escritores de São Paulo, abaixo-assinados, conscientes de suas responsabilidades nesta hora atormentada do país e do mundo, e sentindo não lhes caber o direito à deserção e ao comodismo, resolvem atender e apoiar o chamamento da Comissão Nacional de Organização do III Congresso Brasileiro de Escritores, cuja realização se anuncia, de 17 a 21 de abril vindouro, na Cidade do Salvador.

Esse conclave será de grande importância para os destinos de nossa inteligência, pois ensejará, livre de sectarismos de qualquer espécie, um pronunciamento dos intelectuais do Brasil, o que está se impondo como um dever impostergável, diante das ameaças de toda espécie que vêm gravando o livre desenvolvimento da cultura nacional.

A tradição dos Congressos Brasileiros de Escritores é das mais honrosas à nossa classe de homens de pensamento. O I Congresso dessa natureza, realizado em São Paulo no ano de 1945, correspondeu a uma autêntica vitória dos ideais democráticos em nossa terra, tanto mais significativa e meritória que, afrontando riscos evidentes, foi obtida em pleno império da ditadura estado-novista.

A "Declaração de Princípios", ali aprovada, foi reafirmada no II Congresso, realizado em Belo Horizonte em 1947.

Coerentes com essa tradição dignificadora de luta pelas liberdades públicas que, quando violadas, comprometem até à raiz de seu ofício, os escritores de São Paulo querem ir à Capital da Bahia para reafirmar com os companheiros de todos quadrantes da Nação Brasileira os mesmos princípios de Liberdade defendidos na reunião histórica de 1945. E assim entendem que contribuirão de maneira ponderável na luta em que o país está empenhado pela salvaguarda da Paz, da Cultura e das suas tradições democráticas, tão duramente ameaçadas neste instante por dois projetos de lei, atualmente em trânsito por nosso Parlamento: a Lei de "Segurança Nacional" e a Lei de Imprensa.

Com esse espírito, temos a certeza de que, congregando os intelectuais de São Paulo com os de todo o país, o vindouro Congresso de Salvador dará sua contribuição de relêvo à solução de mais de um problema fundamental do nosso povo em geral e dos escritores em particular.

São Paulo, 2 de março de 1950.

Assinaturas: José Geraldo Vieira — Menotti Del Picchia — José Escobar Faria — Jamil Almansur Hadad — Afonso Schmidt — Geraldo Pinto Rodrigues — Antonieta Dias de Moraes Silva — Rossine Camargo Guarnieri — Luiz Washington — Caio Prado Junior — Joaquim Pinto Nazário — Helena Silveira — Artur Neves — Maria de Lourdes Teixeira — João Chiarini — José Eduardo Fernandes — Domingos Carvalho da Silva — Ernesto Quissak — Paulo Santos Cruz — Diego Pires de Campos — Albertino Moreira — Roldão Mendes Rosa — Nelson Palma Travassos — Ligia Fagundes Teles — Cyro Pimentel — Jaime Franco — Apparicio Torelli (Barão de Itararé) — Maslowa Gomes Venturi — Eduardo Palmerio — Abgvar Bastos — Edison Ruivo de Sousa — Arnaldo Serroni — Sucupira Filho — Ibiapaba Martins — Galeão Coutinho — Antonio Rangel Bandeira — José Paulo Paes da Silva — Antonio Tavares de Almeida — Antonio de Luna — Benedito Geraldo de Carvalho — Paulo Dantas — José Maria Gomes — Ruy Barbosa Cardoso — Samuel Barnsley Pessoa — Rivadavia Mendonça — Rosalia Simonian — Yaynha Pereira Gomes — José Castelar — Mario Lago — Ciro T. de Padua — Nabor Caires de Brito — Edgard Cavalheiro — Braz Paulo Sales — Valentim Amaral (Deputado) — Orlando José Michelin — João Fioravanti Junior — Moacyr Bueno — Raul Rocha Campos — José Tavares Dias — Antônio Oswaldo Ferraz — João Baptista Lemos — Luiz Saia — Nizio Fernandes — André Carneiro — Mario Fernandes — Manuel Caetano Filho — Teodoro Corrêa Cintra — Joaquim Corrêa Cintra — Tarcisio Coutinho — Harly Trench — Condelaç Chaves Andrade — Márcio da Costa e Silva — Oswaldo Alves — Cicero Vieira de Acayaba — Nadir Bertolini — Luiz Geraldo Toledo Machado — Helio de Moraes — José B. de Averaldo Galhardo.

paulistas transformou-se numa máquina burocrática e sem função, que de quando em vez mexia sua enferrujada engrenagem para promover uma palestra sobre arte abstrata ou assunto de igual jaez numa cidade qualquer do interior, onde, após a conferência, se instalava um núcleo ou Casa de Cultura, que por sua vez se transformava numa sub-máquina, também burocrática e também sem função. Só em época de eleições é que a diretoria, temerosa de alguma surpresa desagradável, se movimentava e, através da secretaria, passava a fazer cabala eleitoral, a fim de garantir suas posições e dar continuidade à sua linha oportunista.

As coisas caminhavam nesse passo quando no começo de 1949, organizou-se na A.B.D.E. (seção de São Paulo) um amplo movimento visando democratizar a Associação e transformá-la num órgão verdadeiramente representativo da intelectualidade paulista. Esse movimento, que recebeu o nome de MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO, concorreu às eleições do ano passado com uma chapa composta por Caio Prado Junior, Jamil Almansur Haddad, Mario da Silva Brito e outros elementos da mais variada tendência política e religiosa. O novo movimento desenvolveu uma intensa campanha de esclarecimento junto aos associados da Capital e interior. Durante a campanha, antes mesmo de serem conhecidos os resultados das eleições, que por sinal lhes deu a vitória, os "apolíticos" manobram no sentido de cindir a A.B.D.E. (seção de São Paulo), seguindo o exemplo de seus comparsas da seção carioca. O escritor Mario da Silva Brito, num magnífico discurso pronunciado na posse da diretoria eleita (*), teve ocasião não só de desfazer a intriga como de apresentar, em nome do Movimento Renovador, ao presidente eleito naquela ocasião — Sr. Sergio Milliet — um programa que refletia e ainda reflete a média das aspirações e do pensamento político da maioria dos escritores de São Paulo. É conveniente o oportuno citar alguns trechos desse discurso em que tão bem se reflete a revolta dos associados da A.B.D.E., contra a passividade, a inércia e o "apoliticismo" de seus diretores:

"Muitas providências urgem ser tomadas. Desde logo, julgamos faz-se preciso dar melhores acomodações e instalações à nossa sede, e, em seguida, arregimentar maior número de sócios, trazendo para o nosso convívio muitos escritores até agora ausentes, e, por outro lado, recuperar os que, por este ou aquele motivo, da A.B.D.E., se afastaram. Sabemos que a A.B.D.E.,

(*) Publicado na íntegra em "Fundamentos" — ns. 9 e 10 — março-abril de 1949.

não é nenhum cenáculo literário. Cabem dentro dela todos os que são escritores, grandes e pequenos, maiores e menores expressões de nossa inteligência e sensibilidade. Mas isso não exclui se tenham conosco altas personalidades da literatura paulista. A presença deles em nosso quadro social somente poderá nos trazer prestígio.

Se se detiver a diretoria sobre o que há a fazer, verificará ela que praticamente tudo está por fazer. Lembremos, porém, alguma coisa do muito que se poderá realizar.

Temos correndo pelas câmaras legislativas duas perigosas leis que devem merecer o nosso combate, e combate duro e forte. Porque da aprovação desses estatutos ditos legais poderá resultar a paralização de nossas atividades e a completa imobilidade de todos os que escrevem e fazem de sua profissão não um divertimento mas um trabalho de sentido social, de importância coletiva. Estamos nos referindo às leis de imprensa e de segurança nacional. Não basta que se faça um protesto platônico. É preciso que se proponha uma longa campanha, sistematizada e incessante, contínua e popular, contra qualquer recuo do país em direção ao neofacismo. E nisto estaremos secundando outras instituições e é de estranhar que até agora tenhamos permanecido silenciosos. Tomemos conhecimento também do crucial problema da paz, sobre o qual muitos intelectuais vêm se pronunciando". — E Mario da Silva Brito prossegue: "Entre o muito que se poderá concretizar em prol da união dos sócios e em seu favor, lancemos, exemplificativamente, as seguintes lembranças: o restabelecimento dos almoços mensais da A.B.D.E.; a promoção de conferências de seus associados e para seus associados; a remessa, mensalmente de boletins contendo a súmula das atividades associativas e a discriminação de sua situação econômica-financeira; a obtenção do reconhecimento de nossa associação como órgão de utilidade pública; o seu reconhecimento como órgão consultivo do poder constituído em assuntos culturais; a escolha de uma data para comemorar o "Dia do Escritor" e a organização de festejos solenes da efeméride; a programação, dentro do Departamento de Educação Popular, que atualmente vem contemplando apenas o interior, de uma série de conferências na entidades culturais sitas nos bairros e, notadamente, nos centros operários; a extensão aos nossos associados de idênticas vantagens de que gozam os jornalistas profis-

O próximo Congresso de Escritores

ASTROJILDO PEREIRA

O I Congresso Brasileiro de Escritores reuniu-se em janeiro de 1945, num momento em que a derrota do nazi-fascismo aparecia aos olhos de toda a gente como coisa certa, inevitável. O eixo anticomunista Berlim — Roma — Tóquio partia-se fragorosamente. Dentro das nossas fronteiras, o Estado Novo caía aos pedaços, e os fascistas e filofascistas nativos desapareciam do mercado ou só apareciam, medrosamente, com a cara escondida por detrás de máscaras que riam amarelo.

A reunião do Congresso de São Paulo, naquele momento, representou, sem a menor dúvida, um importante papel na luta final contra o Estado Novo. Mas é um fato, igualmente indubitável, que o governo Getúlio, sobretudo depois da declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo, vinha cedendo à pressão antifascista das massas populares e a sua ditadura se dissimulava a olhos vistos, corroida por incuráveis contradições de ordem interna: dentro desse quadro geral da situação é que podemos afirmar que o Congresso de Escritores contribuiu consideravelmente para apressar o fim do Estado Novo. E isto, que constitui o mérito principal do I Congresso, foi uma ação de natu-

reza essencialmente política, expressa em termos políticos pela Declaração de Princípios.

Convém lembrar que esta Declaração de Princípios foi votada por unanimidade, exprimindo a média de opinião política dominante no Congresso. Houve certa luta de bastidores, — fomentada por intrigas, boatos e palcoites alarmistas, — durante a sua elaboração mas ninguém, nenhum delegado ousou opôr-se abertamente ao seu sentido democrático, antifascista, nem muito menos a abrir brecha na unanimidade do Congresso. O que se pode mesmo dizer, ao analisarmos hoje as condições políticas daquele momento, é que a Declaração, se fosse vasada em termos mais firmes e ousados, teria da mesma forma obtido votação unânime — tal a pressão dos acontecimentos mundiais e nacionais relacionados com as tremendas vitórias alcançadas na guerra pelas forças da democracia, a cuja frente marchavam os exércitos da União Soviética.

Já o II Congresso, reunido na capital mineira, em outubro de 1947, efetuou-se em condições bastante diferentes. Havia-se rompido a unanimidade, que reinara durante a guerra, entre os Três

Grandes. Por obra e graça do imperialismo anglo-americano, dividiu-se o mundo em dois campos — de um lado o campo da democracia, da paz, do progresso e do socialismo, liderado pela União Soviética, e do outro lado o campo do capitalismo reacionário, obscurantista, belicista, liderado pelo imperialismo yanque. Traíndo acordos solenemente firmados pelos Três Grandes, traíndo a Carta das Nações Unidas, traíndo, em suma, os mortos na segunda guerra mundial, os governos dos países dominados pelo capitalismo imperialista — em particular pelo capitalismo imperialista norte-americano — tudo fizeram e continuam a fazer, para aprofundar a divisão do mundo, preparando-se abertamente para uma terceira guerra mundial, com a qual sonham poder esmagar a União Soviética e os países progressistas que marcham para o socialismo, e assim perpetuar e "aperfeiçoar" o sistema capitalista da exploração e opressão dos povos.

O Congresso de Belo Horizonte refletiu, politicamente, esta situação do mundo dividido em dois campos. Os falsos democratas, que andavam de máscara em São Paulo, mansos, cordatos, temporizadores, continuaram mascarados

sionais". E, ao terminar o seu discurso, Mario da Silva Brito sugere ainda a organização de um serviço de "copyright" para jornais e revistas, serviço que "atenda tanto o escritor da capital como também do interior, onde tantos valores se encontram na verdade isolados, à espera de uma oportunidade para aparecer".

Depois da apresentação desse amplo e fecundo programa, o Sr. Sergio Milliet e seus companheiros estiveram mais um ano na direção da A.B.D.E., mas o seu "apoliticismo" oportunista e falso levou-os a sabotar inteiramente a execução das sugestões propostas. Muito ao contrário, toda a atividade da diretoria da A.B.D.E. foi durante esse período das mais reacionárias e prejudiciais à classe. Um ano de aprofundamento da nossa crise política e econômica e de intensificação da violência ditatorial, no ano em que os governos de Dutra e Ademar cometeram toda a sorte de crimes e traições contra a nossa Pátria e o nosso Estado, a diretoria da A.B.D.E. conservou-se fria e impassível diante dos acontecimentos, como se a política de entrega de nossas riquezas aos trustes estrangeiros, os assassinatos de patriotas, a prisão e o espancamento de escritores e jornalistas, o empastelamento e bloqueio de jornais populares e o assalto a livrarias, as leis de exceção e tantos fatos monstruosos ocorridos em nosso país pudessem deixar de se refletir na inteligência, na sensibilidade e na vida de cada escritor brasileiro.

Na Convenção Regional de Campos do Jordão, onde se reuniram os escritores do Vale do Paraíba, a diretoria da A.B.D.E., que convocara o conclave, teve a desfaçatez de tentar impedir por todas as formas que os intelectuais ali reunidos enviassem moções de protesto contra as arbitrariedades do governo. Houve, contudo, uma vigorosa reação do plenário, que de maneira alguma aceitou o "apoliticismo" que a diretoria da A.B.D.E. lhe queria impor e os escritores do Vale do Paraíba puderam assim, com eloquente unanimidade, erguer a sua voz em defesa da Paz, da Cultura e da Liberdade. O único recurso de que se valeu a diretoria, após a derrota de sua linha "apolítica", foi o de boicotar traiçoeiramente todo o noticiário referente à convenção que a secretaria da A.B.D.E., estava no dever de enviar à imprensa.

Mas a verdade é que, se escritores desse tipo conseguem ainda manter posições dentro de uma associação como a A.B.D.E., isto se deve principalmente a falta de vigilância democrática e compreensão política mais profunda em grande parte dos escritores democratas de São Paulo, que são ainda levados a encarar as manobras e intrigas desse grupo de intelectuais reacionários como simples "política de grupo literário", ditada por motivos pessoais e imediatos, sem qual-

quer ligação com o panorama mais amplo e geral da política internacional. Por falta de uma análise mais profunda do panorama político externo e interno, imbuídos ainda de excessiva boa fé, muitos intelectuais são levados a esquecer com frequência que o mundo está hoje dividido em dois campos — o campo da guerra e o campo da paz e de que essa divisão também atinge a nossa associação profissional e separa, de um lado, os escritores que estão dispostos a defender o progresso, a cultura e a independência de seu povo e, do outro, os escritores que passaram a servir os interesses do campo reacionário e anti-democrático. Fadeyev, o grande escritor soviético, definiu em Wroclaw, com precisão admirável, essa divisão do mundo, quando afirmou: "O mapa não nos pode dar uma idéia suficientemente exata desses dois campos, porque a sua linha divisória passa pelo interior de cada um dos países capitalistas, em cada cidade, em cada aldeia, por Nova York, como por Londres, por Paris, como por Roma, por Bruxelas, como pelo Rio de Janeiro. Cada campo tem seu programa, seus fins e seus objetivos. O campo democrático, com a U.R.S.S. à frente, vê sua missão principal em garantir para a humanidade uma paz duradoura equitativa. Quer consolidar a vitória contra o fascismo — conquistada à custa de tantos sacrifícios — possibilitar o livre desenvolvimento da democracia, manter a independência e os direitos dos povos grandes e pequenos. O campo imperialista quer conservar e fortalecer o vacilante edifício do sistema capitalista, destruir o movimento popular, exterminar o socialismo e estabelecer um poder da reação à imagem e semelhança do hitlerismo. A preparação de uma nova guerra é, pois, parte importantíssima do programa desse campo".

Os escritores democráticos de São Paulo têm necessidade de definir melhor esses dois campos e encontrar o lugar preciso onde passa a linha divisória apontada por Fadeyev. O Congresso da Bahia será uma magnífica oportunidade para se traçar essa linha e delimitar definitivamente os campos dentro de nossa associação.

Já nos trabalhos preparatórios de organização do Congresso, pudemos verificar que os escritores pseudamente "apolíticos", tomaram irreduzível posição de combate ao certame e começaram a desenvolver a sua costumeira campanha de intrigas e calúnias para impedir a sua realização. Acusam eles o congresso de "sectário" e "comunista", sabotam a propaganda dirigida aos associados, tentam manobras a fim de impedir as assembléias para escolha de delegados e voltam a falar em cisão da A.B.D.E., tentando com todos esses velhos e gastos recursos impedir que seja ouvida a voz dos intelectuais brasileiros no momento em que o nosso povo aguarda com ansiedade que os seus filhos mais queridos, os escritores que zelam

em Belo Horizonte — já então rangendo os dentes por trás da máscara, ousados, ameaçadores e sobretudo hipócritas. Tentaram cindir o Congresso, e de fato o cindiram — pois a conciliação obtida posteriormente à sua retirada do plenário foi coisa na realidade formal, precária, inconsistente. A declaração de Princípios do II Congresso, bem mais incaracterística e mais débil que a do I Congresso, refletiu esse estado de coisas, e a unanimidade com que foi votada mal pôde ocultar a cisão aberta pelos falsos democratas, em função precisamente da obra imperialista de divisão do mundo em dois campos hostis.

Certamente, as coisas não se passaram assim com essa nitidez de linhas, mas, pelo contrário, se desenrolaram em tons confusos, indeterminados, como aliás convinha à natureza da manobra antidemocrática. Devemos acentuar, todavia, o que havia de visceralmente contraditório entre o "princípio" invocado pelos cissionistas — o "apoliticismo" de um Congresso de Escritores — e o conteúdo político, cem por cento político, da manobra realizada pelo grupo reacionário dos escritores presentes, manobra a que se deixaram arrastar muitos delegados vacilantes ou ingênuos.

Não por acaso, esse mesmo grupo de escritores promoveu e chefiou o movimento divisionista da A. B. D. E., por

ocasião da eleição para a diretoria da secção carioca, em março de 1949. Outra oportunidade, possivelmente, hei de ainda referir-me a essa luta, na qual, de nossa parte, cometemos não poucos erros; o que desejo acentuar, por agora, é o fato seguinte: os falsos democratas, se bem que explorando sempre o falso "princípio" do "apoliticismo", viram-se forçados a botar abaixo a máscara, aparecendo em público tais quais são na realidade — agentes de reação, agentes das classes dominantes, agentes do imperialismo. E quanto mais se agrava, no mundo e em nosso país, a luta entre os dois campos, mais e mais se mostram eles fiéis servidores do campo reacionário, mesmo (ou talvez sobretudo) quando fingem desprezo pelas lutas políticas.

Nesta situação vai reunir-se, proximoamente, o III Congresso Brasileiro de Escritores. Vai reunir-se na Bahia, terra de Gregório de Matos, Cipriano Barata e Castro Alves, e durante a semana que recorda a execução de Tiradentes. Será um Congresso de inteligência livre e militante do Brasil, um Congresso de escritores brasileiros que se honram de aparecer e trabalhar como verdadeiros intérpretes do povo brasileiro, ou seja, como intérpretes das suas dôres, das suas revoltas e das suas esperanças.

A divisão do mundo em dois campos hostis reflete-se também, de maneira nítida, em nosso pequeno "mundo literário, ou artístico e científico: de um lado, os escritores, artistas e cientistas que fazem da sua obra uma arma de luta a serviço do povo, do progresso da nossa terra, da paz e da liberdade, empenhando-se, com as camadas mais combativas de nosso povo, na histórica batalha pela independência nacional; do outro lado, os tristes exemplares de uma inteligência em decomposição, os sibaritas, os acomodados, os romancistas e poetas da decadência feudal-burguesa, os eruditos de um fichário que mais parece fichário da polícia, os autores de narcóticos para a gente "bem", os melancólicos palhaços da "arte pela arte", e outros vários escribas com irresistível vocação para "bobos-do-rei", que hoje empregam as suas habilidades no divertimento dos reis da finança, da indústria e do latifúndio.

No Congresso da Bahia se reunirão os herdeiros de Gregório de Matos, de Cipriano Barata, de Castro Alves — os herdeiros do que ha de mais vivo e progressista na cultura brasileira, que deve ser uma autêntica cultura do povo e para o povo e não uma falsa cultura de privilegiados e para privilegiados.

pela sua cultura e pela sua arte, afirmem que estão dispostos a lutar pela paz, a defender a sua tradição cultural e a sua independência política.

Mas os escritores de São Paulo vêm demonstrando na prática que repudiam o "apoliticismo" oportunista de todos aqueles que não têm se mostrado dignos da gloriosa tradição de luta que nos foi legada por Mario de Andrade, Monteiro Lobato e tantos outros grandes escritores de nossa terra, que sempre se mantiveram fiéis ao seu povo e firmes na defesa da paz, da cultura e da liberdade. Os escritores paulistas trabalham intensamente com o fito de enviar uma grande e brilhante delegação ao III Congresso — uma delegação capaz de enfrentar e discutir com coragem e firmeza tanto os seus problemas de ordem puramente profissional, como os problemas políticos, sem procurar fugir à responsabilidade e ao dever de julgar e decidir entre o atraso e o progresso, a cultura e o obscurantismo, a paz e a guerra.

Os escritores paulistas sabem que o Congresso da Bahia será um marco decisivo da nossa evolução cultural e política, pois éle afirmará a necessidade da luta contra a discriminação, a censura, o fascismo, a "americanização"; éle permitirá o debate e abrirá perspectivas para a solução de problemas que estão na ordem do dia, como o da situação econômica do escritor, o dos direitos autorais, o da educação popular. O Congresso mostrará ainda que precisamos fazer um esforço conjugado no sentido da criação de uma cultura nacional não chauvinista, mas que afirme as particularidades e características nacionais e as leve para o fundo comum da cultura mundial; uma cultura nacional que seja contra a cultura burguesa cosmopolita e decadente e procure educar nossa juventude e nosso povo no sentimento do internacionalismo verdadeiro; uma cultura que oriente e incentive a luta pela democracia, pela independência nacional e pela paz. Esse grandioso Congresso vai afirmar que o principal inimigo da cultura nacional é o imperialismo americano e que, para combatê-lo, o intelectual deve se ligar ao povo, tendo como guia

TEMÁRIO DO III CONGRESSO

A Comissão Nacional de Organização do III Congresso Brasileiro de Escritores elaborou o seguinte temário para as teses do Congresso:

- 1º — DIREITOS AUTORAIS
- 2º — INTERCÂMBIO CULTURAL
- 3º — O ESCRITOR E A DEFESA DA LIBERDADE
- 4º — A DIFUSÃO DO LIVRO E A SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS
- 5º — O LIVRO DIDÁTICO
- 6º — TEATRO, RÁDIO, IMPRENSA E CINEMA
- 7º — PROBLEMAS DE ARTE LITERÁRIA
- 8º — O ESCRITOR E A PAZ

O presente temário, dada a sua amplitude, abrange os setores fundamentais da atividade dos escritores brasileiros e revela, assim, o cuidado da comissão que o elaborou em fazer com que as teses a serem apresentadas ao certame exprimam a situação real da vida cultural do Brasil.

as novas idéias do socialismo vitorioso e em luta contra a decadência e o obscurantismo.

Os escritores de São Paulo irão ao Congresso da Bahia, para, junto aos colegas de todos os quadrantes do país, debater os seus problemas e defender suas reivindicações, para denunciar e julgar os atos daqueles que se opõem ao progresso e para afirmar corajosamente que a inteligência brasileira está ao lado do nosso povo e continua a lutar hoje, como sempre lutou no passado, pela felicidade e independência de sua pátria.

NOTAS AO CONGRESSO DA BAHIA

Sou dos que deram a sua assinatura a um manifesto propugnando o apoio dos intelectuais de São Paulo ao III Congresso Brasileiro de Escritores a realizar-se proximamente na Cidade do Salvador. Pelo documento que assinei percebo que o que se deseja é a realização de um congresso eminentemente político em suas bases. Todavia, a política que o deverá inspirar não será a dos sectarismos e a das intransigências mas sim a que consubstancia um denominador comum capaz de congregar todos os escritores do Brasil em torno de seus desígnios.

É esse denominador comum qual é? Creio que pode ser a Declaração de Princípios firmada em São Paulo no primeiro Congresso. Foi essa declaração um documento de democracia, uma prova de amor às liberdades públicas, agora ameaçadas de desrespeito e sócio. Não quero discutir aqui o an-

Jamil Almansur Haddad

tigo problema do dever ou não do escritor à participação política. Entendo para mim que a literatura pode ser desinteressada, mas o literato, fazendo dêsse jeito ou daquele a sua literatura, cumpre-lhe sempre ser também um cidadão e agora vigilante e inquieto diante dos problemas de seu país.

O problema da legitimidade democrática envolve em última análise o próprio direito que tem o escritor de poder exercer, com liberdade e com dignidade, o seu ofício. De modo que acredito que ninguém terá nesse momento o direito de negar a sua colaboração ao conclave anunciado, que poderá ter o sentido de mais um marco ou mais uma trincheira na luta em que todos devemos nos empenhar em prol da conquista e da manutenção dessa dignidade e dessa liberdade.

completamente a atividade intelectual, deixando os escritores sem independência, impedidos de editar seus livros e de trabalhar, e influir, portanto, como homens de arte e de pensamento.

Se por um lado, escritores se entregam ao indiferentismo criminoso, se alguns se ausentam deliberadamente e outros se acovardam e anulam ou se entregam à corrupção, por outro lado se levantam os escritores que não querem calar nem ceder. Querem êstes seguir a tradição dos intelectuais de vanguarda, que sempre combateram ao longo de nossa historia politica e cultural. Compreendem que o seu patriotismo, a sua consciencia, o seu amor ao povo não os deixam ficar na solidão e no egoismo, na renuncia e na abstenção.

O Congresso da Bahia é um congresso em que devemos honrar a memoria de Gregorio de Matos, de Gonzaga, Frei Caneca, Castro Alves, Cipriano Barata, Luis Gama, Lima Barreto e Euclides da Cunha. O seu temário deve ser um centro de ampla discussão, em que se possa avaliar, de fato, a vontade dos escritores em ligar-se aos grandes acontecimentos históricos do mundo e participar ao lado do povo pela paz e pela liberdade.

Todos os escritores honestos, de todas as tendencias, patriotas e conscientes da dramatica situação da cultura no Brasil, saberão dar seu apoio ao Congresso, e dele participar, com todo o seu coração e a sua inteligencia. Que no Congresso firmemos uma unidade de escritores na luta comum em defesa dos interesses da cada escritor e dos interesses gerais da cultura brasileira.

(Transcrito de "Paratodos")

A SIGNIFICAÇÃO DO III CONGRESSO DE ESCRITORES

Realizar-se-á o Congresso de Escritores em uma época de poderosos fatos históricos, numa época de ameaças de guerra, de lutas sociais e em que o país atravessa uma situação grave. Os escritores assumem, dêste modo, uma responsabilidade de

maior que aquela assumida nos dois congressos anteriores. Trata-se agora de uma definição mais concreta e mais combativa na defesa da cultura contra o perigo de guerra, as "leis de segurança", sobre a situação econômica nacional que entrava

Pelegos intelectuais a serviço da reação

RIVADAVIA MENDONÇA

Faz um ano neste mês de abril que o Congresso Paulista pela Paz e a Cultura foi realizado nesta Capital, como jornada de denúncia dos planos guerreiros do imperialismo americano, levado a efeito em meio a todos os arreganhos da reação policial. Constituiu êle a fase preparatória do congresso nacional de paz programado para o Rio de Janeiro e que teve a sua inauguração banhada no sangue dos patriotas brasileiros, devido à selvageria da polícia carioca posta à prova com requintes de bestialidade na sede da UNE. Não podemos esquecer aquêles dramáticos acontecimentos da inauguração da campanha da paz, não só pela importância que a sua realização representava, para o combate aos planos de agressão do campo dos imperialistas ianques, como também porque o congresso forçou a definição dos campos antagônicos, especialmente nos meios intelectuais paulistas, quando os serviços da reação no setor cultural tiveram de tirar a sua máscara muito bem resguardada até então, para abrir o jôgo que vinha sendo feito cavilosamente.

Coube a um grupo de intelectuais de S. Paulo, formado pela escória cultural da terra, em que pontificam tarados, renegados, lumpens e mesmo alguns retardados mentais, o vil papel de dar o conteúdo "ideológico" para a campanha de repressão policial ao movimento da paz, a ponto de seu manifesto de provocação ter sido utilizado até mesmo em escala internacional, como exemplo de serviço útil dado ao FBI e a tôdas as polícias políticas associadas do continente. Capitaneados por Sérgio Milliet, Arnaldo Padroso d'Horta, Lourival Gomes Machado, Luís Martins, Mário Neme, Antônio Cândido, Luís Coelho, Paulo Magalhães e mais alguns agentes e militantes da decadência e do divisionismo no meio intelectual paulista, formavam êles o conhecido grupinho desagregador que muito bem traduz os interesses da classe dominante dos latifundiários a que estão servindo, em benefício da qual inspiravam, com sua publicação, desde o massacre da sede dos estudantes no Rio, até a chacina de Tupã e o fuzilamento do portuário em Santos.

Muita culpa cabe a todos nós, que temos dado uma parcela de nosso esforço pela defesa da paz e da cultura, por não têmos sido suficientemente vigilantes com os componentes dêsse grupo de inimigos, contemporizando com muitos dêles, procurando separar suas pessoas de suas atitudes, na vã esperança de que possuíam ainda um fundo de qualidades positivas que impedissem o seu embarque definitivo na canoa da reação. Já estavam todos há muito tempo agregados ao campo oposto, dando o seu servicinho permanente à classe dominante e à polícia política, travando uma luta sem tréguas contra a paz e o progresso, contra a cultura e a unidade dos escritores e artistas, fazendo obra de desagregação e destruição para que êles sempre restassem senhores e dirigentes do meio intelectual neste estado.

Examinando-se agora com mais amplitude o papel que êsse grupo de aproveitadores representa no meio dos escritores, verificamos que Sérgio Milliet e sua trupe formam o núcleo dos pelegos intelectuais, com as mesmas características, atribuições e serviços que cabem aos pelegos sindicais nos meios proletários nacionais. São sabujos das classes dominantes, são aproveitadores de vantagens que os cargos e posições oferecem, são inimigos da categoria profissional a que estão ligados, são policiais em permanente serviço para denunciar e entregar colegas à reação, quando êstes se encontram em luta pelas melhores condições de vida e de trabalho dos profissionais; são divisionistas, desagregadores, a emperrar permanentemente o desenvolvimento de uma consciência de unidade e de ação dos profissionais a promover o esfacelamento e a neutralização dos organismos que usurpam, são enfim tipos que se arvoram em donos do patrimônio moral e material alcançado pela categoria profissional, usando dos mais ignóbeis recursos para a sua perpetuação nos postos de administração e representação das entidades culturais.

Como escritores, êsses pelegos e subpelegos intelectuais não representam nenhum valor, devido à mediocridade em que todos êles se debatem, acrescida ainda dêsse sentido de decadência cultural que os seus trabalhos sempre apresentam, com conteúdo frouxo e diversionista de quem caminha para o caos e para o desastre inevitável. Por isto é que falam tanto em suicídio, em covardia, praticam o oportunismo e se

destemperam em baixezas morais. Nenhum dêles tem importância como escritor e qualquer que se focalize dentre êles, deixará à mostra a podridão do seu caráter e a inconsistência grotesca de seus escritos.

O PELEGO SÉRGIO MILLIET

Peguemos como exemplo mais representativo do grupo, Sérgio Milliet, pelego máximo do meio intelectual paulista, canastrão das letras, que durante muito tempo foi força auxiliar do Dip e agora é colaborador da polícia.

Sua literatura revela o tipo vaidoso e inconsistente, que finge uma cultura que não tem, a ponto de usar sempre o decalque dos trabalhos alheios para dar a impressão de que é versado em cada um dos muitos assuntos em que se mete a escrever. Quando o Sr. Milliet analisa uma obra mais ou menos clara no que se refere ao pensamento do autor analisado, o decalque dêsse crítico consegue ser também mais ou menos claro, pelo resumo que apresenta, mas se a matéria é complicada e de difícil compreensão, o seu trabalho vira um amontoado de frases pernósticas, sem sentido, para dar lugar a um cínico oportunismo e a uma desonestidade confessada, como diz no primeiro volume do seu "Diário Crítico": "Já escrevemos mesmo uma língua que não falamos. Já dizemos mesmo o que não pensamos. Não custa nada aplicar os mesmos princípios oportunistas às artes e à literatura. Pelo menos assim merecemos a consideração utilíssima dos honestos e dos desonestos. Dos primeiros por não quebrar vidraças subversivamente; dos segundos por sermos um instrumento aproveitável de publicidade."

Mas o seu malabarismo de pelego intelectual atinge as raias do ridículo, porque, para manter a sua posição de destaque na redação do jornal a que serve, entra em rastejante bajulação ao Sr. Júlio Mesquita Filho, a quem chama de "espírito ávido de cultura e curioso de problemas de sociologia e história", e tudo isto a respeito de um trabalhozinho medíocre e sem nenhuma importância que o seu chefe publicou depois de regressar do exterior. Mas ao mesmo tempo, êle não deixa de ser o serviçal de Ademar de Barros, mantendo com todo desvêlo a posição de confiança que ocupa na administração, como diretor de uma repartição pública que é a Biblioteca Municipal, tendo chegado mesmo a posar em fotografia ao lado do prefeito Paulo Lauro, numa demonstração de entendimento útil e completo entre o superior e o subordinado.

O Sr. Sérgio Milliet não faz isto por acaso, não. A sua posição é muito bem estudada e êle mesmo com chocante desenvoltura a confessa nas colunas de "O Estado", em 11 de agosto último, quando afirma: Nós não temos economias para comer. Precisamos de quem nos ampare até que a riqueza nos sorria. Daí olharmos sempre na direção dos ricos, e quando êstes em vez de desempenhar o papel que dêles esperamos, se arrogam o direito de malbaratar seus bens, nós nos sentimos desesperados." E' por força dessa posição de aproveitador das migalhas da classe dominante, que êle já dizia há quase dez anos passados no primeiro "Diário Crítico", que "preferimos êle e os seus às acomodações, mas bêm sabemos quanto pesam à consciência." E' o problema de consciência, entretanto, que não existe para êsse pelego da cultura paulista, porque êle atinge ao máximo na sua falta de escrúpulos e de moral, a ponto de defender ignominiosas atividades de incesto e pederastia que êle se põe a cantar em verso e prosa, numa escabrosidade que há de ficar sempre sem adjetivação apropriada. Sua novela "Duas cartas no meu destino" e grande parte de versos em "Oh! valsa latejante" constituem o enaltecimento dessa perversão que chama de "febre maligna" e que gera "planos inconfessáveis", louvados por êle com hedionda baixez e crua mediocridade, procurando valorizar a sua pornografia e justificar a sua freqüentemente confessada covardia, com vaidosos auto-elegios, intitulado-se "o mais sutil dos filósofos", "o mais sensível dos poetas."

Sua literatura romanceada, tanto na novela "Duas cartas, como no romance "Roberto", dá bem a prova de sua

ignorância e da sua mediocridade como escritor, estando esta produção sem nenhum exagero, muito abaixo da incrível obra do capitão Amílcar Dutra de Meneses, "O futuro nos pertence" e que foi lançada como um frustado dó de peito do então diretor do Dip, em louvação ao ditador. Mas o Sr. Milliet, em meio ao sentido escabroso permanente de tôdas as suas páginas romanceadas, não deixa de se apresentar como o vilão dos filmes de 1920, para dizer com arroubos de herói fracassado: "Sou extremamente cerebral, eu só era capaz de sacrifícios por idéias." E em "Roberto", a sua biografia em romance destinada a ser um exemplo (e que exemplo!) aos jovens, faz um ajuntamento de fatos insignificantes, de quem viveu uma vidinha medíocre de pequeno-burguês, envôlta sempre em densa pornografia. O que resulta então de tôda essa baixa literatura, é o mau exemplo, para a mocidade, exemplo que felizmente não frutificou porque seus livros e seus artigos não têm tido leitores. E assim as suas cogitações sobre covardia e traição, seu oportunismo militante e sua doentia amoralidade, não conseguiram causar os danos que certamente seriam inevitáveis se a sua produção tivesse aceitação.

Em 1944 o autor da "Valsa latejante" se sentia desorientado com a marcha dos acontecimentos que marcavam a grande alteração nas forças políticas mundiais, fazendo pender a balança definitivamente em favor da democracia e do progresso. E ao dar o sinal de seu desgosto com a possibilidade de desaparecimento daquele ambiente de reação e confusão em que êle pontificava, passou a dizer que "os grandes idealistas desiludidos de lutar contra a trapaça do mundo acabavam sempre entre as pontas do dilema: ceticismo ou suicídio." E prosseguia nas suas lamentações e no seu medo diante das perspectivas de mudança para o progresso: "Estamos à beira da anarquia dissolvente que só um indivíduo de exceção pode dominar. Gide é em verdade um desses indivíduos." Veja-se que na aurora da vitória contra o nazismo, quando a humanidade se livrava através da memorável luta dos exércitos soviéticos, de um dos mais dolorosos pesadelos, o pelego Milliet entra em lamentações contra os resultados que se esperavam dessa vitória, para desejar que aparecesse um "salvador" do tipo daquele miserável e depravado intelectual francês que se pôs a serviço da colaboração nazista, contra a luta de resistência do povo e dos

trabalhadores na França ocupada. E' que êle aspirava aqui o clima necessário e semelhante ao da ocupação hitlerista, para desenvolver os planos de ação por êle já então bem definidos: "Proposta a tese da revolução tem-se a antítese da reação e logo em seguida a síntese das acomodações e meio caminho. Estamos nesta época das acomodações." (Diário Crítico, 3.º v., pag. 280).

BENEFICIÁRIO DO ESTADO NOVO

No seu desejo de fazer confusão e aparecer como um lutador contra o Estado Novo, disse que êle foi um dos que "agüentaram o período negro da palhaçada ditatorial", afirmação essa que só veio fazer em 1947, depois do golpe de outubro de 1945, porque na verdade Sérgio Milliet foi também um dos aproveitadores da ditadura estado-novista, nos seus cômodos emprêgos em repartição pública, em jornal sob intervenção, nos quais sempre exerceu o cargo de confiança a que nunca renunciou. Em 1942, no auge do regime instaurado com o primeiro Plano Cohen, o Sr. Milliet se punha a fazer a louvação sabuja da "Marcha para o Oeste", de Casiano Ricardo, realizando assim indiretamente, como lhe convinha, a apologia do programa governamental da época, através da obra de um dos maiores usufrutuários do regime. Do Estado Novo, a única cousa que na verdade combateu e isto em solidariedade a Paulo Duarte, foi a legislação trabalhista, não para apontar as suas falhas e deficiências, seus erros e burlas aos direitos e interesses dos trabalhadores, mas para dizer o absurdo de que ela e os juizes "triplicavam os salários e não davam deveres aos trabalhadores!" A sua posição coincidia então com a da Federação das Indústrias que sempre foi sustentáculo do Estado Novo, mas não deixava de atacar a legislação operária que foi sendo decretada em consequência das lutas permanentes do proletariado, desse mesmo proletariado que o Sr. Milliet não tem pejo de insultar, dizendo que "a sua origem é na sarjeta." (Diário Crítico, 1.º vol. pag. 176).

OFENSAS AOS MOÇOS E AO POVO

Mas não é somente o proletariado que o pelego intelectual insulta. Também a mocidade brasileira é atingida pela sua miserável peçonha, quando diz no seu primeiro "Diário

Cosmopolitismo - Bandeira da traição Nacional

No "Dia do Desagravo Nacional", a embaixada americana distribuiu volantes em São Paulo, em plena Praça Clóvis Beviláqua, exigindo a pena de morte para os comunistas, isto é, para todos quantos, fiéis ao Brasil e ao seu povo, se opõem à dominação colonial ianque.

Esses volantes, cuja circulação a polícia de bandidos de Ademar soube garantir como a "voz do dono", em plena "ação", documentam diante de nosso povo tôda a abjeta traição das classes dominantes, que recebem abertamente, em plena praça pública, ordens do conquistador imperialista.

Enquanto, nas ruas, nas fábricas e nas escolas, se erguia a chama ardente da repulsa patriótica à conferência de guerra dos espíões-diplomatas do dólar dirigida por Kennan e Miller, nos salões governamentais, nas sedes da burguesia e dos senhores da terra, na sua imprensa e rádio, os encarregados ianques pelos governos títeres da América Latina eram festejados e saudados como amigos e salvadores.

A conferência secreta dos espíões não se desenvolveu numa ambiente de "estabilidade e segurança", de "ordem e tranqüilidade" com que os tiranos pretendiam manter em segrêdo seu verdadeiro caráter e seus verdadeiros objetivos de colonização e guerra. Ao contrário, as ações de protesto, as denún-

ISAAC AKCELRUD

(Especial para FUNDAMENTOS)

cias vigorosas, os choques duros e violentos, ao desmascarar o invasor e seus lacaios, fizeram com que se tornasse mais nítida e profunda a disposição das forças sociais e políticas em nossa pátria. Em tôrno dos americanos, em tôrno do estrangeiro, se agruparam abertamente os senhores da burguesia e do latifúndio. Em tôrno dos patriotas, dos comunistas, cerram fileiras os homens e mulheres da classe operária, as massas camponesas, a mocidade com seu vibrante entusiasmo e seus nobres ideais de uma pátria livre e feliz.

Os acontecimentos do dia seis de março contribuíram para definir mais claramente a situação. E a divisão entre esses dois campos vai, necessária e inevitavelmente, tornar-se mais profunda a cada dia que passa, tornando-os cada dia mais irreconciliáveis. A perspectiva é, pois, de lutas ainda mais ferrenhas e decididas. Porque as resoluções da conferência dos espíões e as resoluções tomadas pelo povo devem chocar-se com crescente violência, à medida que cada um dos campos envidar esforços para levá-las à prática. Qual é a resolução dos americanos e seus serviços? Podemos resumir tudo na "recomendação"

de uma comissão mixta permanente em cada país latino-americano. Isso significa que, sob a cortina já pouco enganadora de uma "comissão mixta permanente", deveremos nos submeter ao poder ditatorial de um autêntico residente colonial norte-americano, que governará nossa pátria. Isso significa a perspectiva do roubo mais descarado de nossas riquezas, da mobilização de nossa mocidade para a guerra dos trustes contra o mundo livre, da mais desbragada exploração da classe operária, da liquidação completa de nossa vida como povo livre e independente.

Aos brasileiros se apresenta, assim, o problema prático da luta contra o domínio americano de forma urgente e imediata — seja quando o operário luta contra o impôsto sindical e por aumento de salário, seja quando o estudante se rebela contra as majorações escorchantes das taxas, seja quando o camponês se ergue contra a meia e a terça e pela posse da terra que trabalha, seja quando nos opomos à entrega do petróleo, das areias monazíticas, da Hiléia Amazônica e fundamentalmente quando nos recusamos a ser carne de canhão para a guerra dos herdeiros de Hitler contra a humanidade livre e progressista liderada pela União Soviética.

O patriotismo é, portanto, militância prática, viva, quotidiana. Os fatos con-

Crítico”, que ela “não comprometeu nem se subornou. Não por mérito — afirma êle — mas pela falta de tempo, de circunstâncias favoráveis.” (Pag. 209.) Para êle, o povo também constitui elemento desprezível e incômodo. “Ter razão — diz êle — perante a turba analfabeta e bronca jamais adiantou nem resolveu cousa alguma, mesmo nas épocas como a nossa em que a massa pesa com tôda a sua vulgaridade satisfeita sôbre os destinos da inteligência.” E partindo dessa ojeriza ao povo, o Sr. Sérgio Milliet se faz adversário disto que êle chama de “alfabetização universal que leva ao domínio da vulgaridade e à invasão do inferior”, preferindo “a educação pelo condicionamento e através da série de testes indispensáveis ao peneiramento das elites.” Pretendendo ainda que êle e sua turma de subpelegos são senhores por direito de conquista dos primeiros lugares na classificação de grandes escritores paulistas, volta-se azêdo contra os novos intelectuais, dizendo que, “dentro do processo sociológico da luta do indivíduo contra a sociedade... o escritor menor é o elemento anarquista, indiscreto e desintegrador que se faz necessário esmagar ou ignorar, meio êste mais cômodo ainda de destruir.”

Desprezado e ignorado pelo povo, Sérgio Milliet atribui aos intelectuais a culpa da “decadência do ocidente” e segundo diz, foi devido a “superestimação do público que os intelectuais erraram”, apontando sempre como exemplo a imitar, o de Gide, cujo cinismo capitulacionista o deixa embasbacado de satisfação.

DANOS AOS ARTISTAS

Também em sua crítica de arte, feita de puro decalque ou de aplicação das vinte e poucas palavrinhas a que recorre sempre, para fingir cultura, a sua missão é das mais perniciosas, causando graves danos aos pintores, aos poetas, a todos os novos intelectuais, nos quais procura inocular os piores venenos da confusão, da imoralidade, do oportunismo e do reacionarismo. A sua luta é constante para convencer que a arte deve ficar no “beco sem saída”, ao contrário de se meter em política, guerra e revolução, como maliciosamente apresenta a questão. Para êle a arte tem um sentido cosmopolita, cosmopolitismo que a reação procura erigir como norma de convicção dos intelectuais. “Nesta encruzilhada da nossa cultura a arte caminha para o uni-

versal. E só os que assim a entendem resistirão aos fatos sociais das novas ordens em fermentação.” E por isto, Sérgio Milliet aconselha os artistas a permanecerem no que êle pernósticamente chama de “marginalidade,” porque, justificada com seu habitual desplante, “as novas estruturas sociais dão naturalmente aos artistas um status de líder, de pioneiro, quase de profeta”, e também porque é “o ócio do luxo que favorece em geral as artes!”

O objetivo dêsse pelego intelectual é trazer os artistas sempre debaixo da sua esfera de domínio e influência, a fim de manobrá-los à vontade, de acôrdo com os seus planos que objetivam colocá-lo em posição incontrastável de senhor absoluto do meio intelectual paulista, tornando-se êle o sumo pontífice da cultura. Para a execução de seu programa é que êle procura tutelar todos os profissionais das letras e das artes, sentenciando o seu programa assim: “O artista é em geral um indivíduo inculto. O crítico, (neste caso o pelego tinha em vista a si próprio) é um intelectual. Cabe a função mais útil ainda de explicar ao público isso tudo, valorizando o verdadeiro artista e desmoralizando o medíocre.” E para a boa execução dessa missão, aconselha por exemplo a um poeta, a solidão, em vez de contato com o “mundo vulgar.” E o Sr. Milliet não fica apenas no conselho teórico, não. Êle procura desmoralizar, ridicularizar e amedrontar os artistas e intelectuais que demonstram desejo de pôr a sua arte e a sua cultura a serviço do povo, chamando-os de “adesistas”, e para convencê-los, faz provocação com o nome de Lênin, a fim de defender o individualismo artístico. Nada de contacto com o povo, porque achá que o artista, o intelectual, são super-homens “hipersensíveis”, “quase anormais”, que formam a sua casta acima do homem comum, e por isto é que se bate contra a participação dos artistas nas lutas políticas, sentenciando que “abrigado na força de vontade e no decidido desejo de alheamento, podemos em rigor fechar os olhos para a vida política.”

Mas Sérgio Milliet devia sentir que o seu falso modernismo, meramente formal para romper com qualquer moral, sua fraqueza cultural e o nenhum valor de sua obra, assentada numa literatura parasitária que vinha de especiosa investigação de uma falsa estética sôbre trabalhos alheios, encobrendo a sua esterilidade e a sua desonestidade, não podiam oferecer a oportunidade por êle sempre desejada, de ser realmente o maior intelectual paulista, capaz de arregimen-

cretos de cada dia exigem um combate tenaz às teorias fascistas do cosmopolitismo burguês, que se destina a justificar o domínio norte-americano, a amolecer, a frear a luta patriótica sob o pretexto de que “a pátria é coisa do passado”, a pátria é um “preconceito superado no mundo de hoje.”

“Um mundo só sob o govêrno dos americanos — e tudo estará resolvido”, proclamam. Os traidores da classe operária, os corruptos e apodrecidos “socialistas”, que coaxam como as rãs pedindo um rei nas magras fileiras do “socialismo democrático” do PSB e nas matilhas “trabalhistas” e “populistas” de Getúlio, Borghi, Ademar e companhia, desenvolvem aqui um trabalho que é a tradução cabocla da obra dos “quislings” socialistas de direita europeus, procurando colocar a classe operária sob a influência yanque. Êsses senhores acusam os comunistas de “estar a serviço da URSS”, de “patriotas russos”, difamando o internacionalismo proletário e opondo-lhe o cosmopolitismo burguês.

Ê preciso sacudir tôdas as vacilações oportunistas, e romper com tôdas as influências ideológicas, estranhas, burguesas e cosmopolitas, para declarar abertamente e sem reboços que o camarada Stálin é o chefe dos trabalhadores do mundo inteiro e portanto também dos trabalhadores brasileiros. Ê o momento de reafirmar vigorosamente a nossa fidelidade à União Soviética e de mostrar às massas que o internacionalis-

mo proletário exige a mais abnegada defesa da soberania nacional, o mais ativo e conseqüente patriotismo. A defesa da paz, a solidariedade à União Soviética, são inseparáveis da defesa do Brasil, da liberdade e do bem-estar dos brasileiros.

A propaganda imperialista do cosmopolitismo se desdobra em todos os setores, apoiando-se na “superioridade do modo de vida americano.” Ê dêsse confronto entre a “superioridade” dos yanques e a “inferioridade” dos brasileiros que os traidores da pátria extraem a conclusão de que devemos submeter-nos aos gringos. Êles são os melhores técnicos, os dirigentes mais capazes, organizadores mais eficientes. E nós, pobres diabos mestiços, analfabetos e incapazes, ainda não educados para a democracia, se quisermos viver, devemos concordar que os americanos mandem e desmandem em nossa casa.

Ê isso o que diz o udenista Raul Fernandes, ministro do exterior de Dutra, quando afirma que “giram na órbita do colosso.” Ê uma pura expressão de cosmopolitismo burguês a “carta mal-dita” do nojento sabujo yanque Corroia e Castro, quando escreveu a Snyder pedindo aos Estados Unidos que nos “carregassem às costas.” Ê essa política que abre as portas de nossos quartéis aos generais americanos, que franqueia posições estratégicas de nosso território para que nêles os gringos instalem seus soldados e hasteiem a sua bandeira. Ê êsse o princípio diretor da política indigna e intolerável que faz que os tra-

balhadores rurais brasileiros, que fogem do latifúndio, sejam abandonados à miséria e à tuberculose, oferecendo quase diariamente aquêles confrangedor espetáculo dos “retirantes” na estação Roosevelt, enquanto o rebotalho fascista da Europa é trazido para cá e aqui recebido com tôdas as galas — terras, empregos, facilidades de tôda ordem. Agora mesmo, mais de 70% das terras da Baixada Fluminense vão ser entregues a estrangeiros importados, enquanto são assassinados camponeses brasileiros sem terra que lutam pela revolução agrária e anti-imperialista.

Quando afirmamos que o petróleo é nosso, respondem-nos que somos “jacobinos”, tentando fazer do patriotismo algo vergonhoso. Em Santos, a polícia impediu uma demonstração diante do monumento a José Bonifácio porque o volante de convocação do povo falava em cultivar e preservar o legado do patriarca da independência. Tôda essa ação prática da traição cosmopolita se baseia no “princípio” de que os Estados soberanos devem transformar-se em municípios de um superestado, dirigido por um supergovêrno naturalmente sob contrôle norte-americano. Transformar o Brasil num município yanque, eis o que pretendem. E dessa forma ficará mais fácil e até “legal” a entrega do petróleo à Standard Oil, a renúncia da soberania sôbre a Hiléia Amazônica e também sobre São Paulo, a mobilização de nossa mocidade sob o comando de generais

tar em torno de si tôdas as simpatias e o respeito do meio cultural de S. Paulo.

O DESPEITO CONTRA OS MAIORES VALORES

Sua vaidade pessoal e sua ambição de ser o máximo intelectual, levam-no a mover uma luta surda, mas persistente e desleal, contra os verdadeiros valores culturais paulistas, sobretudo contra Mário de Andrade e Monteiro Lobato, que, em vida, lhe faziam sombra incômoda. Queria ser soberano em S. Paulo, mas para atingir essa posição, se lançou na tarefa indigna de denegrir e diminuir o valor dos autores de "Café" e de "Zé Brasil". Em sua crítica, ataca Mário de Andrade, que lhe abriu uma estrada que não foi capaz de trilhar, dizendo-o ignorante, malabarista e mascarado, e no seu ataque reponta a mágoa ao grande escritor, porque êste não deixava de usar aspereza para apontar a ignorância e a imbecibilidade vaidosa de Sérgio, de que Mário não fazia segredo nas rodas de seus amigos. Também Lobato foi alvo de azinhavre do pelego intelectual paulista, a quem atribuía "alguma imaginação, pobre contudo porque pouco criadora", afirmando mais a respeito do precursor da literatura infantil brasileira, que êle tinha "sob a máscara bonançã o rictus cruel de quem, por farsa, comete uma má ação."

Não só a obra literária de Lobato se fêz alvo da campanha de aviltamento do Sr. Milliet. Êle procurou também atingir o patriota que lutou pelos grandes problemas nacionais, na sua atividade política, menosprezando e diminuindo o significado e a repercussão de sua prisão, ao defender o petróleo de nossas terras. Para o pelego, ela era uma prisão sem importância, de quem, por ser sempre "do contra", estava afeito a sofrer de vez em quando o resultado de sua atitude.

Portinari, o grande pintor do povo brasileiro, já foi há anos alvo dos mais rasgados elogios do Sr. Milliet, mas bastou que o artista se colocasse ao lado das causas populares, para que sua obra passasse a sofrer tôlas restrições do pelego, como aconteceu ultimamente com relação ao vigoroso painel de Tiradentes. Em 1945, no calor dos acontecimentos que se desenrolavam em ritmo vertiginoso, não deixou de pôr a campo o seu oportunismo, dando umas premeditadas pinceladas esquerdistas na sua literatura, chegando mesmo a tecer alguns elogios a Astrojildo Pereira, Jorge Amado, Caio Prado Júnior, Dalcídio Jurandir, Ilia Ehren-

burg, num desejo evidente de fazer média, o que no entanto não teve longa duração, porque seu objetivo era apenas comprar indulgências e simpatia para melhor executar os seus planos de pelego desagregador.

PROPAGADOR DO PRECONCEITO DE RAÇA

A sua verdadeira posição era a do reacionário, que, dizendo-se não estar interessado em definições políticas, não deixava de se revelar indigno racista, ao fazer estudos sobre o Aleijadinho, como se pode verificar no seu primeiro "Diário Crítico," ao afirmar que "... o herói (o Aleijadinho) se levanta da mais desprezível camada da sociedade colonial: a dos mulatos." Nem há dúvida que o Sr. Milliet, sentindo depois o efeito de suas palavras, procurou desdizer-se, fazendo mais tarde chôcha declaração de anti-racismo, negando ao mesmo tempo a existência de preconceito de raça em S. Paulo, onde afirma existir contra o negro, apenas um preconceito de côr... Mas a sua posição contra o negro ficou de pé, a ponto de defender o racismo norte-americano, ao afirmar que não existe situação insustentável para o homem de côr na América do Norte, e que a grita que fazem os negros nas terras ianques sempre aumenta, quanto mais liberdade lhes é concedida. E a sua retratação de não ser racista e contra o mulato, sai com palavras que constituem na verdade a confirmação da existência de seu preconceito: "Há entre nós, realmente, uma intenção de brancura, que se chegar a constituir um preconceito é bastante forte para repelir uma política de valorização excessiva do mulato." (Diário Crítico, 5.º vol., pag. 105).

PREGOEIRO DA CULTURA DE DECADÊNCIA

Tudo isto denota a sua predisposição, sempre revelada e provada, para ser o serviçal do imperialismo e da cultura decadente dos americanos, não tendo tido mesmo nenhum escrúpulo em escrever seu roda-pé de elogio de "Seleções do Reader's Digest", ao ser lançado o seu primeiro número no Brasil, como repositório da propaganda reacionária. Trata-se para êle de "uma espécie de cultura "for the million", como afirmou em seu comentário, talvez muito bem remunerado. Seu encantamento por essa literatura de confusão e amoralidade entrosa muito bem com o mau caráter que possui, a ponto de achar que "a literatura norte-americana

ianques para a matança de uma nova guerra.

O infame tratado de Iquitos, criando o Instituto da Hiléia Amazônica, é a mais gritante aplicação prática do cosmopolitismo. A ditadura Dutra renuncia aos direitos soberanos do Brasil à metade de seu território, comprometendo-se a pagar o sustento dos novos donos que não estão sujeitos às leis do Brasil e podem organizar um exército próprio. Além disso o "Instituto" pode vender o solo e o subsolo, isto é, entregar o petróleo à Standard Oil e os brasileiros que empregarem perderão os direitos de cidadania, tornando-se "cosmopolitas".

O cosmopolitismo burguês está na raiz de todos os atentados contra as conquistas dos trabalhadores brasileiros. Se somos um "município americano" que significação pode ter a lei dos dois terços? É preciso acabar com a lei dos dois terços, como já foi feito na indústria de guerra instalada febrilmente em Santo André, para lançar ao desemprego os trabalhadores brasileiros e abrir vaga para tudo quanto é gringo que os americanos queiram pôr em seu lugar. É evidente que essa "alienação da soberania", êsse cosmopolitismo serve para encobrir as atividades de espionagem desenfreada dos Estados Unidos em nossa pátria. Aí estão êles instalados em todos os ministérios e na polícia. E quem não sabe que o tira americano John Hubner, do FBI, está atuando rasgadamente em S. Paulo? O cosmopolitismo põe o rótulo de "boa vizinhança" para

encobrir as vergonhas da mais cínica espionagem.

O cosmopolitismo visa embotar a sensibilidade patriótica dos brasileiros até o ponto em que a "opinião pública" ache normais todos êsses fatos, inclusive o de morrer numa guerra para que os magnatas americanos se salvem da crise e acumulem mais alguns bilhões de dólares.

O cosmopolitismo burguês, êsse veículo da dominação ianque, traz no seu seio o veneno da propaganda de guerra. Por isso desenvolve um intenso esforço para corromper a mocidade das fábricas e das escolas. Não é por acaso que o nauseabundo Chateaubriand prega o "emprego cooperativo" de nossas bases, uma "política militar atlântica."

Nesse terreno, desempenha o seu papel de "quisling" o udenista Clemente Mariani, ministro da educação da ditadura Dutra. Provocou indignação a sua circular secreta, impondo aos professores das Universidades o papel de policiais e delatores dos estudantes comunistas, a obrigação de dissertações anticomunistas, tudo sob o pretexto de que assim se faz nos Estados Unidos. E mais recentemente violou cínicamente a autonomia da União Nacional dos Estudantes para impedir as manifestações de nossa mocidade nas jornadas contra o colonialismo. Realmente não pode tolerar a luta contra o colonialismo quem está a serviço da colonização do Brasil pelos Estados Unidos.

Um trabalho pertinaz e constante é desenvolvido pelas histórias em quadrinhos, pelas revistas do tipo "Seleções", êsse órgão mundial do cosmopolitismo editado nos Estados Unidos, do tipo do Sheriff, que se destina a incutir a mentalidade do gangster-policia nos nossos adolescentes. Não é por acaso que o III Congresso Nacional de Jornalistas, reunido em fins do ano passado, aprovou por unanimidade o parecer patriótico da sua Comissão de Ética que condenou essa literatura e êsse jornalismo como "desnacionalizante e como verdadeira ocupação ideológica de nossa pátria."

Em São Paulo, como em outras capitais, funciona a "União Cultural Brasil-Estados Unidos", que desempenha importante função nesse trabalho de desnacionalização e prepara quadros nativos para a conquista da nossa mocidade em proveito do cosmopolitismo burguês, isto é, da dominação ianque e sua propaganda de guerra. Tudo leva o rótulo inocente de cursos de inglês. Na aula inaugural do "oitavo seminário para professores de inglês", a 11 de janeiro de 1950, o professor Montgomery Meryman deixou bem claro que não se trata apenas de aprender inglês e adquirir maior domínio e fluência no uso da língua. "You will learn something about the way of living past and present, of the people who speak the language of the United States." "Aprendereis alguma coisa sobre o modo de vida, no pas-

(continua à pag. 18)

entrou numa fase de amadurecimento, de esplendor, única nos anais do mundo moderno", e isto é dito assim sem deixar por menos. No entanto, sua viagem aos Estados Unidos somente lhe possibilitou registrar fatos banais e corriqueiros, como uma pescaria de iate em Miami, um anúncio funerário em tórno do qual fez literatice, um edifício muito alto entrando e saindo gente como formiga, o suicídio de uma cantora, um leão do zoo de Nova York, e nada mais viu nem lhe foi mostrado, através da cegueira intencional de que se muniu.

Fazendo praça a todo momento de seus inexistentes conhecimentos de sociologia, mesmo dessa sociologia norte-americana que diz ser a mais adiantada, mas que é alvo, como êle mesmo registra do escárnio dos leigos e da descrença dos homens cultos, o Sr. Sergio Milliet é defensor de uma sociologia de canastrões insensíveis, porque, segundo a sua cômoda orientação, "o cientista social não deve ter jamais a preocupação de "resolver" os problemas que estuda, mas ter somente a de entendê-los e expô-los." Partidário assim da sociologia "não participante" e da ciência pura sem objetivo, encontrou o meio de fugir por muito tempo à sua definição aberta, que lhe garantiu a vidinha cômoda e proveitosa do Estado Novo, praticando apenas o palavreado rebarbativo com que tentava fingir cultura e encobrir o seu manobristo e sua capitulação à reação e ao imperialismo.

E é impressionante a sua posição de quadro da reação imperialista, porque êle não se nêja ao negar a existência de qualquer perigo do imperialismo no Brasil, e atribui a constatação desse perigo a "êrro puro e simples de visão e interpretação sociológica", porque o seu ponto de vista americanizado é de que no Brasil existe apenas o "desabrochar de um imperialismo interno, fixando-se no predomínio político das regiões ricas e se deslocando segundo o desenvolvimento das riquezas naturais das diversas zonas." Procura o pelego intelectual, com isto, desviar a luta do povo brasileiro contra os seus opressores imperialistas, para se dedicar a uma atividade antipatriótica e desagregadora de umas contra outras regiões do país.

CONTRA A INDÚSTRIA E AS RESERVAS DO SOLO BRASILEIRO

Já em 1945, o Sr. Milliet se fêz pregoeiro da tese de que não havia petróleo no Brasil, nem carvão, nem metais especiais, nem mão de obra especializada, revelando assim o seu supremo derrotismo entreguista aos trustes e ao imperialismo americano. E sem cerimônia, confessava a sua posição capitulacionista ao se referir ao "quase" colonialismo da nossa mentalidade", "conservando no fundo da nossa impotência todo o rancor dos escravos contra os senhores." É que êle já estava alinhado nas fileiras dos defensores da penetração do capital estrangeiro no Brasil (naturalmente o norte-americano) e passa a lamentar as "falhas de nossa legislação social e econômica que não favorece a imigração e os investimentos estrangeiros..." Nessa posição de renegado, só podia ser contra nossa indústria incipiente e a favor dos imperialistas. "Só pensamos em quebrar o padrão, diz êle, de nossa moeda, para proteger a produção das fábricas obsoletas e cercamos nossas importações de medidas burocráticas absurdas. Faltam-nos capitais e quando algum estrangeiro se aventura a trazê-lo xingamos o ingênuo de espião, de imperialista, de agente colonizador." Valem por si mesmas estas suas palavras de traição nacional, de laçao vendido aos exploradores e aos espões do tipo de Miller e Kennan, que êle já vinha defendendo por antecipação.

MILITANTE DO ANTICOMUNISMO

E' perfeitamente compreensível que, dessa posição ostensiva do pelego Milliet contra a nossa indústria e pela abertura de nossos portos aos estrangeiros, como passou a apregoar, a sua definição tinha que ser a de militante da primeira linha do anticomunismo, a destilar todo o seu ódio contra a União Soviética, contra o Partido Comunista, contra enfim todo o campo das democracias populares, do progresso e da luta contra a preparação guerreira, em defesa da paz e da cultura. Apoiado nessa literatura de provocação policial de renegados, traidores e dissolutos, como Kravchenko, Valtin, Koestler, Sartre e outros, o Sr. Milliet sai com as mesmas diatribes goebelianas de povoação para prever, já em 1945, como agente policial da reação muito em dia com a vontade de seus amos, o fechamento do Partido Comunista. Soprado por seus comparsas trotskistas, chegou a ter

a ousadia de falar sobre a moralidade dos comunistas, quando a sua posição é de defensor de perversões, agente provocador e aproveitador de uma atividade literária malsã e pornográfica, a serviço do atraso e da desmoralização.

Para dar um ar de superioridade em suas aregas anti-comunistas, finge-se o Sr. Milliet de antigo militante comunista e velho estudioso do marxismo, no que já foi desmascarado até mesmo, por um dos seus subpelegos, que teve a indiscrição de lhe escrever uma carta interpelando-o sobre esse seu passado e com isto o forçou a desdizer-se vergonhosamente, deixando o pelego bem claro que nunca teve nem podia ter a honra de pertencer a um organismo de partido, nem mesmo teve qualquer contato com o marxismo. Não passava a sua alegação de mero saque para melhorar seu cartaz junto aos amos imperialistas e à polícia. Apesar desse seu desmascaramento, não tem mais deixado, a três por dois, de afirmar com empáfia que o marxismo está superado e que seus "desenganos" com Marx resultam do "vazio relativista perigoso dessa ciência." Já em 1947 levantava o problema da necessidade, que considerava imprescindível, de "unir tôdas as fôrças sadias" contra a União Soviética, e nessa mesma época, verberava na coluna de "O Estado" a "covardia" de não ter levantado com mais veemência a luta anticomunista no Congresso de Escritores de Belo Horizonte.

OS PELEGOS SABEM O QUE QUEREM

Sérgio Milliet tomou bem conscientemente a sua posição e êle não a esconde. Nós é que não quisemos anotar o conhecimento dela, até o momento em que êle e seu grupo abriram o jôgo do policialismo ostensivo, publicando o manifesto contra o congresso da paz e da cultura. Estavam êles então em pleno funcionamento a serviço da reação e não era o manifesto a primeira tarefa que cumpriam, mas ao contrário foi êle o resultado de muitas outras posições que anteriormente vinham ocupando. O Sr. Milliet confessava em 1946 que a sua definição já estava traçada, quando dizia em seu "Diário Crítico": "Escolhemos a gaiola em que podemos cantar. Ao pássaro não importa entendam os homem o que êle canta. Ao intelectual pouco se lhe dá compreendam ou outros as palavras dêle" e então confirma a sua opinião de que, para êle, o intelectual é um serviçal do regime dominante, que só vê escravidão, por isto prefere vender-se aos poderosos. Com espantosa desenvoltura deixa nas páginas do seu primeiro "Diário Crítico" a inqualificável confissão que bem espelha o intelectual da decadência, da reação anticultural: "A desconfiança das massas contra o intelectual (intelectual venal, como os de seu grupo, acrescentamos nós) justifica-se exatamente por essa incapacidade de se sujeitar ao nivelamento e pela capacidade dêle de se vender aos que melhores condições de vida e de produção lhe oferecem. Ora, uma educação política mais antiga e uma estabilidade maior fazem com que o capitalismo seja êsse ofertante. Não só pelo que paga como também pelas licenças que autoriza. As massas pagam mal e não entendem as liberdades que não lhes foram jamais familiares."

E com isto, dentro do seu plano de sabotar uma cultura humanista ligada à vida do povo, de lançar a confusão e a divisão a serviço da preservação de uma arte e uma literatura decadentista e reacionária, Sérgio Milliet, vai tocando para a frente o seu obscurantismo, como em muitos exemplos cretinos que se podem citar: ora apresentando a divisão técnica do romance em biológico, sociológico, psicológico, metabólico, glandular, histórico, determinista, etc.; ora pontificando que as relações sociais são não só as econômicas, mas também se influenciam por fatores biológicos, geográficos e sentimentais; ora apontando a existência não só do método histórico dialético mas também o etnográfico e o estatístico; ora "descobrimo" que existem diversas "posições políticas", como sejam, fascismo, comunismo, cepticismo científico, relativismo sociológico, refúgio em si próprio, aconchêgo em Deus, política socialista cristã, etc.; ora tirando finalmente as suas últimas conclusões de que "a idéia da sobrevivência da alma, de sua essência divina, é-nos tão necessária que se, sinceramente, abdicarmos a ela, vamos em linha reta para o suicídio ou o cinismo." ("O Estado", 23-10-49). Sérgio não se suicidou. Ficou com a sobrevivência da alma, com o seu cinismo e com a reação, a que serve com zelo e entusiasmo.

Entretanto não fica nisto. Êle é militante político ativo, como elemento de proa de Adhemar de Barros, de cujos planos é servidor fiel através do departamento de cultura da municipalidade e sob a chefia do Sr. José Barros Martins, de quem é dileto e imediato auxiliar da mais elevada cate-

goria. Todo o programa ademarista de penetração e corrupção no meio intelectual encontra em Sérgio Milliet e seus sequazes, os mais entusiastas executores, que completam assim a sua missão policial contra todos aqueles que se batem por uma cultura de libertação nacional e de paz entre os povos.

Ao mesmo tempo, como sinal bem marcado de seu aventurismo, Sérgio Milliet e sua trupe procuram passar aos olhos do povo como militantes políticos de oposição, e essa mistificação eles praticam através de sua posição lógica de elementos de proa do partido socialista, e por meio dela fingem ser adversários da situação dominante no Estado, da qual eles são na verdade usufrutuários. Nas hostes dessa agremiação de mistificadores e renegados do socialismo, executam toda a sua sanha anti-revolucionária e antilibertadora, para melhor servirem aos interesses da classe dominante e do imperialismo.

Não importa que Sérgio Milliet tenha tido alguns poucos votos nas eleições a que concorreu para disputa de cadeiras no legislativo. A sua escassa votação é o exemplo do desprestígio que lhe dispensa o povo. O que interessa, entretanto, a esse pelego intelectual é dar a impressão (dentro do seu "socialismo sem ideologia" sempre defendido por seus apaniguados) de que é político de oposição — oposição meramente simulada, é claro, como é norma em seu partido — com que procura enganar as massas, na vã esperança de que o seu bando conseguirá com isto captar a confiança dos descontentes e dos vacilantes, diante dos abusos e dos crimes dos homens do poder, quando é sabido que os pelegos intelectuais estão de acordo e são coniventes com esses atos.

E o pelego Milliet vai assim ocupando a sua posição lógica de agente do campo imperialista, procurando causar o máximo prejuízo, com suas manobras destinadas a impedir que os escritores brasileiros prossigam na tradição de luta libertadora que vem desde Gregório de Matos, Castro Alves, Cipriano Barata, e prossegue com Lima Barreto, Euclides da Cunha e muitos outros.

UMA ADVERTÊNCIA E UM DEVER

O peleguismo e o policialismo de Sérgio Milliet e seu grupo de subpelegos não têm sido perniciosos somente aos intelectuais e aos artistas. Muito atingida é também a mocidade brasileira pela nefasta influência desagregadora e corruptora desses indivíduos que, aos poucos, vão solapando as virtudes peculiares aos jovens, para inocular-lhes o germe da devassidão e do oportunismo. Ao povo também, ainda que não tenha contato direto com a sua literatura, vão eles produzindo os danos irreparáveis, como o sangue que se verteu na praia do Flamengo, por ocasião da inauguração do congresso nacional da paz, o criminoso fuzilamento dos bravos camponeses de Tupã, do portuário de Santos, de Malvone na praça do Patriarca, tudo porque esses pelegos do meio intelectual paulista contribuíram com a justificação de que se serviram os policiais para os crimes e abusos que praticaram. Grandes danos vão eles causando também com a sua política divisionista, à Associação Brasileira de Escritores, que desejam empolgar como propriedade particular do grupo, para seus manejos de panelinha. E' exemplo típico disto, a manobra cavilosa que puseram em prática para golpear a unidade dos intelectuais até do III Congresso da Bahia, que, por sua relevante importância, é alvo de feroz oposição dos pelegos.

E' um erro considerar tais tipos como inofensivos, deixando-os continuar na sua obra impunemente como "imparciais", "apolíticos" ou "inofensivos". O dever de todos nós, de hoje em diante, é promover o desmascaramento sistemático desses agentes da reação, para que eles não consigam matreiramente passar por "esquerdistas" e orientadores dos intelectuais, quando não são mais do que instrumentos muito bem preparados para a campanha de confusão que visa desviar as massas populares, os intelectuais e os artistas progressistas do único rumo que leva à democracia, à libertação nacional e a uma cultura libertadora fundada nas tradições e nas virtudes do nosso povo.

A luta contra esse bando constitui uma das finalidades do campo da paz, porque somente com a liquidação dos pelegos como os que compõem esse grupo e com a eliminação dos efeitos de suas manobras no meio intelectual, é que se fará obra coerente com a tradição de verdadeira cultura em nossa terra.

NASTIA

(Conto Soviético)

KONSTANTIN PAUTOVSKI

Durante a noite, nas montanhas do Ala-Tau ouvia-se o surdo rugir da tempestade. Assustado pelo trovão um enorme gafanhoto verde entrou voando por uma janela do hospital e pousou na pequena cortina de renda. O tenente Rúdnev, que jazia ferido, inclinou-se na cama e deitou um longo olhar para o gafanhoto e para a cortina... Nela acendia-se com o vivo fulgor dos relâmpagos um complicado arabesco de rosas e de pequenos galos cristudos.

Chegou a manhã. O amarelo céu tempestuoso ainda exalava vapor. Dois arco-iris paralelos desciam sobre os altos dos morros. As flores das peônias silvestres, orvalhadas, ardiem no parapeito da janela como brasas em um braseiro. Fazia um calor sufocante. O vapor se levantava por cima das rochas úmidas. Em um barranco escondido sussurrava um ribeirão, arrastando as pedras.

— Ásia, Ásia — disse Rúdnev, suspirando —. Mas o bordado da cortina é nosso, do norte, com certeza, obra de alguma bela Nas'ia.

— Por que pensa assim?

Rúdnev sorriu.

— Vem-me à memória — disse — um fato ocorrido em minha bateria, nos arredores de Leningrado.

E relatou a seguinte história.

No verão de 1950 o pintor leningradense Balachov pôs-se a caçar e a trabalhar nos desertos do norte.

Na primeira aldeola que lhe agradou, Balachov abandonou o velho barco e alojou-se na casa do mestre-escola.

Naquela aldeia vivia com seu pai — guarda florestal — a bela Nastia, bordadeira famosa naquelas cercanias. Nastia era reservada e de olhos cinzentos, como todas as nortistas.

Uma vez, durante a caça, o pai de Nastia, por descuido, feriu com um tiro no peito a Balachov. Levaram o ferido à casa do mestre-escola. Sucumbido com a desgraça, o velho mandou sua filha para tratá-lo.

Nastia tratava, pois, de Balachov, e da pena pelo ferido nasceu o amor, o primeiro amor da moça. Mas as manifestações daquele sentimento eram tão tímidas, que Balachov não se apercebeu de coisa alguma.

O pintor tinha sua mulher em Leningrado, mas jamais tinha falado dela a qualquer pessoa, nem mesmo a Nastacia. Na aldeia todos pensavam que ele fôsse solteiro.

Quando a ferida cicatrizou, Balachov regressou a Leningrado. Antes de sua volta apresentou-se na casa de madeira de Nastia, sem ter sido previamente convidado para agradecer-lhe pelos seus cuidados, e levou-lhe um presente que a moça aceitou.

Era a primeira vez que o pintor visitava o Norte e não conhecia os costumes locais. Não sabia que se um homem ia sem prévio convite visitar uma moça em sua casa e lhe levava um presente, era considerado como seu noivo, se o presente fôsse aceito. Assim se fala no Norte de amor.

Nastia perguntou timidamente a Balachov quando voltaria de Leningrado à aldeia. Ele, sem suspeitar nada, respondeu-lhe brincando que logo voltaria.

Balachov foi-se e Nastia ficou esperando. Passou um maravilhoso verão, passou o úmido e triste outono, mas Balachov não voltava. A espera alegre e impaciente trocou-se, em Nastia em aflicção, desespero, vergonha. Toda a aldeia já murmurava que o noivo a tinha enganado. Mas Nastia não o acreditava. Estava convencida de que a Balachov ter-lhe-ia ocorrido alguma desgraça.

A primavera trouxe novos sofrimentos. Veio tardia e prolongou-se por muito tempo. Os rios, transbordados, resistiam em voltar a seu leito. Somente em princípios de junho passou diante da aldeia, sem deter-se, o primeiro barco.

Nastia decidiu ir às escondidas de seu pai a Leningrado e ali procurar a Balachov. Saiu de noite da aldeia e ao cabo de dois dias chegou à linha do trem de ferro. Na estação inteirou-se de que a guerra tinha estourado naquela mesma manhã. Através do enorme país, levantado em pé de guerra, a moça campestre que jamais tinha visto um trem chegou a Leningrado e procurou a casa de Balachov.

Saiu para abrir-lhe a porta a esposa de Balachov: uma mulher magra, ruiva, de pijama e com um cigarro entre os dentes.

fundamentos

Olhou a Nastia com fria irresolução e disse-lhe que Balachov não estava em casa. Achava-se na linha de frente, nos arredores de Leningrado. A mulher ruiva recebeu a Nastia com desconfiança e mofo. Não seria aquela a bela aldeã simplória que tinha sido a causa de suas divergências conjugais?

Nastia soube a verdade: Balachov era casado. Tinha-a enganado, tinha zombado de seu amor. Nastia sentiu-se em situação terrivelmente desagradável ao falar com aquela mulher gritadeira e besuntada com várias côres. Assustava-a ver-se em um aposento da cidade, entre velhos divãs forrados de sêda, pós derramados, e insistentes chamadas telefônicas.

Desesperada, saiu à rua. Errava pela imensa cidade, convertida em acampamento de guerra e não dava conta nem aos canhões anti-aéreos nas praças, nem dos monumentos protegidos com sacos de areia, nem dos frescos jardins seculares, nem dos grandiosos edifícios.

Chegou ao Neva. A água negra e limpa do rio corria ao nível das margens de granito. Ali naquela água, estava a libertação da ofensa insuportável e de seu amor. Nastia tirou da cabeça o velho abrigo, presente de sua mãe, e o dependurou no corrimão. Depois arranjou as grossas tranças e pôs o pé na saliência de uma lage.

Alguém agarrou-a por um braço e Nastia virou-se. Um homem magro, com as escôvas de encerador sob o braço, achava-se de trás dela. Sua roupa de trabalho estava salpicada de tinta amarela.

O encerador moveu a cabeça e disse lacônico:

— Estás louca? Ou estás bôba? Quem faria isto num tempo destes?...

O encerador Trófimov levou Nastia a sua casa e a confiou à sua mulher, que cuidava de um ascensor. Era uma mulher rebelde e resolvida, que desprezava os homens.

Os Trófimovs deram alojamento a Nastia em seu porão. A jovem esteve muito tempo doente. A mulher de Trófimov foi a primeira que disse a Nastia que Balachov não era em absoluto culpado, pois ninguém tinha a obrigação de saber os costumes do Norte e que somente uma aldeã como ela podia enamorar-se perdidamente do primeiro homem que via.

A mulher discutiu com Nastia, mas Nastia pôs-se contente. Alegrava-a saber que não tinha sido enganada. E em seu coração renasceu a esperança de ver-se outra vez com Balachov.

O encerador foi pouco depois chamado para o exército e a mulher e Nastia ficaram sôzinhas.

Quando Nastia melhorou, a mulher de Trófimov levou-a para fazer um rápido curso de enfermeira. Os professores médicos de Nastia surpreendiam-se ao ver sua habilidade para fazer as ligaduras, e da agilidade de seus dedos finos e firmes.

— Por algo sou bordadeira — esclarecia-lhes Nastia com timidez.

O primeiro inverno do sítio, com suas espantosas noites, com seus canhoneios, tinha passado. Nastia, terminado o rápido curso, esperava ser enviada à linha de frente e durante a noite pensava em Balachov e em seu velho pai: até o fim de sua vida

com certeza, não compreenderia porque ela teria escapado de casa sem dizer nada. Não discutiria com ela, e perdoaria tudo, mas não o compreenderia.

Na primavera, finalmente, enviaram-na ao fronte de Leningrado. Por toda a parte, nos arrasados parques dos palácios, entre as ruínas, nos incêndios, nos refúgios, nas baterias, nos pequenos bosques e nos campos, Nastia procurava Balachov, perguntava por ele.

Nastia encontrou-se com o encerador e este contou a todos os soldados de sua unidade a história daquela moça nórdica que procurava na linha de frente o homem querido. Os rumores sobre a jovem começaram a crescer, a estender-se rapidamente, como uma lenda. Passavam de unidade em unidade, de uma bateria a outra, difundiam-nos os motoristas, os choferes, os sanitaristas, as ligações. Chegou aos mais longínquos rincões do fronte.

Os combatentes invejavam o homem desconhecido ao qual buscava a moça e recordavam sua amada. Cada um a tinha tido em sua vida de paz e cada um guardava em sua alma a recordação dela, como guardava as cartas de sua mãe. Ao contar uns aos outros a história da moça nórdica, os combatentes alteravam os detalhes segundo sua fantasia.

Cada um jurava que Nastia era de sua própria aldeia. Os ucranianos a consideravam sua; os siberianos também; os de Riazán asseguravam que Nastia era de Riazán; e incluso os Kasajos das longínquas estepes asiáticas diziam que aquela moça tinha chegado ao fronte com certeza, do Kasajstán.

A história de Nastia chegou até a bateria de costa na qual prestava seus serviços Balachov. Este, da mesma maneira que os combatentes, ficou impressionado com a história da moça desconhecida que buscava o amado. E surpreendido pela força de seu amor, pensava freqüentemente naquela jovem. Começou até a invejar o homem amado por ela. Como podia imaginar que se invejava a si mesmo!

Balachov era infeliz. Seu matrimônio fôra um erro. Outros tinham sorte. Toda sua vida tinha sonhado com um grande amor, mas já era tarde para pensar naquilo: tinha as têmepras prateadas...

Ocorreu que Nastia encontrou finalmente a bateria na qual havia servido Balachov; mas a este não o encontrou: fazia dois dias que fôra morto e enterrado em um bosque de pinheiros às margens da baía.

Rúdnev ficou um momento em silêncio.

— E que ocorreu depois?

— Depois? — repetiu Rúdnev —. Depois ocorreu que os combatentes bateram-se como leões, e varremos a linha de defesa alemã que tínhamos diante de nós. Mandamo-la para os ares e caiu a terra feito pó e barro. Tenho visto pouquíssimas vezes homens tão freneticamente enfurecidos.

— E Nastia?

— Nastia? Entregamos todos seus cuidados aos feridos. É a melhor enfermeira de nosso setor.



CIPRIANO BARATA,

“... Dos males nunca gemo soçobrado,
.....
Mordo os ferros, e altivo ranjo os dentes, Desafio os tiranos mais potentes”.

CIPRIANO BARATA

“A imprensa, com um prestígio inigualável, assumiu a direção do movimento (liberal), quer na capital do império, quer nas províncias mais progressivas” — **BASÍLIO DE MAGALHÃES**, Estudos de História do Brasil, pág. 30.

NASCIMENTO E EDUCAÇÃO

Cipriano José Barata de Almeida nasceu na freguesia de São Pedro Velho, cidade do Salvador, no dia 26 de setembro de 1762, tendo por pais o tenente Raimundo Nunes Barata e d. Luísa Josefa Xavier.

Terminados os estudos primários na própria Bahia, viajou para a Europa, indo matricular-se na Universidade de Coimbra. Frequentou no tradicional educandário os cursos de filosofia (1786) e matemática (1787), bacharelando-se na primeira dessas disciplinas em 1790. Estudou, também, medicina, mas não concluiu o curso.

De regresso à Bahia, trazendo diplomas de cirurgião e de bacharel em filosofia e matemática, consorciou-se com d. Ana Joaquina de Oliveira, da qual houve seis filhos. Dentre seus descendentes ilustres contam-se Atanagildo Barata Ribeiro, oficial de marinha, veterano da Guerra do Paraguai, engenheiro naval e poeta; Cândido Barata Ribeiro, médico, abolicionista, republicano, presidente do Conselho Municipal do Rio de Janeiro (1891/2), primeiro prefeito do Distrito Federal (1892/3) e senador federal (1900/9); e Agildo da Gama Barata Ribeiro, chefe militar da insurreição de 1935, no Rio de Janeiro, e famoso lutador anti-imperialista.

Na terra natal, Cipriano Barata dedicou-se à cirurgia e à lavoura açucareira, ao mesmo tempo que exercia atividades políticas entre os agricultores.

Tão perigoso se revelou à fé cristã e à ordem estabelecida que o padre José da Fonseca Neves, de Abrantes, denunciou-o à Coroa (1798) como assíduo desrespeitador da Metrópole portuguesa e da Religião e, ainda, de “publicar as suas depravadas paixões entre os rústicos povos, já com palavras, já com escritos.”

Aquêle que “melhor mereceu o título de agitador popular” dentre todos os jornalistas da centúria passada, revelava, então, a influência dos princípios liberais franceses e da maçonaria na Bahia.

A CONSPIRAÇÃO DOS ALFAIATES

Cipriano Barata estreou como revolucionário, propriamente, em 1798, no primeiro movimento sedicioso tentado pela massa popular no Brasil.

Nosso país era, à época, uma colônia onde vigorava o sistema de monopólio a favor de Portugal. Nela, jamais pudera existir a imprensa, e o livro só circulava clandestinamente.

As riquezas do subsolo e os produtos da terra (pau-brasil, açúcar, ouro, diamantes, algodão, tabaco) pertenciam mais à Coroa lusa, através de monopólios e impostos, que aos seus legítimos donos, os portugueses e brasileiros que mineravam ou se dedicavam à indústria e às atividades agropastoris.

O incipiente impulso industrial da Colônia, possibilitado pelo clarividente Ministro de D. José em meados do século XVIII, foi, para o fim da centúria, suprimido pela desastrosa política de D. Maria I.

Ordenava um alvará de 5 de janeiro de 1785 o fechamento das fábricas de tecidos e outras do Brasil, — medida favorável à Inglaterra, a quem Portugal estava enfeudado economicamente pelo Tratado de Methuen (1703). Proibiu, também, a rainha portuguesa, o tráfego do sertão mineiro para o litoral, a fim de evitar “extravios” do ouro; vedou o cultivo da cana de açúcar, manteve o estanco do sal e exigiu o pagamento dos quintos atrasados, os quais, em 1789, subiam a 538 arrôbas, — afora outras dívidas dos mineiros.

O tratamento dispensado à Colônia — onde estas e tantas outras restrições e abusos iam despertando no povo progressivo sentimento nativista, uma como consciência de seus direitos e poderio — criou o clima que fez brotar a Conjuração Mineira, à qual José Joaquim da Silva Xavier imolou sua vida.

Antes, já Manuel Beckmann e seus companheiros se haviam revoltado contra os benefícios propiciados pela Metrópole à Igreja, na pessoa dos jesuítas. A tortuosa política destes com referência aos indígenas e africanos resultava em benefício próprio e nunca dos agricultores.

Com seus extensos latifúndios agropecuários sediados nos mais florescentes centros de comércio, servidos por mão de obra graciosa e abundante — os selvícolas aldeados sob pretexto de catequese religiosa fizeram os inácianos explodir a primeira revolta brasileira de caráter econômico (1684, Maranhão).

Seguir-se-iam a êste motim, pouco depois, os encontros entre pernambucanos e *mascates* (portuguêses) e paulistas e *emboabas* (lusos), motivados por dissídios econômicos.

Formara-se na Colônia gloriosa tradição de lutas contra Portugal e outras nações colonizadoras. Já os brasileiros haviam expulsado com vantagem os franceses do Rio de Janeiro e do Maranhão. Também, com êxito, já haviam enfrentado os holandeses em duras refregas, por anos a fio. Contra a escravidão a que estavam sujeitos, lutaram os negros durante mais de meio século, nos palmares de Alagoas (1630-1697).

Ao findar o século XVIII, novamente iriam os brasileiros manifestar-se contra o jugo ultramarino, visando em particular a abolição da escravatura, a independência política da Colônia e estabelecimento da república.

Boletins e proclamações afixados nos pontos de maior afluência da cidade do Salvador davam notícia, na manhã de



12 de agosto de 1798, do estado de ânimo em que se encontravam as camadas populares, sueitas a tôda sorte de restrições.

Dirigidos ao *Povo Bainense*, os papéis diziam das aspirações imediatas da população. Denunciavam a conivência do clero com as altas autoridades na repressão aos anseios da massa; declaravam-se contra os tributos cobrados por ordem da “Rainha de Lisboa”; batiam-se a favor da libertação dos escravos (“devia o povo ser livre e igual”).

No terreno econômico, aspiravam os autores dos boletins ao progresso e independência do comércio de açúcar, tabaco, pau-brasil e de “todos os mais gêneros”; e à abertura do pôrto de Salvador a tôdas as nações, “mòrmente à nação Francesa.”

Como remate destes anelos reclamavam a independência espiritual, com a fundação duma igreja brasileira desligada de Roma, e a liberdade do pensamento escrito e oral (1).

Dos principais mentores do movimento — “que melhor seria chamarmos de revolução proletária, atendendo ao ambiente de operários, artesãos e soldados que a propagavam e orientavam” (2) — conheciam-se José da Silva Lisboa, futuro visconde de Cairu, e Cipriano Barata, — já então havido por homem “talentoso e de grande popularidade, pela simpleza do trato e piedosa assis-

JORNALISTA POLÍTICO (*)

Por FERNANDO SEGISMUNDO

tência aos pobres, patriota ardente..." (3).

Por chefes ostensivos tinha o plano a João de Deus Nascimento e Manuel Faustino Santos Lira, alfaiates; Luís Pires, oficial lavrante; Lucas Dantas de Amorim Tôres e Luís Gonzaga das Virgens, soldados, — afora outros.

Processados e julgados, padeceram os patriotas morte na forca, uns; outros foram degredados para a África; os escravos sofreram a pena de açoites e de vendagem para lugares distantes da Bahia.

Denunciado como autor dos "papéis sediciosos", Cipriano Barata foi prêso, a mando do governador da Bahia, no dia 19 de setembro de 1798, mas somente em fevereiro do ano seguinte se lavrou o têrmo, na cadeia da Relação. A devassa rigorosa contra êle instituída nada apurou que o compromettesse. Ao cabo de três meses de encarceramento, foi absolvido (sentença de 5 de dezembro de 1799) (4).

Um seu irmão, pobre e surdo, foi condenado a três anos de degrêdo na ilha de Fernando de Noronha, por não haver delatado a conspiração.

REBELIÃO PERNAMBUCANA DE 1817

Com a transferência da Côrte portuguesa para o Brasil (1808) reavivaram-se os velhos ideais emancipacionistas, regados, ao longo dos últimos cento e cinquenta anos, com o sangue de grande numero de heróis e mártires.

Os primeiros tempos da *inversão brasileira* (5) revelaram o futuro sombrio que o absolutismo luso reservava à sua próspera possessão americana, no momento interesseiramente elevada à categoria de Reino.

Ativava-se a imigração portuguesa. Antigos parasitas sustentados pelo tesouro público vinham para aqui concorrer com os nacionais, disputando-lhes os empregos e obtendo concessões e privilégios da indústria recém-criada. Frente à nobreza despótica, fortalecia-se o antigo ódio dos liberais. A instituição monárquica desmoralizava-se ao contacto das idéias separatistas e republicanas, postas a circular com a independência das colônias britânicas da América do Norte e a revolução francesa do século XVIII.

Os portos tinham sido abertos à navegação internacional, — na verdade quase só aos navios ingleses. Exportávamos para a Inglaterra, Portugal e outras nações, principalmente para aquela, açúcar, tabaco, algodão, cacau, café, couros de boi, arroz, anil. De volta, recebíamos fazendas, calçados, produtos metalúrgicos.

O alvará de 1.º de abril de 1808 revogou o de 5 de janeiro de 1785, permitindo o estabelecimento das indústrias e a abolição dos monopólios da Coroa, excetuados os dos diamantes e pau-brasil. Estimulou-se o preparo de artífices e a instalação de fábricas. Introduziram-se as culturas do chá, do trigo e do cânhamo.

Tôdas essas providências, que outrora teriam recebido os aplausos irrestritos

dos brasileiros, afiguravam-se, agora, aos patriotas, como iniciativas perigosas, destinadas exclusivamente a cimentar a permanência da Coroa entre nós e a fortalecer, cada vez mais, o domínio português na América.

O falecimento de D. Maria I em 1816 avivou o mal-estar reinante. D. João, que já era príncipe-regente, assume o título de rei de Portugal, Brasil e Algarves. Firmava-se, no pensar dos liberais, a monarquia lusa em solo brasileiro e se afastava para sempre a independência política tão almejada.

Temeu-se o perigo, mais que suspetado, visível — da recolonização. A fim de conjurá-lo, apelaram de novo os pernambucanos para as armas. O manifesto dos rebeldes — o *Preciso* — acenava ao povo com a libertação "do pêso de enormes tributos que gravam sobre vós."

Pronta, implacável, excessiva, abateu-se a reação lusa. Ao cabo de quase três meses de pugna, durante os quais vigorou na província o regime republicano, foram presos e condenados à morte os principais chefes.

De tantos vultos magníficos que deram sua vida em holocausto às idéias progressista e ao bem-estar do povo, ficariam para sempre, na memória dos patriotas, José Inácio Ribeiro de Abreu e Lima (*Padre Roma*), Domingos José Martins, Domingos Teotônio Jorge Martins Pessoa, José de Barros Lima (*Leão Coroado*), padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro (*Padre Miguelinho*) e o jovem José Peregrino Xavier de Carvalho.

A revolução pernambucana de 1817 tinha ramificações noutras partes do Reino. A Bahia, os sublevados enviaram o *Padre Roma* para ali melhor articular o movimento.

Cipriano Barata era um dos conspiradores mais destacados, — "incansável, ora no reconcavo, ora na cidade, nos quartéis, nas boticas, por tôda a parte" (1), "benquisto pelos humildes, prestando carinhosa assistência a seus enfermos, agitando a plebe..." (6).

Ao Conde dos Arcos chegaram denúncias sobre as atividades antilusitanas de Cipriano. Um dia o Governador ordenou que trouxessem o agitador à sua presença, no Palácio. Sem preâmbulos nem delicadezas, foi-lhe dizendo:

— Seus passos andam vigiados. Cooheço-lhe tôdas as diligências. Mude de vida, se não quer que lhe mande cortar a cabeça.

Não se intimidou o denodado patriota. Pelo contrário: estreitou sua aproximação com os presos procedentes de Pernambuco. Presidiu a comitês revolucionários e promoveu meios para o sustento material dos prisioneiros (7).

DEPUTADO ÀS CÔRTEES CONSTITUCIONAIS DE LISBOA

A independência das colônias britânicas da América do Norte, as lutas empreendidas na França pelos revolu-

cionários de 1789 e as tentativas separatistas operadas pelos patriotas nas colônias espanholas da América do Sul, com tôda sorte de conseqüências delas decorrentes, contribuíam para o aprimoramento dos espíritos e incitavam à rebeldia.

Mesmo em Portugal, a onda libertária iria gerar a revolução de 1820, sacudindo a capital e o Pôrto da modorra em que imergiram após a fuga da Côrte.

Soara a última hora do absolutismo. Sepultando-o e substituindo-o, erguia-se o constitucionalismo, — o maior triunfo alcançado pela Grande Revolução em solo europeu (8).

Chegou até nós a maré montante. Antigos anseios de independência a custo reprimidos, embrionárias experiências republicanas puderam sazonar então. Violentas agitações sacudiram o Reino, indo alcançar o clímax no Pará e na Bahia. Depostos os governos locais, revesam-nos juntas em cuja composição entram finalmente os brasileiros.

Nesta última província, os acontecimentos foram encontrar Cipriano Barata a frente dos patriotas (fevereiro de 1821). Os sucessos iniciais não o satisfazem: são insignificantes face ao que resta por concluir. Decorridos cinco meses já o acusavam, perante a junta, de tramar em prol da independência total do Brasil.

Eleito deputado às Côrtes Constitucionais de Lisboa pela Bahia, empossou-se em dezembro, assinalando-se de pronto por "grandes e vigorosos discursos em favor das prerrogativas do Brasil" (9).

(continua no próximo número)

(*) Trabalho premiado pelo III Congresso Nacional de Jornalistas, reunido na cidade do Salvador (Bahia), de 4 a 12 de novembro de 1949.

(1.ª) HÉLIO VIANA — *Contribuição à história da imprensa brasileira*, pág. 447

(1) AFONSO RUI — *A primeira revolução social brasileira* (1798), pág. 13.

(2) AFONSO RUI — Ob. cit., pág. 11.

(3) AFONSO RUI — Ob. cit., pág. 66.

(4) Autores menos esclarecidos e desejosos de apoucar as figuras do porte de Cipriano Barata atribuem-lhe uma tentativa de suicídio na prisão. Cipriano costumava sujeitar-se a sangrias para melhorar seu estado de saúde. Segregado na cadeia, praticou em si mesmo o tratamento. Foi quanto bastou para que os amesquinhadores da sua glória lhe venham atribuindo o desejo de se eliminar.

(5) SÍLVIO ROMERO.

(6) AFONSO RUI — Ob. cit., pág. 112.

(7) ANTÔNIO OSMAR GOMES — Cipriano José Barata — Esboço biográfico de um patriota baiano. Artigo no "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro 12.VII.1942.

(8) "O constitucionalismo era uma obra de oportunismo; desviava a ficção da soberania, do príncipe para o povo, do rei para os congressos eletivos..."

JOÃO RIBEIRO, *História do Brasil*, 13.ª edição, pág. 422.

(9) HÉLIO VIANA — Ob. cit., pág. 456, transcrevendo juízo do Visconde de Pôrto Seguro.

CONGRESSO MUNDIAL DOS PARTIDARIOS DA PAZ

Terceira reunião plenária —
Estocolmo 15-19 de março
de 1950

Texto das resoluções adotadas por
unanimidade pela Terceira Reu-
nião Plenária do Comitê Mundial
dos Partidários da Paz.

CONVOCAÇÃO DE UM NOVO CONGRESSO MUNDIAL DOS PARTIDARIOS DA PAZ.

Chamamos todos os homens de
boa vontade para um novo Con-
gresso Mundial de Paz, a realizar-
se na Itália no 4º trimestre de 1950.

Convidamos para esse Congresso
todas as coletividades sociais, re-
ligiosas e culturais, todas as pes-
soas de bem, quaisquer que sejam
suas opiniões a respeito da origem
da atual tensão internacional, que
se preocupam e desejam sincera-
mente o restabelecimento das re-
lações pacíficas entre as nações.

Submetemos a todos como ponto
principal para um acordo, a indi-
cação da arma atômica e a con-
denação de qualquer governo que
em primeiro lugar dela fizer uso.

APELO

LANÇADO PELO COMITÊ MUNDIAL DOS PARTI- DARIOS DA PAZ.

Exigimos a interdição absoluta
da arma atômica, arma de terror
e de extermínio massivo de popu-
lações.

Exigimos ao mesmo tempo, o
estabelecimento de um rigoroso
controle internacional que asse-
gure a aplicação da medida de
interdição.

Consideramos que o governo que
primeiro utilizar a arma atômica,
não importa contra que país, terá
cometido um crime contra a hu-
manidade e deverá ser tratado
como criminoso de guerra.

Solicitamos a todos os homens
de boa vontade do mundo que
assinem este apelo.

(Este texto foi assinado pe-
los membros do Comitê
Mundial)

COSMOPOLITISMO — BANDEI- RA DA TRAIÇÃO NACIONAL

(continuação da pag. 12)

sado e no presente, do povo que fala a
língua dos Estados Unidos". E não é
só. Os professores que freqüentaram o
seminário receberam a tarefa de trans-
mitir a seus alunos que "the United
States can help Brazil and wants to help
Brazil", "os Estados Unidos podem e
querem ajudar o Brasil". Nesse semi-
nário participaram 36 professores bra-
sileiros de mais de 20 municípios pau-
listas, que foram submetidos a um curso
de propaganda americana. "Help" —
leva o petróleo, "help", — a bandeira

As provocações guerreiras

Realizada no Rio de Janeiro a Con-
ferência dos Embaixadores apesar das
demonstrações dos patriotas que foram à
praça pública proclamar bem alto que os
brasileiros não concordam com a elimi-
nação da pátria pelos norte-americanos
e a entrega aos mesmos de todas as
suas riquezas, o provocador de guerra,
o criador da guerra fria, o espião Ken-
nan, ao se retirar do país, inseriu na
"Fôlha da Manhã" e no "Estado de
São Paulo", como um petardo de re-
tardamento, uma das suas provocações
guerreiras, pelas quais procura fazer
crer que a guerra contra a União So-
viética é inevitável. O fato dêle con-
seguir publicar em jornais brasileiros,

americana na Hiléia Amazônica, "help"
— gerais americanos inspecionando as
unidades de nosso Exército, "help" —
para que deixemos de ser um estado so-
berano e passemos a ser simplesmente
um "município americano."

E a Câmara Municipal de São Paulo
acaba de doar um terreno para a "União
Cultural Brasil-Estados Unidos." Mas
não deve ser surpresa para ninguém essa
adesão das classes dominantes ao cos-
mopolitismo. Para a burguesia a pátria
é sinônimo de mercado. A pátria do
burguês é lá onde ele ganha dinheiro.
Num país que vive da exportação do café,
onde a maioria esmagadora da população
não tem a menor capacidade de compra,
isto é, de dar lucro, a pátria das classes
dominantes é a rede comercial de Mr.
Robins. Por isso o cosmopolitismo bur-
guês se ajusta como uma luva aos in-
teresses das classes dominantes no Bra-
sil. Por isso, sua ditadura terrorista
não trata da defesa nacional mas da
"defesa continental", por isso é entre-
guista e aceita, mais do que isso, recla-
ma, a tutela colonial ianque mesmo com
seu caráter nazista de ocupação para a
guerra, mesmo que isto implique em
traficar com o sangue e a vida dos bra-
sileiros.

Não é livre um povo que vive da ex-
ploração de outros povos. Não pode
estar a serviço da paz e da concórdia
entre os povos, quem despreza e opri-
me seu próprio povo.

"Se o internacionalismo se baseia no
respeito a outros povos, não se pode
ser internacionalista sem começar pelo
respeito a seu próprio povo", nos en-
sinou o bolchevique Zhdanov. É da
União Soviética, do país do socialismo
triumfante, que nos vem o ensinamento
e o exemplo. A solidariedade aos po-
vos que lutam contra o jugo imperia-
lista, o apoio dos povos que já se liber-
taram da escravidão imperialista, eis a
segurança de nossa vitória nacional con-
tra o invasor estrangeiro. O interna-
cionalismo proletário é o oposto do
cosmopolitismo burguês. O internacio-
nalismo proletário afirma a unidade de
interesses dos trabalhadores do mundo
inteiro, exige a defesa da paz e da so-
berania nacional em oposição à política
de guerra e submissão de classes sociais
caducas que se protegem contra seus
próprios povos ao abrigo da bandeira
americana.

que pretendem exprimir a opinião pú-
blica do nosso povo, seus artigos, deve
servir apenas para alertar a nação con-
tra esses falsos intérpretes dos senti-
mentos nacionais. Colocando-se a servi-
ço dos interesses dos imperialistas ian-
ques visam arrastar o nosso país a uma
guerra na qual ele não tem o menor
interesse, pelo contrário, teria tudo a
perder, a começar pela própria inde-
pendência nacional.

Fazendo côro com esses provocado-
res de guerra, o Sr. Assis Chateaubriand,
num artigo recente, intitulado
"Acorda América Latina", preconizava
a "necessidade de uma aliança decla-
rada e abertamente concluída entre
Washington e o Rio de Janeiro para
a paz e para a guerra" e dizia: "A
defesa dos povos livres não se faz mais
hoje dentro de seus solos nacionais.
Eles têm que ir, sobretudo os filhos
dêste continente bater-se em chão es-
trangeiro, atravessando o Atlântico, pa-
ra ajudar a conter o inimigo com todo
o peso do seu material bélico a milha-
res de milhas do território pátrio."
(O grifo é nosso.) E por que isso? Por-
que, explica o Sr. Chateaubriand, "a
posição política que ocupa o Brasil
hoje no mundo está numa íntima depen-
dência da prosperidade e da condição
de povo soberano dos Estados Uni-
dos. Por isso, os inimigos virtuais ou
declarados da União, têm que ser nos-
sos inimigos..." Mas ele se acha ape-
sar de tudo, na necessidade de exem-
plificar, assim diz ele: "Imaginai os
"Standard of living" (padrão de vida, a
a tradução é nossa) rebaixado. O que
fariamos do nosso café? Onde iríamos
buscar os 600 milhões de dólares com
que damos gasolina, óleo e carvão à
economia brasileira?" Portanto, segun-
do o provocador de guerra, Sr. Assis
Chateaubriand, useiro e vezeiro defen-
sor dos interesses imperialistas em nos-
so país, para o Brasil poder vender o
seu café é preciso que os seus filhos
atravessem o Atlântico e vão morrer
noutros continentes.

A própria infantilidade dos argumen-
tos do Sr. Chateaubriand é a melhor
demonstração do nenhum interesse que
o povo brasileiro tem numa guerra. Mas
isso pouco importa aos provocadores
de guerra. O que importa é arrastar
o Brasil à guerra que se prepara por-
que nisto os Estados Unidos têm inte-
resse. O que está em jogo não é o in-
teresse do Brasil, mas o dos Estados
Unidos que para sua guerra precisam
de gente para combater (é a novidade
para a qual o Sr. Chateaubriand já es-
tá preparando o espírito brasileiro) ma-
téria prima para sua indústria e mão de
obra barata com que remunerar os seus
capitais e os que ainda pretendem apli-
car em nosso país. Em outras palavras,
em função de uma guerra em preparo
o que se visa na realidade é a coloni-
zação de nossa terra. Esta é a tarefa
altamente remunerada de uma imprensa
que apregoa abertamente a guerra em
nossa terra que quotidianamente pu-

ras do espião Kennan

blica uma colaboração estrangeira na qual esta é sistematicamente alardeada e que ainda põe as suas colunas à disposição dos provocadores de guerra, como a "Fôlha da Manhã" e "O Estado de São Paulo" acabam de fazer publicando a série de cinco artigos do Sr. Kennan.

O Sr. Kennan, êste é um provocador de guerra um pouco mais hábil e um pouco mais discreto. Talvez tenha um pouco mais de respeito, ou de medo, pela opinião pública. Êle sabe que não se arrasta um povo à guerra assim com tanta facilidade ou por uma simples ordem dos seus governantes. Tudo isso são problemas muito sérios para um técnico no assunto. A opinião pública é um material muito delicado com que é necessário lidar com muito cuidado. Procura mascarar a sua verdadeira meta política — a guerra — sob o manto da objetividade e da indiscutível superioridade moral que atribui a seu país. O título é suficiente para provocar a necessária inquietação: "Inevitável a guerra contra a União Soviética?" Mas logo tranquiliza o leitor. A Rússia não deseja a guerra. Explica mesmo que segundo a doutrina marxista o capitalismo ruirá devido às próprias contradições inerentes ao regime, sem necessidade de recurso à guerra. Fala na expansão russa, na qualidade de nação, mas conclui que o realismo da política russa os leva a não desejarem uma guerra no momento atual. Mas se os russos não têm interesse em atacar ninguém, isso não quer dizer que segundo a própria doutrina marxista êles não se sintam ameaçados, o que os pode levar a se movimentarem para atacar os seus adversários.

A guerra fria, isto é, a oposição a todos os desígnios soviéticos fazendo-lhes sentir que a nação norte-americana não teme a guerra e emprega todos os seus esforços para barrar a expansão do comunismo, será a forma dos Estados Unidos resolverem as suas maiores dificuldades atuais "sem outra grande manifestação de violência internacional" (seu estilo procura sempre encobrir a realidade que atrás dêle se esconde) para concluir que a segurança dos Estados Unidos reside no fato já uma vez referido por Teodoro Roosevelt — o grande doutrinador do imperialismo norte-americano, que é necessário não confundir com o presidente Roosevelt — de que a força dos Estados Unidos seja tal que faça com que atacá-los seja "uma tarefa muito dispendiosa e muito perigosa para alguém que a empreenda levemente." Essa segurança, segundo êle, reside ainda na resistência dos aliados dos norte-americanos contra a pressão dos comunistas de Moscou, na capacidade dos Estados Unidos resolverem os seus problemas "sociológicos e espirituais" criados pela sua grande prosperidade e por último em agir com justiça e boa vontade para com os outros povos auxiliando-os a criar uma "atitude geral de cooperação

por ELIAS CHAVES NETO

pacífica em todo o mundo." Se os norte-americanos fizerem isso dentro de um espírito de humanidade cristã, êles poderão continuar a lidar com seus negócios internacionais "com a cabeça erguida e os olhos claros" "os olhares constantemente voltados para os objetivos distantes em cuja direção é dever de todo o homem avançar sempre" ... etc., etc. — tudo isto depois de uma rápida passagem pelo terreno da bomba atômica na qual declara que uma nação, no caso a Rússia, nunca poderá pensar em resolver as suas pendências com o emprêgo dessa arma, uma vez que a outra, no caso os Estados Unidos, também dispõe da mesma arma e pode praticar represalias.

Tôda essa fraseologia aparentemente inocente e contraditória, revestida de mais absoluta hipocrisia e de sentimentalismo humanitário, visa apenas apresentar a política americana, baseada tôda ela na guerra e na preparação guerreira, como uma ordem de justiça e de paz, ameaçada apenas por aquêles que cegos por uma ideologia desprovida de realidade, não enchem os benefícios dos regimes de liberdade. Nenhuma palavra evidentemente é dita das greves que atiram os operários contra os patrões em disputa por um magro aumento de salários que lhes permita viver, inclusive na terra de "grande prosperidade" a que se refere o espião Kennan. Nenhuma palavra é dita dos 4 ou meio milhões de desempregados que já se somam naquele país onde tôda a prosperidade — que há muito de lá também desapareceu — está baseada no desenvolvimento da indústria bélica. Haja visto o fato dos lucros da United States Steel Corporation, terem subido, em 1949, a 160 milhões de dólares, contra 129 milhões em 1948, apresentando, portanto, essa única empresa um lucro a mais, de um ano para o outro, de 37 milhões de dólares, em virtude da política armamentista e pago pelos povos aos quais os Estados Unidos, a título de ajuda fazem remessa do seu material bélico e que se debatem na mais negra miséria. Nenhuma palavra é dita dos planos de ajuda norte-americana pelos quais as nações européias para fugirem às soluções socialistas recorrem aos Estados Unidos em cuja dependência se colocam inteiramente, sem conseguirem resolver as suas dificuldades econômicas, presas na contradição de não poderem enfrentar essa concorrência dos produtos daquela nação e de, sem enfrentar essa concorrência, não poderem prosperar. Nenhuma palavra é dita da trágica situação da economia norte-americana, obrigada a sustentar a estrutura periclitante do capitalismo europeu para impedir o "avanco do comunismo" e lograr uma saída para os seus próprios produtos, a qual por sua vez se vê ameaçada pela concorrência proveniente desta sua operação de salvamento.

A guerra se apresenta como a única saída a esta situação, na ilusão da conquista de novos mercados, de novos territórios dos quais possam arrancar uma matéria prima barata e colônias ou semi-colônias nas quais possam dispôr de uma mão de obra servil capaz de assegurar o bem-estar dos povos que a exploram. Opressão que procuram justificar com argumentos racistas e "culturais". É a ordem capitalista que se procura salvar e que na frase de Jaurès "carrega em si a guerra como a nuvem a tempestade", a qual, em virtude dos pactos de agressão celebrados entre as nações capitalistas se quer apresentar como um novo sistema de governo mundial, em que os povos, abdicando cada qual parte de sua soberania entrariam num regime de economia internacional planificada, uma espécie de super-imperialismo, único que seria capaz de assegurar a paz entre os homens. Mas tal sistema não passa da submissão de tôdas as nações diante de novos mercados e novos campos para a aplicação dos seus capitais; política eminentemente de guerra para a qual os Estados Unidos se preparam febrilmente, procurando atrelar a si todos os povos da terra que paradoxalmente chamam de "livres."

É contra essa política de dominação mundial por parte dos Estados Unidos e das classes sociais que para manterem o seu domínio sobre as massas operárias que exploram, uniram a sua sorte à daquele país, que lutam todos os povos do mundo a fim de impedirem a repetição de um novo cataclismo para a humanidade — a terceira guerra mundial. A defesa da independência nacional de cada nação e o repúdio às falsas ideologias pelas quais se procura mascarar essa torpe aventura guerreira — o cosmopolitismo em substituição ao nazismo — é a forma de se jogar por terra, como um castelo de cartas, tôda essa trama criminoso e de salvar a paz, livrando a humanidade de mais essa terrível desgraça que a ameaça.

Essa é a grande encruzilhada na qual chegou a humanidade nesse difícil momento da sua história: prosperidade para todos dentro do desenvolvimento máximo dos recursos de cada nação, ou a defesa dos interesses da classe capitalista e guerra, a qual seria apenas os últimos estertores de um regime condenado pela sua própria essência. A escolha já está feita. Os povos do mundo unidos na luta pela paz não permitirão que estale uma nova guerra. "Não pedimos a paz, nós a imporemos", foi o leme do Congresso dos Partidários da Paz da União Soviética. Os homens livres do mundo todo defenderão a paz contra os governos que traem os seus países abrindo a porta para a penetração escancarada dos imperialistas ianques; defenderão a paz contra os fazedores de falsa cultura pela qual se procura enganar os povos e levá-los inconscientemente à guerra como se leva o gado para o matadouro; defenderão a paz contra as maquinacões do principal conselheiro do departamento do Estado dos Estados Unidos — o espião Kennan — das qua's a Conferência dos Embaixadores do Rio de Janeiro foi uma das provocações máximas e um insulto à nossa pátria.

ARLINDO

CLESO DE LIMA HORTA

Comêço de semana.

Segunda. Têrça.

Arlindo matutava. Quero dançar no sábado. A vida de gado é dura.

Oooooou! Coooooee... oooooe...

"A água na guampa perde o gôsto."

— Fronteira! Éta mula desgraçada! Se eu tivesse aqui o Desbragado... Toninho, cerca em baixo!

"Preciso dançar no sábado. Mas esta Perobinha "anda morta. Cadê a turma que se foi? Mesmo quando tem têrço o "pessoal esfria. Futebol morreu. Baile morreu. A turma sumiu."

— Cerca em baixo, Delino! Fecha a porteira se não vai embora!

"Preciso dar um jeito. Se eu fôr na Esperança "dá barulho. Minha cara lá é invocada..."

— Dio Cristo! Tô falando! Fecha a porteira, Delino!

"Se falasse com o Zeca e o Luís pra falar com "o Cipriano e aproveitar o terreiro do sítio que foi nosso..."

— Coooooe Oooooee... Oooooeeeee Éta mula arisca essa Fronteira.

Quarta. Cipriano cedeu o terreiro.

— Quer ajudar a armar a barraca, Casimiro? Compadre Mário e Oliveira vão armar.

— Eu? Eu vou na cidade tirar o alvará.

— Se vai haver especial... Três frangos e três bolos. Não é muito, é? Só pra tirar a despesa.

— Tio Damo, quer arreá a Fronteira pra mim? Ia esquecendo de comprar anisete.

Quinta. Os convites.

"Quem vai convidar as damas? Joãozinho, Luís, "Zé Moreno. Que falta está fazendo os Matias

— Bento, quem vai na Esperança.

— Ah! Os filhos do Zêquina Rosa. O Sebastião vai lá mesmo. Ele está namorando. Bepe, você vem com o Ângelo, você mora perto do Mané Adão chama ele. Tonho, você não quer avisar pros Migliorances convidar lá no Corte Grande? Tá certo.

Sexta. Sábado. É o baile.

Terreiro de café. Chão de terra socada. Uma — coberta de encerados suspenso por paus dos lados. No centro uma estaca para garantir a altura. Junto à estaca, uma mesu. Sobre a mesa, uma cadeira. Na cadeira, um homem. Em suas mãos, uma sanfona.

O salão: — a barraca. A orquestra: — a sanfona — o "bufet": — anisete pras moças. Pinga pros homens. O terraço: — o vasto ar livre que se perde na noite. O jardim: — o cafêzal que se estende a dez metros. Ninguém sabe onde começa, nem onde termina. As damas: — moças brancas e pretas, mulatas e queimadas. Pés sujos de poeira e fita no cabelo. Filhas de italianos, de cabelos loiros manchados do sol. Filhas de espanhóis, de cabelos pretos e faces pálidas, encardidas pelo ancilostomo. Filhas de pretos, e pretas também. Mulatas claras e mulatas escuras. Cabelos corridos, cabelos crespos, cabelos enrolados das pretas. Uma ou outra ondulação permanente. Vestidos de sêda; vestidos de chita. Sandalias no pé e papel vermelho no rosto. Algumas sorriem; têm dente de ouro. Outras estão sérias; não têm dente na boca. Moças solteiras; mulheres casadas: um filho brincando, no colo, um filho no ventre. Os cavalheiros: — Sotaque do norte; sotaque de Minas; sotaque da Itália; sotaque da Espanha. É tudo Brasil. São brancos; são pretos. E brim; casemira. Chapéu na cabeça. Cabelo corrido; — cabelo enrolado. Coroa de ouro na boca estragada. Gengiva vermelha na boca sem dentes. Mão grande e calosa de cabo de enxada. Pé grande e caloso de andar pela estrada. Cabelo comprido; barbeiro não há. Dente estragado; dentista não há. Cigarro barato e saúde abalada; dinheiro não há.

Está pronto o cenário, o baile vai começar. A mesa no centro; a cadeira na mesa; um homem em cima; a sanfona na mão; samba e marcha, valsa e maxixe, mazurka e ranchera; outra coisa não há. A mesa do centro; os pares rodando; uma fila perfeita; direção a direita; um círculo fechado.

— Ei pessoal! Vamos chegando, a casa é nossa. O sanfoneiro da Esperança não pôde vir. Nós chamamos o Burnia, sanfoneiro bom de fato, mas ele tinha baile na Reprêsa. O Bento — trouxe a sanfona dele e eu também toco. Mané Adão trouxe o violão, ele vai cantar uns sambas.

— To me lembrando da porca madona da tua avó! Tá bom, ein?

— Estou um bocado constipado.

— Num tá vendo, não? Cá comigo ninguém brinca, não. Anisete pras damas. Pinga pros homens. Alegria pra todos. Uri especial! Quem arremata manda na moda.

— Ninguém arremata especial hoje. É tudo pra mim! Pra mim e pra turma.

— É Dentista, tá bom de bolso? O Pernambuco e o Toninho topam os especial. Nós quatro vamos comprar o baile. Hoje eu estou cheio da gaita. Recebi o sinal do burro branco e vendi duas vacas. Só não compramos o dono do baile porque ele é amigo, ein Cipriano?

— Um especial pra quatro. Tô falando, nos vamos mandar hoje. O que vai É samba; não é, Dentista? Você é da cidade mas não fala em foxe, não.

— Treis moda de república!

— Éta moça bonita. Num vai mé tirá? Minha mulher eu deixei em casa. Num importa; mulher e cachaça em qualquer lugar se acha.

— É comigo, dona? Então vamos.

— Duas horas já! Estou com a cabeça rodando, gente; foi pinga demais. Também quem é que topa com o Adão e o Bepe. O Dentista já está encostado no toco.

"Ô baile besta... gastei cento e vinte mil reis " de especial. Não briguei com aquele sujeito da Reprêsa porque "ele pediu desculpa. Esta Perobinha está morta. Cadê a turma que "se foi?"

Domingo. Arlindo almoçou, e vai a cidade.

— Delino, que arriar o burro pra mim? O Fim-do-Mundo; o branco não, eu vendi pro Antônio Bernava, ele vem buscar amanhã.

"Estou de sorte êstes dias. Não sei, não. O pai quer eu fico prêso no balcão da venda. Mas não sirvo pra isso. O meu regalo é berganha, tropa e lida de gado. Esta semana ainda foi mais ou menos. Passei lidando com o gado. Furei os olhos do Antônio Bernava; ô italiano besta. Troquei o burro branco a troca de um chimiti cr e ele ainda me voltou quatrocentos mil réis. O chimiti vou vender pro primo Prete por uns novecentos. O burro não vale isso. É arrombador de cêrca e trotão. De carroça não vale nada. Burro mole. O Bernava ficou a pé. Mas eu preciso me livrar dêste Fim-do-Mundo. Que nome o Dentista pois nêle... Não sei o que tem êste burro. A gente põe na carroça; puxa um pouco; daí, não demora muito começa a tremer, tremer, até ficar no chão. Se eu pegasse aquele rosilho do Romão era um negócio e tanto. O pa ianda mesmo com umas dor nas cadeiras. Não agüenta trote nem andadura. O rosilho tem uma marcha que vale a pena. Vou exhibir o Fim-do-Mundo na frente do Romão até ele ficar babando. Se fôr preciso eu faço uma volta. Mas eu quero pegar aquela sela mexicana que ele tem. Tipo da coisa bonita. Também berganha sem volta não é berganha. O Dentista diz que eu sou cigano. Mas não sei não. Só fico contente quando estou com tropa ou berganhando. Se não fico ranzinza. Só brigando com a Ana... Outro dia que enclida que eu dei nela. Também, porque deixou o Irineu cair no chão... O Pai me ensinou desde criança; quem manda na casa é homem. Se a mulher responde, desce o braço. Depois não responde mais. Estou chegando já. Tá doido, que cidade poeirenta! Ainda bem que não está chovendo, senão até o burro atolava. Uai... Estão calçando as ruas... Vou passar em frente o correio e ver se o Romão está lá."

— Ei burro bão, ein? É, é muito brioso mesmo.

— Se eu quero berganha com esse Rosilho? Mas ele está magro, parece que andou em Mato Grosso...

A Poesia Brasileira e a Questão Social

por GILBERTO DE ANDRADA E SILVA

Sob o título "Trabalhador e Poesia" publicou o Sr. Carlos Drummond de Andrade longo artigo ("Fôlha da Manhã" de 10 de fevereiro p. findo), em que parece querer demonstrar, como diz em comprido e vago subtítulo que: "observa-se na poesia brasileira de caráter social certa falta de familiaridade com os temas do trabalho, tão ricos e sugestivos."

Começa o poeta articulista por afirmar, com profunda originalidade, que "doce é projetar, rude é cumprir." E exemplifica com a sua rude tarefa de organizar uma "antologia brasileira de poesia social." Leu centenas de volumes, cace-teu amigos, selecionou "uns tantos poemas, bons ou passáveis", que foram organizados "segundo o plano da obra." Falta apenas a contribuição do poeta organizador e crítico, "as notas explicativas", que êle pretendia juntar — e não juntou. Não juntou, porque o desalento lhe avassalou a alma crítico-poética, e êle, perante o "bôlo" do material reunido, nada mais encontra, senão a desoladora pergunta: "Valerá a pena?"

Pois é pena. Apreciando as fatias do "bôlo", talvez pudesse o leitor compreender melhor o que entende o Sr. Drummond de Andrade por "poesia de caráter social." Entretanto, ao longo do artigo há afirmações que de certo modo indicam a concepção do crítico: "... notei a relativa escassez de poemas inspirados nas técnicas do trabalho e na personalidade dos trabalhadores"; "Boa parte da nossa poesia social fica em declaração de princípios, isto é, não chega a produzir-se"; "A missão social da poesia é um dos temas constantes... parecendo, contudo, que o reconhecimento dessa missão basta em muitos casos ao poeta, dispensando-o de cumpri-la"; "mesmo sem o propósito de modificar a vida, o poeta se afirmará social buscando refleti-la nos aspectos que definam as relações de trabalho, as condições de existência individual ou coletiva, os traços característicos de cada profissão ou ofício..."; "quando se dispõem a cantar a vida ou o tipo de ocupação dos trabalhadores, nossos poetas demonstram preferir a generalidade, ou quando muito, aquêles tipos que encerram um símbolo evidente." Fala, a seguir (depois de citar alguns exemplos, que certamente lhe parecem exprimir poesia social, com mais algumas considerações críticas), nos poetas modernos — que "passaram a dar preferência aos temas brasileiros em geral, e entre êstes, embora sem preocupação especial, aos da vida do nosso trabalhador urbano ou rural, já sem ênfase retórica." Por fim, após mais nomes e exemplos: "Assim se desenvolve, por iniciativa dos modernos, e independente de qualquer intenção política, a integração do trabalhador brasileiro — do trabalhador de verdade, e não de um símbolo — na poesia nacional." (grifo nosso).

Ora, a *poesia social* não consiste apenas em se tomar por tema um trabalhador, uma forja, um campo, ou um menino pobre, nem numa *descrição*, por mais exata que seja, da atividade profissional de um ferreiro ou de um camponês. Isto tem sido feito por inúmeros poetas de várias tendências, de várias escolas, em formas poéticas as mais variadas, sem que entretanto nos seus versos se vislumbre qualquer idéia, sentimento, ou preocupação de ordem social; e isto mostram claramente alguns dos exemplos escolhidos pelo Sr. Drum-

mond de Andrade. Quando o Sr. Francisco de Castro gôrgeia: "O operário ali é grande e nobre... — Nada importa que seja humilde e pobre — o berço em que nasceu — O berço nada vale... Que vale o ninho — à ave que abre caminho, — alçando o vôo ao céu? — ... A oficina é um templo; o operário é — o levita que guarda o santuário — do progresso e da paz"; quando um médico-poeta diz estas cousas, a um tempo grandiloquentes e melosas — o que há de *social*, e mesmo de verdadeiro, nisto tudo? O porão em que vive o operário — é um *ninho*, a oficina é um *templo*, o operário é um *levita*! Se Castro transmitisse, diretamente e em prosa, estas suas *elocubrações sociais* a um operário mais ou menos consciente — talvez tivesse de recorrer aos próprios serviços, não já como vate, mas como facultativo, para curar pisaduras e equimoses. E a isto se chama poesia social...

Não! A moderna poesia social só pode surgir de idéias e sentimentos claros e profundos, despertados pelos problemas sociais do nosso tempo. A grande luta das classes trabalhadoras pela sua emancipação política e social domina tôda a vida contemporânea (não é talvez demais repetir o que já é quase um lugar comum.)

Os poetas que o não compreenderem e sentirem profundamente, nunca poderão produzir *poesia social*. E tal compreensão e sentimento só se podem formar na luta, na ação do poeta nesse formidável conflito, em que estão empenhados Aragon, Guilhem, entre nós Rossini Camargo Guarnieri e outros mais. Aquêles que ficarem comodamente a contemplar as lutas, sofrimentos, anseios e vitórias do proletariado nacional e universal, à frente das grandes massas trabalhadoras — "independente de qualquer intenção política", como diz o Sr. Drummond de Andrade — poderão fabricar, com maior ou menor sucesso e proveito, poesia lírica, descritiva, sentimental, satírica, o que quiserem — menos poesia social.

Já dizia o velho Garrett que nenhuma arte é nacional se não fôr popular — e como se sabe juntou o exemplo ao preceito. Nenhuma arte, atualmente, pode também ser social se não fôr popular. Mas entendamo-nos: não é arte popular a que se inspira, ou trabalha em temas populares. Se o poeta não estiver integrado nos grandes movimentos nacionais e sociais do seu tempo, se ficar confinado na famosa torre de marfim (que quase sempre, vista de perto, é de barro vil, besuntado de ouro) — êle não poderá ir além de uma sentimentalidade mais ou menos lorpa, ou de uma retórica bombástica e grotesca. E esta ação, esta participação nas lutas sociais é uma afirmação política, uma clara tomada de posição. A indiferença, a imparcialidade política do artista, no momento atual, não é mais possível; será, no melhor caso, uma ilusão, aliás bem cômoda para os que a sofrem. Os que tais se proclamam, em última análise, nada mais fazem do que favorecer o jôgo da reação política, social, religiosa, moral e artística — e quase sempre, como artistas, acabam na banalidade e na chatice.

— Não estou desfazendo do cavalo não. Eu conheço animal. Você sabe. Êle tem jeito de bom. Mas o meu burro também é. Ei, Fim-do-Mundo!

— Que negócio você está querendo fazer?

— Seiscentos mil réis de volta? Está doido! É muito!

— Não. Fico até sem jeito de fazer oferta. Você pediu muito.

— Está na cidade, Adão? Lugar de negro é no eito. Mas tava bom o baile ontem, ein? Não estava namorando, não. Você sabe que sou casado. Quem manda na minha casa sou eu. Mas a Ana ia achar ruim. Mas eu sou bonito; onde eu chego vou conquistando.

— Quinhentos e cinquenta ainda é muito, Romão. Olha, eu não gosto de pôr preço nas coisas dos outros, mas pra você não dizer que eu não faço negócio esta aí; volto quatrocentos mas você dá também a sela mexicana.

— Eu sei que o cavalo é bom. A gente vê mesmo. Mas animal agora caiu de preço. Não existe mais animal de dois contos. Nem japonês compra mais mula de três.

— É... então nada feito. Eu fiz oferta porque você pediu. Mas a amizade é a mesma. Até logo. Vamos Adão.

Então vou sozinho. Vou passar na casa do advogado pra ver como vai o inventário.

— Podia ter fechado o negócio com volta de quinhentos e cinquenta que ainda saía ganhando. Mas eu ainda volto lá. O Romão parece que gostou mesmo do Fim-do-Mundo. Mas se fizer o negócio êle vai ver."

— Boa-tarde, doutor.

— É, eu vim ver como vai o inventário. É mesmo, — aproveitei o domingo.

— Só está faltando o juiz assinar? Mas ô gente mole; leva três meses pra assinar um papel...

— Ué... veio fechar o negócio aqui, Romão?

— Não quinhentos, não. Só dou quatrocentos.

— Não garanto, não. Não garanto nem a minha avó que já morreu. Não dou nem quero garantia. O burro está há pouco tempo comigo, estou achando bom. Mas estou vendendo do jeito que comprei.

— Então está fechado. O Fim-do-Mundo e quatrocentos mil réis pelo cavalo e a sela.

— Até logo. Está na hora de eu ir andando. A Perobinha é longe.

LEMBRANÇAS

No presente número desta revista o escritor Afonso Schmidt, nosso companheiro de trabalho, inicia uma série de lembranças que reputamos de interesse para a época. São figuras que ele conheceu, ou mesmo com quem conviveu durante certo período. Nem todas poderão ser incluídas na lista dos que se esforçaram, como nós entendemos, pelo advento de um mundo melhor. Mas as que menos se preocuparam com os destinos na coletividade ainda assim podem e devem ser lembradas, umas pela sua inquietação, outras pela sua luta de diversas formas contra o estabelecido que era como ainda hoje a exploração do homem pelo homem, a humilhação do pensador e a perseguição ao pensamento, pois, já então, os conservadores ultramontanos instintivamente consideravam a arte como manifestação subversiva, inimiga das gostosuras que fruam e dos privilégios que gozavam. Uns estão vivos, outros morreram. Nem todos deixaram traço da sua inquietação sobre a terra. Por isso, nestas páginas, há também um pouco de justiça — a justiça que a tantos foi negada pelo mundo inóspito em que viveram e sofreram.

VITRÚVIO MARCONDES

Há cerca de quarenta anos, São Paulo conheceu um poeta chamado Vitruvius Marcondes, lírico irremediavelmente lírico. Era uma figura torturada. A própria natureza lhe havia sido adversa, negando-lhe mãos e pés. Mas isso não o impedia de viajar muito. Via simultaneamente no Rio e em São Paulo.

Naquele tempo ainda não havia tantas editoras. As que existiam, o Alves e

o Garnier, eram grandes empresas — só publicavam grandes livros. Os poetas menores, entre os quais alguns que alcançaram renome, não eram editados, como se diz. Levavam os originais a uma tipografia e contratavam a impressão de 500 exemplares... Às vezes mais... O pagamento era feito aos poucos, à proporção que o autor ia tirando a obra. Tais livros, poucas vezes ou nunca alcançavam a honra de ser expostos nas vitrinas. Os próprios autores, um pacote debaixo do braço, percorriam a cidade e o interior "passando" os seus versos — a expressão era precisamente essa — a amigos, conhecidos e admiradores.

Vitruvius Marcondes, como Batista Cepelos e tantos outros poetas daquela época "passou" os seus livros. Ainda estou a vê-lo. Vestido de preto, chapéu "canoinha", pôsto de banda, enterado até a orelha, a vistosa gravata borboleta balançando de um lado para outro, o pacote de "Quadros Agrestes" debaixo do braço, lá ia o poeta pela rua, com o seu passo difícil de homem privado de pés e mãos. Mas usava bengala, sempre pendurada, à altura do cotovelo.

Era de pasmar a destreza com que ele, tão defeituoso, tirava um charuto da carteira, entalava-o entre os dentes e, depois, procurava a caixa de fósforos pelos bolsos do paletó. Encontrada esta, extraía um palito lá de dentro, riscava-o e acendia o breva. Tudo isso era feito só com os pulsos, sem mãos, mas com uma agilidade incrível.

Se não me falha a memória, ele era natural de uma das cidades do vale do Paraíba, mas estava sempre em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Aqui pu-

AFONSO SCHMIDT

blicava os livros, aqui os vendia com maior facilidade a amigos e admiradores. Depois de encher de versos esta Capital e de realizar excursões pelas cidades do Interior, tocava para o Rio de Janeiro e, todas as noites, dava audiência na velha casa Lopes Fernandes, que ficava mesmo ao lado de "O País".

Naquela casa de vinhos portugueses reuniam-se os figurões mais populares da literatura da época. Entre outros, Emílio de Meneses. Emílio não poupava a Vitruvius. O menos que dele dizia era que os seus versos estavam muito aquém das promessas da vistosa gravata borboleta...

ODUVALDO VIANA

Oduvaldo Viana, teatrólogo e diretor cinematográfico, teve uma mocidade assaz agitada mais por culpa dele mesmo, que era avesso à disciplina paterna, do que por qualquer outro motivo. Seu pai, o professor Justiniano Viana, diretor do Grupo Escolar do Pari, não conseguia compreender aquilo. Enquanto a cama do Nhozinho (esse era o apelido familiar do futuro autor de "Manhãs de Sol") ficava ociosa no quarto dos rapazes, enquanto o seu talher continuava irrepreensivelmente na larga mesa da sala de jantar, ele andava por aí, numa boêmia desenfreada, não raro passando estreito...

Lembro-me de que uma vez Oduvaldo arranhou emprêgo de cobrador de assinaturas da "Folha do Povo", vespertino romântico com redação e oficinas no his-

Negociação eu fiz. Amanhã o Romão vai ver, Cedinho quando as juntas do burro ainda tiver fria ele monta. Ah! Ah! Ah! vai ele e o burro no chão. Estou me lembrando aqui na saída de Anastácio aquela vez que o comrade Mário atolou com a carroça dele cheia de tijolo. Eu vinha atrás com a nossa. É tropa boa. Também o pai enjeitou 16 contos só pela tropa de sete. Na hora que chegou no atoleiro desci a gibóia na tropa e gritei. Vamo Jupe burro desgraçado! Jumenta, fia duma mãe! Modista! E zál! zál! gibóia na tropa. A Jumenta estava na guia, puxou tanto que encostou o focinho no chão. Mas carroça passou. Compadre Mário pediu emenda; pediu 5 burros. Eu falei, só ponho o Jupe, a Jurema e a Modista e sou capaz de tirar a carroça. Aqui no Reservado uma vez um burro quase me derrubou. Mas eu sou liso. Animal pra me derrubar precisa ir junto. É Dois; já dancei muito aqui quando estava namorando a Ana."

— Boa-tarde, Pedro. Está virando escravo, rapaz. Hoje é domingo e você está com a carroça carregada. Sua tropa está magra, ein? Não quer comprar um burro bom de tronco?

— O Jupe o pai não vende por dinheiro nenhum. É burro bom pra puxar e manso de sela. As mulheres lá em casa anda nêle.

— Té logo, vou indo.

"Aqui no Cotovêlo uma vez que eu passei aqui tinha uma turma grande bebendo. Estava os Migliorance, o Bolter, o Bozzi, Mané Adão, uma turma lá do Corte Grande e da Figueira. Eu desci do burro. Fui conversar com a turma; de repente saiu briga; não me lembro com quem; eu entrei pra apartar; o Mané Adão também; eu não sabia nem ele que nós estava apartando. De repente ele deu um grito comigo, tirei a faca e fui em cima; ele tirou a garrucha e armou os canos; o pessoal entrou no meio. Depois é que explicaram pra mim e pra ele que não havia nada com nós. Ele pediu

desculpa; eu também. Aquê negro é liso. Numa turma pra beber cachaça ele é, debochado como ele só; mas se toca pra brigar ele é rei. Também foi a única vez que pedi desculpa. No meu direito vou até contra o pai. Não há aqui nessa zona sítio como o do Bozzi; café é o dele. Sujeito de sorte; veio praqui em 35; comprou o sítio por 15 contos agora outro dia enjeitou 90. Também vale mais. Chi... quando vou chegando aqui na Perobinha fico até doente quando vejo a venda. Meu gôzo é estar lidando com gado, montando num burro e juzendo berganha."

— Boa-tarde, pai. Como é que estão os menino, Ana? Prepara o jantar pra mim. Olha o cavalo que eu apanhei, pai. De o Fim-do-Mundo e voltei quatrocentos mil réis. A sela também está no negócio. A seia eu quero pra mim. O cavalo o senhor exprimenta. Se gostar nos fazemos o negócio.

— Precisa levar o gado amanhã no Nove? Então eu vou no Rosilho pra ver se ele é bom na lida. A Aninha fica tonando conta da venda.

Comêço de semana.

Segunda.

Estou querendo dançar no sábado, A lida de gado é dura. Mas eu gosto. A água na guampa perde o gôsto.

— Cerca em baixo, Delino! Fecha a porteira se não vai embora.

Esta cavalo bom esse Rosilho; muito melhor que a Fronteira; faz até me lembrar do Desbragado. Quando chegar no Nove vou pôr aquê garrote na chinha. Preciso dançar no sábado. Mas esta Perobinha anda morta. Cadê a turma que se foi? Mesmo quando tem têrço o pessoal esfria. Futebol morreu. Baile morreu. A turma sumiu.

— Coooooe... Oeeee... Oeeeeee...

São Paulo, 22 de agosto de 1946.

tórico prédio do Largo da Sé n. 5. Todas as semanas recebia da gerência o passe da estrada de ferro e algumas dezenas de milréis para custear a viagem, até que a cobrança das assinaturas, em que tinha porcentagem, lhe assegurasse as demais despesas. Oduvaldo de posse do material, em lugar de ir dormir em sua casa para, no dia seguinte, às 5 horas, tomar o trem do interior, deixava-se ficar na cidade, a fazer horas...

Uma noite, lá pelas tantas da madrugada, nós dois estávamos sentados num banco do Largo da Sé, mesmo defronte da porta do velho templo. De repente, êle se saiu com esta:

— Schmidt, você precisa ser comunista!

— Eu? Você é maluco?

— Precisa, sim. É uma doutrina...

— Ora, falemos de coisa mais interessante.

Oduvaldo mudou de assunto. Depois, insensivelmente, a conversa caiu em nossos problemas.

— Você acha (perguntou êle) que o mundo está direito assim como o vemos? O homem explorado pelo homem. O que constrói a casa não tem onde morar. O que constrói o palácio mora com os filhos num porão. O que planta nem sempre tem o que comer. O que tece mal tem o que vestir. O que trabalha no transporte mora lá no fim do bairro e muitas vezes vai a pé para casa. Os que constroem a riqueza dos outros vivem como párias. Veja como o trabalhador é quase um mendigo, como o intelectual honesto é sempre um pé rapado...

Aproveitei a deixa e por minha conta enumerei outras injustiças à série que êle havia iniciado. Oduvaldo, então, perguntou:

— Você não acha que isso poderia ser corrigido?

— Claro que sim.

— Mas como? — insistiu êle.

E eu, liricamente:

— Ora, por uma intensa obra de cultura popular, revelando a cada um os seus direitos e os seus deveres; por um intenso trabalho de arregimentação e esclarecimento das massas exploradas; pela constituição de um grande partido capaz de orientar as legiões obreiras na luta pela sua emancipação econômica, intelectual, política...

Êle sorriu. Depois, perguntou:

— Sabe você o que é isso?

— É sonho.

— Não; é comunismo.

Eu era comunista sem saber, como já tenho encontrado outros, aqueles que sofrem mas pensam. Dali por diante comecei a ler uns folhetos de capa vermelha, publicados na Europa e que o livreiro Gazeau, ainda instalado no Largo da Sé, próximo ao Café Girondino, vendia a baixo preço. Muita coisa de minha vida dependeu daquela noite, no velho largo, diante da Sé, sentado num banco úmido de sereno, conversando com o Vianinha, ou melhor, com o futuro grande teatrólogo e diretor cinematográfico paulistano que todo o Brasil conhece e admira.

GABRIEL MARQUES

Conheço Gabriel Marques desde... Para ser mais exato, devo escrever que sempre conheci Gabriel Marques. Durante a primeira guerra mundial, quando eu vinha a São Paulo, encontrava-o nas rodinhas dos cafés literários. Era por aquê tempo um dos presentes mais ausentes. A conversa durava horas, alcançava alto diapásão, mas êle não dizia nada. Limitava-se a sorrir, pensando em outra coisa.

Todos nós sabíamos que Gabriel Marques era grande escritor, mas eu não conhecia seus cadernos ainda inéditos. A turma compunha-se de grandes conversadores, êle me parecia apenas um grande ouvinte. Por isso, pouco a pouco, fui imaginando como deveria ser a sua literatura. Afinal, que poderia produzir aquêle moço calmo de gestos brandos, de palavras macias? Com certeza, páginas leves, de melancólicas confidências...

Vi-o assim, durante alguns anos. Mas, de repente, ali por 1922, publicou o primeiro livro. Tinha por título: "Os condenados". E por subtítulo: "Contos atrozes". Foi um reboliço no Café Guarani, depois da meia-noite. Gabriel Marques, com seu feitio apagado, de homem silencioso, alheio ao bulício da rua, tinha-nos saído um maluco à Gorki, à Pöe, a André de Lorde. Suas personagens pareciam recortadas aos desenhos de Kathe Kellwitz!

Nos contos estavam os porões do Bexiga, buracos de onde, tôdas as tardes, os homens saem em carreiros, como saúvas. Estavam os "botecos" do Piques, onde os vagabundos bebem até cair e as mulheres, quando brigam, tiram a navalha da liga e lanham a cara uma da outra. Estavam as pocilgas sem pão, as crianças que, não tendo café pela manhã, bebem aguardente. Estavam tôdas as misérias, todos os crimes, tôdas as coisas dolorosas que a gente encontra nas últimas páginas dos jornais. Era o cronista da sub-humanidade que não vem ao centro urbano, da gente que para encontrar é preciso tomar o bonde e descer no fim da linha. Onde teria êle conhecido tais dramas? Êle, funcionário da Repartição dos Correios! Pensionista de hábitos morigerados, na rua Tabatinguera! Freqüentador do Brândão, do Acadêmico e do Guarani! Mistério...

Em 1923, novo livro: "A canalha". Lá vinham as suas histórias favoritas: diálogos por trás de venezianas, idílios de ladrões e minas-debute, suicídios no viaduto, assaltos de meia-noite, presos que tiram a cinta e se penduram pelo pescoço nos ferros da grade. Mas o autor continuava estranho a idéias, a filosofias, a doutrinas. Limitava-se a observar, a contar.

De quando em quando, chegava à porta do Teatro Boa Vista, subia a escada, entrava no corredor e espiava para dentro da redação da "Fôlha", que estava no nascedouro. Reconhecendo um dos redatores, chamava-o com a pontinha do dedo. Êste corria a atendê-lo. O visitante falava, com voz macia, torcendo e destorcendo o botão do paletó. Quando o jornalista voltava à banca de trabalho havia sempre um colega xerêta:

— Quem é êle?

E o rapaz, com uma pontinha de vaidade:

— É o Gabriel Marques.

Ofereceu-nos em 1926 "Os esquecidos de Deus". A Academia Brasileira de Letras conferiu-lhe o primeiro prêmio de contos. Uns imortais aprovaram, outros não. Deu-se um cocoré. Lavou-se roupa suja. E Gabriel Marques, admirado de que os homens se lembrassem dos "Esquecidos de Deus", respondeu-lhes com uma novela: "O homem que não matou". Estava firmada sua reputação de escritor estranho que os próprios amigos se limitavam a admirar, sem procurar compreender.

FÉLIX DE CARVALHO

Sei de um poeta paulista, bem paulista, que muitos desconhecem. Chamava-se Félix de Carvalho. Nasceu nesta Capital a 25 de março de 1898 e faleceu no Rio de Janeiro a 29 de fevereiro de 1936. Nesse mesmo ano, os amigos, num gesto de carinho, reuniram em volume, seus poemas inéditos dando-lhes o título de um deles: "Canção do aventureiro".

Mas Félix de Carvalho, no mundo das letras, não era desconhecido. Ao contrário. Tinha iniciado a sua obra com uma "plaquette" intitulada "Fôlhas Sôltas", que fez ruído. Dela, venderam-se três edições, naturalmente modestas. Percutiu fora do país. Caiafa Soca e César Sanroman, dois escritores uruguaios, pioneiros da política de boa-vizinhança, traduziram essa obrinha para o castelhano. Mais tarde o poeta paulista publicou "Salomé Moderna", que também foi traduzida, "Teatrôlogia Infantil", prefaciada por Lourenço Filho, "Raça de Piratininga" e "Os trabalhos de Hércules". Inéditos, além dos trabalhos publicados pelos amigos, deixou êle peças teatrais, conferências e um dicionário brasileiro de teatro.

Conheci Félix de Carvalho ali por 1928, em Santos. Foi num dia de tempestade. Vento que parecia arrancar as árvores da rua. Chuva que Deus dava. E raios. E trovões. Eu estava sozinho no escritório da sucursal de uma fôlha paulistana. De repente, a porta se abriu e êle entrou. Era muito moço, parecia uma criança. De beleza helênica. Tudo nêle era vida, menos os pés, que estavam mortos. Arrastava-os como grilhetas, pela existência.

Entrando, dirigiu-se a mim, contou-me quem era, falou de sua arte, de sua boêmia, de seus sonhos. Ficamos íntimos, em algumas horas. Depois, tendo amainado o temporal, despediu-se e partiu para nunca mais aparecer no meu caminho. Deixou-me a impressão de uma dessas aves que o noroeste atira para dentro de nossa casa; esvoaçam pelo teto, atiram-se contra as paredes, poisam fatigadas sobre os móveis e, assim que lhes escancaramos as janelas, partem para o céu, como flecha de ouro, com um zinado de alegria...

Anos depois, li num jornal, em telegrama do Rio de Janeiro, a notícia do seu falecimento. Era um devoto de Rodrigues de Abreu. Escreveu-lhe uma evocação que há de durar enquanto existir por aí um pouco de delicadeza, de sensibilidade, de emoção poética...



ANTONIO GRAMSCI

UMBERTO TERRACINI

Senador, antigo presidente da
Assembléa constituinte italiana.

primeira guerra mundial, com seus impulsos freqüentes de revolta anarquista, quase estranho ao movimento de emancipação das massas trabalhadoras italianas.

* * *

Este era o cenário político-social que se oferecia aos olhos de Antônio Gramsci, jovem aluno do curso secundário, quando levantava seu olhar das páginas dos livros para tentar descobrir na vida real dos homens e das coisas a prova das doutrinas que estudava.

Nascido em 1891, em Ghilarza, da humilde família de um pequeno funcionário público, conhecendo por experiência pessoal as misérias materiais, trazia em si uma tal sede de saber que seus pais aceitaram os mais pesados sacrifícios, a fim de permitir que continuasse seus estudos, entre os quais as ciências filológicas e históricas lhe haviam, particularmente, captado o interesse. A política, como síntese de umas e de outras, desenvolvia-se, contudo, ainda demasiadamente longe d'ele, de sua aldeia e das cidades vizinhas, para que já exercesse sobre sua inteligência uma atração de algum peso. Porém, quase inconscientemente, era até ela levado pela busca das causas da grande miséria (miséria dos corpos e dos espíritos) que o cercava. Esta procura era o resultado natural das suas meditações sobre os grandes conflitos sociais desde então admitidos, sob a influência do socialismo, por todos os espíritos esclarecidos como fundamento da vida mutável dos povos. Procura das causas mas, ao mesmo tempo, esforço para delas encontrar os remédios, assim lhe comandava sua inteligência que sempre mais se afirmava como inimiga da contemplação estéril e do abstrato, sendo, pelo contrário, sustentada por uma poderosa vontade de ação, tanto mais admirável se a compararmos à fragilidade de seu corpo.

Falei do «socialismo», que, na época (entre os dez últimos anos do século passado e os dez primeiros deste) chamava mais do que nunca a atenção dos historiadores para os fenômenos sociais e, mais ainda, para os fenômenos econômicos, para deles extrair a explicação das transformações históricas em cada país e no mundo. Mas tratava-se, desde então, de um socialismo teoricamente corrompido e ideologicamente desviado, muito especialmente na Itália, onde a ausência de uma séria formação marxista, ocasionada pelo diletantismo e pela falta de conhecimento direto do marxismo, favorecera, no seio do movimento proletário, a eclosão do mais empírico e vulgar reformismo e o triunfo de uma concepção inteiramente mecânica do determinismo econômico, que pretendia ser, no domínio da sociologia, o irmão do positivismo derrotado na época.

Nem o reformismo nem o determinismo econômico, que reduziam toda a doutrina e a ação emancipadora do trabalho a uma espera inerte e fatalista, podiam fornecer ao jovem estudante as razões profundas do estado atrasado, bárbaro e inumano de sua ilha, sobrevivência do passado no quadro nacional da moderna

civilização capitalista. Menos ainda lhe poderiam indicar os remédios próprios para vencer esta situação.

No momento em que os mais desolados aspectos de uma sociedade agrária de tipo semifeudal se apresentavam ante seus olhos perscrutadores, ante sua inteligência atormentada, ante seu coração ferido, quisera, por um lado, fazê-lo crer que tudo isso teria fim súbitamente sob os contragolpes imprevisíveis do sistema, dando lugar a um mundo novo de justiça e de igual possibilidade de desenvolvimento; por outro, incitá-lo a confiar na prudente compreensão e no espírito de bondade, oportunamente estimulado, dos grandes capitalistas continentais, para assistir, enfim, à intervenção de medidas generosas, punindo e limitando os abusos, as arbitrariedades, a opressão implacável que estes mesmos capitalistas exerciam, no entretanto, com a melhor boa vontade sobre as classes dominadas!

Insatisfeito, Gramsci dirigiu-se, então, à grande voz persuasiva do filósofo de Pescasseroli, Benedetto Croce. A semelhança de todas as melhores inteligências de sua época, Croce mergulhara primeiramente nas águas vivificantes do marxismo, mas para delas sair rapidamente, queimado na sua mórbida sensibilidade de homem de estudos, amante da doçura e das serenas tertúlias acadêmicas. Era-lhe muito duro suportar o peso das conclusões de ferro decorrentes do rude contacto com o marxismo no domínio filosófico e prático, no domínio da teoria e da ação com respeito à vida social e política italiana. Ele extrairia, contudo, alguma coisa deste contacto e modificara sua concepção idealista transcendental do mundo nela incorporando o método dialético que permitira a Marx rejuvenescer as velhas e gastas doutrinas materialistas pré-hegelianas. Exaltando sem cessar as virtudes de uma liberdade sem adjetivos, de uma liberdade que devia ser a todo o momento novamente conquistada por cada homem, considerado em si mesmo, quase como resumindo toda a sociedade, o filósofo de Pescasseroli induzia objetivamente a querer, por toda força, alguma coisa, induzia a procurar alguma coisa, a agir para atingir alguma coisa.

Entre os livros que Gramsci devorava e que lhe emprestavam seus professores, espantados com sua inteligência viva, ardente, disciplinada, foi ele desde logo levado, como tantos outros jovens da época, a preferir os livros de Croce e dos discípulos deste filósofo. Não perdia nenhum número das novas revistas, que apareceram no curso dos surpreendentes dez primeiros anos deste século, em que a Itália conheceu a potência criadora das forças produtivas de seu povo, potência cedo destruída pela voracidade bestial da classe dirigente italiana. Nestas revistas, exprimia-se notadamente, a suficiência audaciosa de uma geração

Entre as ilhas que semeiam os mares da Itália, a Sardenha é a que se acha mais afastada das costas continentais. Por isso, as diferentes vicissitudes políticas e sociais, que se sucederam na península ao longo dos séculos, não puderam encontrar em seu solo nem um reflexo rápido nem um desenvolvimento paralelo. Foi só depois de um espaço de tempo muito grande e, por consequência, com deformações e dificuldades inevitáveis, que a ilha conheceu na sua história as transformações fundamentais que caracterizaram as grandes etapas de desenvolvimento da sociedade italiana. Ainda no século passado, quando na península as relações de produção (pelo processo natural das classes e depois sob o impulso acelerador das guerras e das conquistas napoleônicas) saíam da lentidão medieval para dar vida e força ao mais moderno capitalismo, a Sardenha chafurdava na fase pré-capitalista. Quando, por fim, depois de concluído o ciclo do «Risorgimento» e da unificação nacional, o capitalismo, transpondo o mar, conseguiu penetrar na atrasada economia insular, firmou-se na exploração rapaz da pobre produção indígena tradicional por métodos colonialistas, sob todas as formas comerciais e usurárias, incapazes de estimular novas energias e contrários a elas. Esta produção era, e permanece ainda no presente momento, na sua grande parte, agrícola, de tipo pastoril, com uma considerável atividade de pesca nas costas meridionais. Fortes grupos financeiros continentais, os açambarcadores e monopolizadores dos produtos fornecidos pelas pequenas e médias propriedades e pela economia familiar, mantêm em respeito a modesta burguesia local que, por sua vez, enquanto estanca suas ambições políticas em querelas intestinas e na influência sobre as municipalidades e paróquias, conserva em condições de verdadeira servidão a plebe rural, atingida, pouco depois, pela propaganda socialista. A recente para que se não confunda ainda, veis de carvão no interior meridional da ilha, determinou a rápida formação de uma importante indústria mineira, indústria que se gerou diretamente dos capitais continentais e que se revelou, igualmente, um fator da exploração exterior da miséria local. Quanto ao núcleo operário — de formação demasiado recente descoberta de jazidas consideráveis em suas vastas camadas, com a classe dos camponeses pobres e sem terra, de onde saiu — permaneceu, até o fim da

de jovens intelectuais, que estavam prontos a crer na força renovadora das idéias, mas que ao mesmo tempo desprezavam as forças sociais, as únicas capazes de realizar estas idéias em obras fecundas. Ora, Gramsci pôde escapar à influência desta corrente. Uma vez mais encontrou êle na triste realidade que o cercava o antidoto contra o sutil envenenamento da nova filosofia idealista.

Como, realmente, poderia a filosofia idealista aconselhar, ajudar, guiar os servos de sua ilha para que êstes se libertassem de suas cadeias, e o povo de sua fome e de sua ignorância? Como poderia esta filosofia libertar as terras de sua esterilidade? tôdas essas pobres riquezas, frutos de longos trabalhos, do desavergonhado açambarcamento? a ilha tôda, enfim, do pêso morto e da corrupção do passado? Elevando-se muito alto no céu do ideal, esta filosofia perdia de vista as misérias do homem, abandonadas como pouco dignas de seu esforço de pensamento e, menos ainda, de qualquer esforço de ação para eliminá-las. Qual a utilidade de nos ocuparmos com as misérias da carne, da casa, do trabalho, da vestimenta, inseparáveis dos afetos, dos sentimentos, das aspirações, da vida moral, em resumo, com tudo o que faz o homem, o homem real, o homem desta sociedade, a qual não vive senão por êle e para êle?

Mas, em 1911, Antônio Gramsci, com dezesseis anos e premiado com uma bolsa das antigas províncias do reino da Sardenha, deixando a ilha natal pelo continente, a fim de prosseguir seus estudos em Turim, para ali levar (além de algumas camisas que sua mãe lhe cosera amorosamente) uma preciosíssima bagagem de normas intelectuais, disciplinadas por uma crítica severa, e ao mesmo tempo fermentadas por uma ardente aspiração a dar-lhes uma coordenação nova, capaz de trazer uma solução satisfatória aos problemas que povoavam seu espírito.

Turim representava, na época, o foco do espírito de empreendimento do grande capital industrial italiano. Nas suas fábricas de automóveis, a concentração técnica e financeira dava à produção um impulso crescente, e às massas operárias uma unidade, um senso de solidariedade, uma determinação e uma potência de luta sem precedente. As organizações sindicais enquadravam numa disciplina livremente consentida dezenas de milhares de aderentes. Eram geralmente dirigidas por homens não remunerados, por trabalhadores que deixavam as salas das máquinas e os altos fornos para se dedicar, à saída do seu trabalho, às tarefas absorventes da vida sindical. Turim possuía, ainda, uma importantíssima rede de cooperativas de consumo, que protegiam as magras economias das famílias operárias contra a avidez dos traficantes. Por outro lado, uma vasta associação mutualista assegurava a estas famílias uma boa assistência sanitária. Como um coração vivo no meio dêste sistema de organizações de classe, a secção do Partido Socialista de Turim fazia circular por tôda parte o sangue quente de sua fé e de seu entusiasmo, unificava as atividades, coordenava os esforços, preparava os homens, designando-os para as diferentes tarefas, reunindo enfim êste grande

centro da vida proletária às massas trabalhadoras de todo o país.

O ano de 1911 foi rico em movimentos reivindicativos para as massas trabalhadoras da indústria de automóveis. Estas massas conservaram-se em greve durante longos meses para protestar contra as diminuições dos salários decididas pelos empregadores, que queriam, desta maneira, superar a crise em que a indústria fôra arremessada, em parte por causa da guerra de conquista esboçada na Líbia. A luta sindical estava, assim, estreitamente ligada à luta política conduzida no plano nacional contra a louca aventura imperialista em terras da África.

E' diante dêste espetáculo grandioso que Antônio Gramsci foi colocado desde sua chegada a Turim. Tinha êle ainda em seus olhos a imagem das charnecas incultas, das plebes rurais entorpecidas, dos operários sem coesão e sem guia de sua ilha; e, por outro lado, a desta sordida burguesia indígena, ciosa de seus arcaicos hábitos patronais. O contraste era por demais rude, por demais grande a diversidade social entre êstes dois mundos, para que o jovem, que se dera tanto trabalho em analisar os males daquele, que conhecia, não sentisse a necessidade de estudar com um severo método de investigação, o outro, inteiramente novo, que se abria diante de si.

Bastantes livros, que lera e relera no isolamento de Ghilarza — livros de economia política, de sociologia, de história, e também romances — continham pinturas de meios operários, da vida de fábricas, dos sistemas industriais, das modernas relações de trabalho, bem como uma exposição das doutrinas, das ideologias e das concepções técnicas que dêles decorrem. Como tudo isso lhe parecia, daí em diante, frio, sem expressão, ante a página viva de realidade, operante e combativa, na qual as idéias e os sistemas se exprimiam brotando da ação dos homens nas relações recíprocas, em face dessas máquinas, dêses materiais, dêses produtos, dêse dinheiro, de que resulta todo o sistema industrial. Relidos nas salas da biblioteca da universidade de Turim, com uma comodidade maior e uma mais ampla possibilidade de comparação dos textos, à luz do comentário verdadeiro e decisivo da vida, de que Gramsci era o espectador, êses livros pareceram-lhe quase novos. A crítica, que êle já exercera nesse trabalho de confronto, quando estava armado apenas de seu próprio raciocínio e de sua íntima aspiração à justiça, nêle despertada pela visão dos sofrimentos populares, foi reforçada pela experiência de que se começava a penetrar, permanecendo ainda, totalmente, à margem da ação.

Embora tivesse consciência da enorme importância que o partido socialista, pelo simples fato de existir, possuía no desenvolvimento da luta social e política italiana, não hesitou em marcar definitivamente com seu desprezo as duas correntes que dividiam tradicionalmente êste partido por litígios vulgares, desprovidos de qualquer fundamento teórico. Findara o tempo do determinismo econômico, do fatalismo revolucionário, do apocalipse catastrófico do capitalismo! Essas lutas quotidianas, dirigidas para objetivos determinados, num quadro de organização formado e apoiado

por milhares de vontades conscientes a fim de entrar e tornar inoperantes as leis espontâneas da economia capitalista em seu apogeu; eis as verdadeiras determinantes das conjunturas sucessivas, nas quais amadurecera a nova ordem social. Estas eram possíveis e se desenvolviam com tal ritmo e com tais efeitos, porque os operários estavam conscientes de sua situação, de suas tarefas, das necessidades gerais e queriam agir de maneira a satisfazê-las, mesmo ao preço de seu sacrifício pessoal.

A vontade, como meio necessário à luta revolucionária; uma soma de vontades convergentes, organizadas, disciplinadas, operantes, e não uma soma de entusiasmos ardentes, mas cegos, arrastados em turbilhão por um destino irrevogável e imanente: eis como Gramsci sentiu, desde êste momento, a necessidade de organizar o partido da classe operária, em oposição à demagogia confusa da fração socialista extremista. Estava-se longe, ao mesmo tempo, do acolhimento benévolo feito por uma burguesia esclarecida a um programa substancial de reformas, que permitiriam ao trabalhador participar de uma justa distribuição da massa crescente das riquezas produzidas. O punhado de grandes capitalistas da indústria, que, com uma ousadia genial e tenaz, haviam mobilizado grandes capitais e uma multidão de homens para criar imponentes fábricas, defendiam com uma rude brutalidade seus lucros contra os mais elementares direitos dos operários e ofereciam, dêsse modo, o mais ruidoso desmentido às ilusões reformistas com as quais se tentava enfraquecer o movimento ascendente das massas laboriosas.

A luta das classes, a impossibilidade de reconciliação dos interesses destas classes, a necessidade da deposição da classe dominante para que a ascensão da maioria do povo trabalhador pudesse se fazer livremente: eis o que a grande cidade sub-alpina proclamava constantemente na sua vida febril e rica em contrastes. Eis o que Antônio Gramsci colocou na base de sua ideologia social de sua concepção do mundo humano, de seu «credo» político.

Mas diante dos operários que lutavam, conscientes de sua força e fortes na sua vontade de libertação, não esqueceu os camponeses de sua Sardenha: humilhados, divididos, roídos por uma cólera interior impotente contra seus patrões.

Também na Sardenha as classes se opunham e seus interesses não se podiam conciliar. Também na Sardenha, a vitória sobre a miséria geral e sobre a injustiça seria conquistada unicamente por uma luta conseqüente, organizada, incansável.

Duas lutas, então? Duas lutas paralelas? Duas lutas separadas, ignorando-se uma à outra?

Antônio Gramsci que, ao lado de seu grande e desolado amor pelos pobres párias de sua ilha, alimentava agora, um amor de admiração pelos operários, em cujo ardor revolucionário se revigorava, devia naturalmente repelir uma tal idéia. Devia, pelo contrário, procurar os liames que uniam essas duas forças levantadas, mesmo sob impulsos diferentes, contra a exploração e a opressão. E eis que visivelmente, de maneira sensível, quase plástica, êstes liames encontravam, em Turim, forma e expressão.

Em Turim tinham, com efeito, sua sede muitas sociedades financeiras que dominavam na Sardenha as empresas ferroviárias e mineiras e delas extraíam, com exploração colonial da mão de obra local e das pequenas propriedades camponesas da ilha, os lucros enormes, que lhes permitiam seus jogos especulatórios sobre as indústrias continentais, sobre o trabalho dos operários do continente. Os interesses das diferentes empresas se confundiam e se unificavam por liames sutis, ocultos, mas não imperceptíveis. Freqüentemente, mesmo, para melhor salvaguardar esses interesses, os capitalistas impeliam sãbiamente um contra outro, os diferentes grupos de trabalhadores que, todavia, na sua totalidade, sem diferença entre eles, lhes pagavam o mesmo pesado resgate de lucro.

Antônio Gramsci extraiu destas observações os primeiros elementos preciosos para a tese originalmente por ele elaborada (ainda que esta tese se tenha revelado, no seu desenvolvimento, paralela ao ensinamento de Lênin) sobre a aliança indispensável entre operários e camponeses. Aliança que representava e representa, na Itália (país onde a estrutura agrária predomina na vida econômica e social) o «Abre-te, Sésamo!» de uma boa estratégia revolucionária, e cuja carência, consequência do vulgar empirismo do movimento socialista, reduzira, até então, toda a grande luta proletária a esforços de rebelião, heróicos, mas inúteis.

A solução da «questão meridional», ponto crucial da revolução italiana tal como foi depois formulada e transmitida por Antônio Gramsci, e que se tornou atualmente o patrimônio de todas as correntes verdadeiramente democráticas do movimento popular italiano, não é mais que, definitivamente, a repetição e o acabamento desta tese relativa à aliança entre as classes operária e camponesa, tese esta concebida não mais em função das relações entre duas regiões determinadas do país, mas em função de toda a península, que uma história secular de fracionamento político e de diverso desenvolvimento social dividiu, aproximadamente, em dois grandes setores econômicos: o Centro-setentrional, mais avançado sob o ponto de vista capitalista e industrial, e o Meridional-insular, atrasado na sua estrutura agrária predominante.

Evidentemente, e precisamente em virtude desta diferente maturidade política, sindical, ideológica das duas classes aliadas, não podiam elas ser colocadas por Gramsci num mesmo plano, quanto à sua função e ao seu papel revolucionários. Para a classe operária, reconhecia Gramsci um papel de guia. A própria concepção da «aliança» excluía «a priori» o perigo de uma nova degenerescência «operarista», própria do reformismo, expressão de aristocracias da fábrica, corrompidas sob o ponto de vista de classe; e do extremismo, já caído no sindicalismo, que pretendia afastar os operários da luta política e isolá-los num mundo seu, estranho ao mundo burguês, onde, no entanto, ainda deviam viver.

O fato de reconhecer o papel dirigente da classe operária em geral, como classe, não impediu, absolutamente, que Gramsci desse o seu justo valor à capacidade e à função de cada pessoa no circuito da vida coletiva, ensinamento

que já extraíra — após o crivo da crítica — da filosofia de Croce. O princípio de pôr em evidência na classe operária uma vanguarda formada por seus elementos mais capazes, mais combativos, mais preparados para o sacrifício; e de selecionar, no seio desta vanguarda, um núcleo dirigente que dela resumisse, no mais alto grau, as qualidades características fundamentais, este devia ser o resultado da coordenação do papel do indivíduo com o da classe. O mais atento estudo, o mais vivo interesse consagrados a todos os processos internos, orgânicos, pelos quais a massa proletária extrai de seu seio, a fim de levá-la a funções diretivas, seus quadros politicamente mais ativos e tecnicamente mais experimentados, foi o desenvolvimento normal da ação política eficiente que Gramsci soube propôr, ensinar e confiar ao partido.

Daí, este capítulo decisivo na formação ideológica e na atividade prática do movimento operário italiano, escrito pela experiência de Turim dos «conselhos de fábrica», na qual, sob a orientação de Antônio Gramsci, bem como na revista de cultura socialista «L'Ordine Nuovo», fundada por ele, se encontrou mais do que nunca confirmado o preceito básico do marxismo, segundo o qual, a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores. A própria noção de «trabalhador» recebeu então, no curso dos desenvolvimentos teóricos que acompanharam e dirigiram, passo a passo, esta experiência, um conteúdo novo em face da estreita visão corporativa do reformismo e da visão sectária do extremismo. Compreendia este conteúdo todas essas forças produtivas que o grande capitalismo havia, cada vez mais, arremessado no exército dos trabalhadores assalariados e que a pesada hereditariedade de preconceitos e de conveniências sociais, ajudada pela asneira política dos dirigentes socialistas conservava afastadas do movimento operário libertador e muitas vezes hostis a ele.

* * *

Mas Turim não foi mais do que a grande escola experimental onde o gênio de Antônio Gramsci verificou as teorias e as concepções que extraíra dos livros, para determinar de uma maneira incontestável e por um profundo trabalho de integração a própria concepção definitiva, que sustentou e inspirou sua ação de fundador e de dirigente do comunismo italiano. De Turim, pôde ele também estender sem limites o horizonte de suas próprias concepções concretas. Não somente a toda a península que, no seu conjunto, se apresentava como uma mescla de matagais atrasados, parecidos com os da Sardenha, e de centros combativos, organizados e progressistas, semelhantes à sua cidade de eleição (com nuances de um a outro extremo, na maior parte das províncias), mas ao mundo inteiro, que se tornava sempre mais próximo e menor, à medida que aumentavam os meios de comunicação.

O que mais o chocou, nesta época, foi a grande diversidade dos meios pelos quais as massas trabalhadoras realizavam, através de sua ação quotidiana, sua missão histórica progressiva, quando então por toda a parte, no campo socialista se produziam os mesmos fe-

nômenos de degenerescência das idéias e de corrupção dos homens. Isto obrigava a que se abandonasse definitivamente a vulgar tradição dos lugares comuns, das frases feitas, dos programas de ação e das palavras de ordem com objetivos imediatos estereotipados; tradição que, desconhecendo a realidade histórica de cada povo, anulava a função dirigente dos partidos revolucionários, reduzidos a serem arrastados na cauda dos acontecimentos. A investigação mais diligente e detalhada do passado de sua própria nação; a análise da sua estrutura social específica; a procura de suas possibilidades econômicas concretas, imediatas e futuras; o conhecimento preciso de suas orientações mais características: espirituais, culturais e morais; em suma, o estudo consciencioso, metódico, tornou-se assim para Gramsci o dever fundamental do revolucionário consciente. Não o estudo árido do erudito que ignora o mundo, persuadido na sua suficiência de dêle esgotar toda informação nas bibliotecas poeirentas: mas o estudo do homem de ação consciente da impossibilidade de levar a bom termo sua empresa unicamente por meio da intuição e do entusiasmo; e que conhece o valor da sabedoria acumulada pelas gerações. Antônio Gramsci, até o último dia de sua vida heróica, testemunhou o maior desprezo pela ignorância vazia e presunçosa, que crê poder criar um mundo novo, negligenciando conhecer os mais elementares fundamentos do mundo antigo e do atual, de onde, todavia, o novo deve surgir. E, por sua própria conta, entre as tarefas principais, que a si mesmo impusera, colocou a de educar e dirigir para o estudo os militantes revolucionários. Isto, logo após os primeiros anos de sua residência em Turim. Em virtude de seu profundo senso das responsabilidades, mantinha-se ainda então afastado da participação ativa na vida política e na do partido, pois julgava necessário fazê-la preceder de uma séria e ponderada preparação. À noite, ia aos «círculos» operários levantar ante os ouvintes, nas suas conferências e nas suas aulas, os problemas que se elaboravam no seu espírito e indicava a seu público, as respostas que propunha, como para buscar no seu consentimento a confirmação e a certeza de suas deduções. Na época da «L'Ordine Nuovo», foi, desta maneira, uma massa de centenas de milhares de trabalhadores de fábrica que se «reconheceram» ideológica e politicamente na revista de Gramsci, revista de severos estudos teóricos, que, sucessivamente, condicionava à participação íntima nas lutas operárias a validade das concepções que elaborava e defendia.

Até as dias angustiosos do longo e mortal aprisionamento, no curso dos quais confiou a magros folhetos, parcimoniosamente consentidos por seus carcereiros, sua admirável herança de literatura consentida (atualmente em vias de publicação aos cuidados do Partido Comunista), Antônio Gramsci certamente não pensava senão no dever, jamais suficientemente cumprido, de esclarecer os trabalhadores sobre as origens de seu mundo de dor e sobre os caminhos e os meios de transformar este mundo

com o mínimo possível de sofrimentos e de dificuldades.

* * *

N. da R. — O artigo que Umberto Terracini acaba de escrever para os nossos «Cahiers» não é uma «biografia» de Antônio Gramsci mas um vasto «a fresco», destinado a fornecer aos nossos leitores uma visão de conjunto da vida e do papel de Gramsci, chefe do Partido comunista italiano, morto nas prisões de Mussolini. Lembramo-nos ainda da indignação levantada no mundo pelos apelos desesperados das personalidades de todos os países — desde Romain Rolland até o arcebispo de Cantuária — a fim de obter do tirano de Roma a transferência do grande prisioneiro para uma clínica. Ah! isto não foi feito senão tarde de mais.

Poucos, no entanto, conhecem, no estrangeiro, a obra de Gramsci como escritor, pensador, homem político, teórico, marxista. E' porque o fascismo fez, durante um quarto de século, pesar sobre a Itália — sobre a melhor parte da Itália — um silêncio tumular. Desde a libertação, o nome de Gramsci tornou-se, do outro lado dos Alpes, o mais popular e o mais querido das jovens gerações. Comenta-se sua obra literária nas universidades, explica-se seu pensamento político revolucionário nas fábricas. Em 1947, foi-lhe concedido o prêmio «Viareggio» — o mais importante da Península, pela sua coleção póstuma «Lettere del Carcere», uma obra prima de humanidade e de literatura. A editôra «Einaudi» tomou a si publicar os vinte e um cadernos escritos por Gramsci durante seus dez anos de cativo. Trata-se de uma rica herança literária que esperamos ver em breve traduzida para o francês.

Mas a mais importante obra de Gramsci é a política, a revolucionária. Foi ele que formou homens como Togliatti, Terracini, Scoccimarro, a maioria dos que dirigem o movimento operário da nova Itália.

Nascido em Ghilarza, Sardenha, em 1891, Antonio Gramsci era quatro anos mais velho do que Terracini e dois que Togliatti.

Todos os três encontraram-se e conheceram-se na universidade de Turim, onde Gramsci seguia os cursos de filologia, Terracini e Togliatti os de jurisprudência. Da universidade à fábrica, do estudo das letras e do direito ao marxismo militante. Assim, se tornaram os «três» membros ativos do círculo dos estudantes socialistas. Depois, veio a primeira guerra mundial e dispersou este núcleo.

Gramsci, corcunda e fraco, foi isento do serviço militar. Continuou sozinho, em Turim, a luta pelo socialismo. Abandonou a universidade, que lhe abria perspectivas brilhantes, e consagrou-se inteiramente ao movimento operário. Em 1917, após a insurreição de Turim contra a guerra, foi nomeado diretor do «Grito do Povo», órgão da Federação Socialista local. A Revolução de Outubro teve nele um defensor e um teórico

ardente. Graças a êle, Turim devia tornar-se uma espécie de «Leningrado» italiana. Com efeito, no dia seguinte à da paz, em 1918, Togliatti e Terracini haviam voltado da frente e se tinham novamente reunido a Gramsci que, com êles, fundou a revista «L'Ordine Nuovo», exemplo unico na história destes trinta últimos anos, da mais completa fusão entre o pensamento e a ação. Pois «L'Ordine Nuovo», simples revista teórica, tornou-se o órgão de direção desse vasto movimento que revolucionou a Itália do outro apos-guerra e que se chamou «movimento dos conselhos de fábrica.» Mas este movimento não pôde sair de Turim e foi derrotado. A derrota de Gramsci foi dupla: em primeiro lugar, no seio do Partido Socialista, em que o centrismo triunfou durante os anos revolucionários de 1919-1920, em seguida no proprio seio do Partido Comunista, nascido em Livorno a 21 de janeiro de 1921, onde o extremismo esquerdista o venceu. Apesar de ser o unico e o primeiro a denunciar e a definir a natureza do fascismo como movimento da pequena burguesia a serviço do capital financeiro, e apesar de ter sabido distinguir tudo o que separa o fascismo da democracia, Gramsci, no início de 1922, foi afastado da direção da «L'Ordine Nuovo», transformado em diário a partir de 1º de janeiro de 1921, e enviado a Moscou na qualidade de representante do P. C. I. Voltou à Itália em 1924, tendo sido eleito deputado por Veneza à nova Câmara convocada por Mussolini. (Sabemos que, quando o chefe dos camisas negras tomou o poder, em outubro de 1922, não havia na Câmara dos deputados mais de 25 representantes fascistas. Querendo uma maioria que lhe fosse favorável, fez dissolver a Câmara e convocar novas eleições. Porém, malgrado o terror, o resultado não constituiu uma vitória para Mussolini. A ala esquerda socialista e comunista voltou mais forte do que antes. Originou-se daí a crise aberta provocada pelo assassinio de Matteotti.)

Gramsci estava em Roma à testa do grupo parlamentar comunista e de novo pode êle fazer valer o seu gênio político como estrategista da classe operária, propondo ao Aventino (indo dos socialistas aos monarquistas) a criação de um «antiparlamento» que tiraria todo o prestígio e toda autoridade do Parlamento de Mussolini. Ainda uma vez, Gramsci não foi escutado. Mussolini amordaçou a oposição e chegou às leis de exceção.

Antes de ser privado de sua qualidade de deputado, Gramsci foi prês em Roma, na manhã de 3 de novembro de 1926. Após dezesseis dias de prisão na Regina Coeli, em Roma ainda, foi deportado para Ustica, ilha do Mediterrâneo. Aí chegou em 17 de dezembro. Mas, pouco depois, a 20 de janeiro de 1927, manietado e encarcerado, estava de novo na Península, na prisão de San Vittore em Milão, de onde era, em seguida, transferido, ainda uma vez, para Roma, para o grande processo dos chefes do P. C. I. que se realizou de 28 de maio a 4 de junho de 1928.

O tribunal especial condenou Gramsci a vinte anos e meio de reclusão. «E' necessário, disse o promotor público, impe-

dir que este cérebro funcione.» O carasco enganara-se. Não pôde êle impedir que o grande cérebro de Gramsci continuasse a funcionar. Os produtos deste cérebro estão sempre muito ativos ainda hoje, do outro lado dos Alpes. Mas, conseguiu destruir um homem que, sozinho, punha em pavor o regime de ditadura de Mussolini. Após dez anos de sofrimentos e de torturas, faleceu Gramsci numa clínica de Roma a 27 de abril de 1937.

* * *

Umberto Terracini, ainda que de uma saúde igualmente precária, pôde melhor resistir às brutalidades do fascismo. Foi condenado, ao mesmo tempo que Gramsci, a vinte e três anos de reclusão. Dêles, passou dezoito entre prisão e deportação.

Libertado com a queda de Mussolini, teve, primeiro, que se expatriar na Suíça; voltou depois à Itália e foi nomeado secretário geral do governo de Ossola (o exército de resistência do Piemonte), cargo que ocupou até o dia da libertação da Itália do Norte. De volta a Roma, foi nomeado responsável pela Comissão da reforma eleitoral e enfim presidente da Assembléia constituinte.

Nascido em Gênova, em 1895, Terracini aderiu à juventude socialista de Turim desde 1911. Foi, com Serrati, membro da direção do P. S. I. durante os anos de 1919-1920. Na fundação do P. C. I., foi eleito, com Gramsci e Togliatti, membro do comitê central.

A INTERDIÇÃO DA BOMBA ATOMICA

“A interdição da bomba atômica será o primeiro passo no sentido do desarmamento geral, sem o qual a paz viverá ameaçada pela força e pela brutalidade”.

(Palavras de OSWALDO ARANHA, Ex-presidente da Assembléia Geral da ONU, em entrevista à imprensa)

Henri Barbusse, biografo de Stálin

MÁRIO DE MICHELI.

Barbusse chegou ao comunismo através da experiência da primeira guerra mundial. Jamais alguém teria pensado que o autor de ternos versos simbolistas, amigo de Catulle Mendès e de Marcel Schwob, tornar-se-ia mais tarde um vigoroso escritor realista e um membro ativo do Partido Comunista Francês.

A vida de Barbusse, com efeito, após uma brilhante estréia literária, acabara por cair na aquiescência monótona de um trabalho redatorial falho de estímulos e de autênticos, generosos ideias. E foi só então que na íntima sensibilidade da sua alma, ainda que de uma maneira confusa, percebeu o eco das primeiras agitações subterrâneas daquela sociedade burguesa, que já estava preparando o massacre dos povos europeus; foi só então que despertou e escreveu "O inferno", um livro dramático e denso de interrogativas humanas, um libelo contra a brutalidade e a injustiça do mundo burguês do qual, quase repentinamente, tomava precisa consciência.

Partindo deste livro, o itinerário de Barbusse é reto, conseqüente. Não era de seu temperamento aceitar compromissos ou agir na base de cálculos por uma injunção qualquer. Não aceitava tampouco dilações. Sua qualidade fundamental era uma ardente sinceridade que destruía qualquer forma de oportunismo moral. Nem, por outro lado, semelhante fogo podia permitir-lhe que permanecesse numa atitude contemplativa diante de uma verdade, mesmo que se tratasse de uma verdade apenas entrevista.

Por estas razões, ao reventar a guerra, sua participação nela tornou-se o empenho definitivo de todo o seu ser e fruto desta sua participação foi o famoso e popular romance "Fogo", o romance das trincheiras lamacentas, dos soldados es-traçalhados, exaustos, e feridos, ricos unicamente de sua essencial humanidade, o romance do qual, além de qualquer falsa retórica patrioteira, jorra espontâneo o ódio contra a guerra e contra quem a desencadeia, qual revolto cemitério dos pobres.

Isto não quer dizer, todavia, que já então fossem claras a Barbusse as verdadeiras causas que haviam provocado aquela guerra. A exata compreensão dos acontecimentos éle a atingirá mais tarde. Naquele tempo, Barbusse acreditava ainda que fôsse necessário combater tal guerra a fim de extirpar para sempre da Europa o militarismo.

Contudo, se o verdadeiro caráter da primeira grande guerra imperialista não se lhe revelou de pronto na concitação das sangrentas batalhas, que se acendiam em tôdas as frentes, esclareceu-se, entretanto, ao fim da mesma guerra, isto é, quando a burguesia, que enviara para a morte pelos seus interesses milhões de homens, desfraldando ante seus olhos as bandeiras dos mais nobres ideais, manifestou a sua verdadeira e feroz natureza de classe.

As razões mais fortes, todavia, que convenceram Barbusse, encaminhando-o para uma justa crítica das causas da guerra e ao mesmo tempo dando, finalmente, uma resposta eficaz às suas inquietas perguntas devem ser buscadas sobretudo na história da Revolução de Outubro.

Na Rússia, com efeito, os operários e os camponeses, com a Revolução vitoriosa, tinham, finalmente, extirpado as raízes de todos aqueles vícios, de tôdas aquelas traições que ainda oprimiam o ocidente e que haviam tornado vãs tôdas as suas esperanças. Lá, realmente, estava nascendo o mundo que éle imaginara pudesse haver nascido do sangue dos povos derramado nas planícies da Europa.

Por estes motivos, seguiu Barbusse com o mais profundo interesse as etapas da Revolução de Outubro, indo, em seguida, por várias vezes à terra da Revolução a fim de conhecer o povo e os homens que, à sua testa, haviam lançado as bases para a construção do socialismo. O conhecimento direto da União Soviética, com a eloqüência da sua nova realidade, a realização dos planos quinquenais e o ímpeto criador das massas populares não fez senão confirmar a Barbusse tudo quanto desde os primeiros momentos pressentira, tudo quanto muito tempo atrás não era mais, ainda, do que um sonho confuso. Pelo contrário, a realidade soviética ia além do sonho, transformava-se, ante os seus olhos, na pátria ideal do homem.

Justamente sob este ângulo é que pas-saremos a tratar do "Stálin" de Barbusse. Este livro é a sua última obra, o remate da sua vida e, podemos dizer, da sua missão de escritor. Barbusse comunista militante corrigiu em parte algumas de suas inclinações sentimentais, algumas de suas fraquezas humanitárias, robusteceu-se, atingiu, em suma, um maior rigor crítico. A sua biografia de Stálin é o resultado de tal processo. Nela, conseguiu Barbusse fundir sua emoção imediata a uma análise fácil e suficientemente completa, recolhendo de uma forma vivaz fatos e episódios em torno do tema central — Stálin continuador de Lênin e construtor do socialismo. Não descuidou, porém, da figura de Stálin como homem. De quando em quando, no decorrer da narrativa ou da exposição histórica, se a ocasião se apresenta, consegue sempre sublinhar aqueles traços que podem iluminar Stálin no seu caráter, na força do seu ânimo, na sua humanidade.

"Stálin baseia-se na razão, no senso prático, arma-se de um impecável e inexorável método, sabe compreender integralmente o leninismo, o perfeito dirigente da classe operária o perfeito dirigente do partido; não busca aplausos com o que faz, não se preocupa com qualquer desejo de originalidade, procura unicamente fazer tudo o que lhe fôr possível; não é eloqüente, mas é sempre o homem da situação; quando fala, só se esforça para ser simples e claro; como Lênin, bate sempre na mesma tecla, vale-se da interpelação (porque com ela consegue sondar o auditório) e largamente das mesmas palavras, como um antigo pregador; tem um poder singular no expôr os pontos fracos e os substanciosos de uma questão, desmascara como nenhum outro os requebros reformistas e o contrabando oportunista."

É este um período do capítulo em que Barbusse ilustra a luta de Stálin contra Trotski, em que põe em confronto a solidez de Stálin, a sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo, com o histerismo de Trotski, com a sua ainda oculta mas já avançada degenerescência que o conduzirá à traição aberta da Revolução.

Mas é nas páginas finais do seu livro que Barbusse melhor indica as qualidades de Stálin: "Voltemos ainda uma vez para junto deste homem em contínuo evoluir (quando alguém quer saber do seu trabalho, costuma responder: **O que foi feito nada representa diante do muito que é preciso fazer.**") A sua história é uma série de vitórias sobre uma série de pavorosas dificuldades. Bastaria um ano de sua carreira, de 1917 em diante, para tornar ilustre qualquer outra pessoa. É um homem forte e o seu nome é todo um programa: Stálin — aço. Inquebrantável e flexível como o próprio aço, o seu poder é impregnado de bom senso, de conhecimentos profundos e completos, de extraordinário equilíbrio interior, de clareza, de inexorável espírito de ordem, rapidez, segurança e intensidade de decisão, longa prática no conhecimento e na escolha dos homens."

O conhecimento de Stálin e da União Soviética foi para Barbusse um programa de ação, um fermento de iniciativas para estrangular a ameaça do fascismo e do hitlerismo que novamente adensava sobre a Europa o furacão da segunda guerra mundial. Barbusse desenvolveu uma intensa atividade entre os intelectuais de todos os países a fim de desmascarar a natureza delituosa do nazismo e organizá-los na luta.

Esta sua atividade ligou-o sempre mais à U. R. S. S. e a Stálin e foi, mesmo, na pátria do socialismo que findou sua laboriosa vida. Morreu, com efeito, na clínica do Krêmlin, em agosto de 35, após uma pneumonia.

Por três dias em seguida o proletariado de Moscou desfilou ante o seu esquife exposto na sala do Conservatório; fêz-se depois a transladação para Paris, em 7 de setembro, e à sua volta os operários parisienses prestaram homenagem ao revolucionário e ao escritor que dedicara toda a sua vida à causa dos oprimidos. De tôdas as partes do mundo, inúmeras mensagens de sábios, de artistas, de literatos e de obscuros, humildes leitores saudaram a memória do grande desaparecido e Jorge Dimitrov, então secretário da III Internacional, lembrou-lhe a imagem, resumindo eloqüentemente o significado de toda a sua vida: "Barbusse compreendeu claramente que a criação artística deve ser posta a serviço da humanidade trabalhadora, que luta pela sua libertação do jugo do capital, e que o verdadeiro artista não pode manter-se à parte nesta grande luta libertadora.

O nome de Barbusse brilhará com letras de fogo sobre a bandeira de milhões de homens, que lutam contra o velho mundo, o mundo da exploração, da escravidão e da guerra de rapina."

Esta é a vida de Barbusse, biografo de Stálin; sua vida corajosa e sem sombras, uma vida heróica, inteiramente devotada, até o seu último dia, à causa da paz e do socialismo.

Sorriso Inútil

ROLDÃO MENDES ROSA

1

É inútil sorrir
O desencanto igualou o rosto dos
[homens

O tempo igualou os homens
Sorrir ou não sorrir é igual
Teu riso já não esconde o coração
[amargo

O tempo encheu o coração
O coração caiu.
Caiu não está no peito
Mas no chão que pisamos.

E quando há corações no chão
Quando a vida está no chão
Entre os pés e a poeira
Ninguém pode sorrir.

A hora que flui é então de todos
A hora é geral coletiva.
Tentar escondê-la é inútil
Nunca estivemos tão juntos.

2

Amigo despreza o riso.
Denuncia a hora negra
Ácido tempo em vinagre
que está queimando as cidades.

E convive a rua que arde.
Liberta a voz policiada
As mãos atrás amarradas
Neste pedaço da América

Neste pedaço da América
O riso não encobre nada.
Amigo despreza o riso
Sejamos o nosso rosto.

Não sorrias não iludas
Teu coração já caiu
E fala mais que tua bôca.

OS MÉDICOS E AS SUAS CONTRADIÇÕES

Por ALVARO DE FARIA

Entre os que andam desorientados na época de crise que atravessamos, sem dúvida estão os profissionais livres e destes destacam-se os médicos.

Isso se explica muito bem. Integrando as chamadas classes médias da sociedade, entre a burguesia capitalista cujos componentes têm uma vida e exercem atividades orientadas pelo enriquecimento individual através da caça aos lucros, aos rendimentos e aos juros, e o proletariado, composto dos que só podem viver de salários, são os médicos, entre os profissionais liberais, os trabalhadores que, se de um lado têm de viver dos produtos do seu próprio trabalho — tal como um artesão ou um operário —, de outro têm os olhos postados numa independência econômica que sobreviria à acumulação capitalista, coisa que é somente viável em regime de vida que traga os lucros, rendas ou juros. E isso não é positivamente o que se pode esperar do exercício honesto da profissão.

Eis uma posição contraditória e cheia de conflitos de ordem moral que não existe somente nos tempos presentes. Esse conflito e essa inquietação moral têm acompanhado a sociedade desde que ela se dividiu em classes sociais.

Entretanto, se as duas classes extremas da sociedade, os patrões de um lado e os subordinados de outro, sempre tiveram posições sociais definidas, às quais correspondia a posição de cada uma delas no sistema de produção, as classes médias, além do conflito, tiveram sempre desorientação.

AS ORIGENS

As origens desse fenômeno estiveram sempre nas mesmas circunstâncias: na de ser a classe média formada de gente vivendo de migalhas, mas vivendo a sonhar com as estrêlas; de gente que vivia amassando o barro, comendo o pó das estradas mas pensando sempre nos tapetes e nas poltronas que "um dia" deveriam pertencer-lhes...

Essa posição tem tido as suas variantes no curso da História, acompanhando de perto todas as modificações que, na forma de viver, iam sendo introduzidas pelas modificações do sistema de produção.

Assim é que na Idade Média e no Renascimento o médico era um puro artesão; era o médico da família; era aquele que não só tratava tudo como tratava todos os do mesmo solar, dos avós aos netos, sendo por todos conservado como o tradicional servidor da

família. Com esse tipo de clientes é que formava a clientela, o que é bem diferente de ter clínica.

Nessa época não havia livre concorrência e os profissionais médicos eram ainda artesãos esperando o momento de se tornarem liberais.

Nesse período tão obscuro, a inteligência humana estava muito longe de entender as coisas da vida e por isso a "ciência" médica era apenas contemplativa podendo os médicos então tratar de tudo porque... não curavam nada.

E foi também em função dessa obscuridade da inteligência que os homens não atinavam com os conflitos e as contradições morais, sem embargo de existirem. Os médicos eram serviçais dos barões mas não descobriam sua situação tanto que se honravam com as hipócritas atenções daqueles.

NA IDADE MODERNA

Na Idade Moderna o mesmo processo prosseguiu agora, porém, com fisionomia diferente.

O cartesianismo racionalista surgia preparando o mundo para a revolução industrial, burguesa e capitalista o que, na composição social, iria transformar os servos e os companheiros em operários fabris e os artesãos em profissionais liberais e em burgueses.

Levada pela luz do raciocínio cartesiano teve a medicina seu primeiro surto de progresso. Já não era mais a época da anatomia de Vessalius e de Miguel de Servet mas, a de Harvey, abrindo os horizontes para o conhecimento do funcionamento normal e alterado do organismo. Foi, de então para diante, que as doenças começaram a ser descritas. Laennec é um tipo padrão deste período.

A medicina fisiológica descritiva já implantava seu alicerce científico e os médicos levados pelos ares renovadores do racionalismo e da livre concorrência, tornaram-se estudiosos da patologia humana e tornaram-se também profissionais que ao se livrarem das injunções dos grêmios e das ordens constituíram-se em trabalhadores que exerciam a sua profissão em regime de livre concorrência, muito embora na pregação moral jamais viessem a abandonar, como expressão de um saudosismo inconsciente, a moral que existia nas ordens.

Aí foi que, em vez de clientela, sua ambição era ter clínica. A confiança que o cercava passou a se assentar mais sobre o seu saber do que na autoridade moral.

A EXPANSÃO DO LIBERALISMO

Entretanto, se o liberalismo invadiu, como todos os mais, o modo de vida dos médicos, continuando a ser homens que viviam dos frutos do seu trabalho individual, não era a situação deles semelhante à dos operários.

Principia pelo fato que o ganho destes tinha a designação de salários enquanto que, aos liberais parecendo pejorativa, eles denominaram os seus de honorários.

Mas a diferença não estava somente no nome. Representava também, no sistema de produção, a diferente posição existente entre os liberais e os proletários. E' que, se ambos o que tinham para oferecer no mercado, era o seu trabalho, uma grande diferença os distinguia e os separava: enquanto os operários só ofereciam a sua força de trabalho e somente àqueles que tinham as fábricas — que tinham, portanto, o capital e os instrumentos de trabalho reunidos nas fábricas — os liberais, e os médicos em particular, eram os trabalhadores isolados que, tendo também o equivalent e das fábricas que eram os seus instrumentos de trabalho, no mercado ofereciam o seu trabalho e mais o produto do próprio trabalho, sendo, desta forma ambivalentes no sistema de produção: sendo meio proletário e meio burguês, ou antes, somando as duas funções.

Assim, pois, o operário só tem a sua força de trabalho para vender, enquanto o liberal vende o seu trabalho também, mas incorporado na mercadoria que o contém — os seus serviços profissionais — por isso mesmo funcionando como burguês e como trabalhador.

Daí a ambivalência da sua posição que, durante este período, continua a ser contraditória, embora assumido novas formas.

Contudo a posição equívoca dos médicos não era muito clara à sua consciência, mesmo assistindo eles às terríveis burlas e sátiras com que a sabedoria popular os tem mimoseado.

Mas não era clara sobretudo porque viviam num ciclo progressista da história: aquêle em que a descoberta e o domínio de novas forças da natureza abria uma larga estrada de progresso à humanidade.

Embriagados com esse progresso, poucas condições havia para se distraírem com a filosofia da vida, continuando assim, como seus antecessores artesãos, na ignorância de sua equívoca posição na sociedade.

NOS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS

Mas passando pelos tempos das revoluções burguesas e pelos períodos da estabilização capitalista, os médicos viram chegar, também na sua profissão, os sinais da revolução social dos trabalhadores assalariados que se aproximava.

A crise do sistema capitalista não haveria de poupar a medicina e os seus profissionais.

O progresso da ciência, e das técnicas que ela criava, foi atomizando a medicina, nas múltiplas especialidades em que hoje se divide. Com as especialidades surgiram os especialistas e, com este, o médico liberal foi sendo substituído por

um outro tipo de médico, que é um pouco liberal e outro pouco deixa de ser. Tornou-se o que se poderá chamar de trabalhador por conta própria, representado pelo especialista que não tem mais clientes próprios, mas, chegam-lhe através do grupo de profissionais ao qual se filia.

Quem é que ignora que os pacientes do especialista lhe são encaminhados pelos colegas do grupo profissional a que pertence?

A clínica desta forma deixou de ser do médico tomado individualmente, porque passou a ser de um grupo de médicos que se forma a propósito de várias circunstâncias: ora se forma em torno de um renomado médico, ora entre os colaboradores de um hospital ou de uma enfermaria, ora por combinação tácita ou expressa, etc., etc..

Isto que é um fato, é também o produto das exigências do próprio desenvolvimento das ciências, as quais hoje não prescindem mais da equipe, porque o individualismo, nas ciências, como no exercício das técnicas, já foi superado.

Por outro lado, a evolução da crise está se refletindo também no setor da própria clínica.

Excetuando as camadas ricas e remediadas da população, dado o elevado preço dos tratamentos, modernos, tem o restante do povo de procurar socorro nas Beneficências, Mutualidades, Caixas de Pensões e Hospitais públicos do Estado e de Caridade, daí resultando uma crise nos serviços particulares da maioria dos médicos.

Entretanto esta crise resulta da industrialização e da concentração industrial que vão penetrando também no campo da medicina.

CONSEQUÊNCIAS DA INDUSTRIALIZAÇÃO

O indispensável aparecimento dessas organizações e o desenvolvimento da orientação da medicina no sentido da Higiene e da Profilaxia, fizeram surgir e desenvolver-se grandemente o salariedade entre os médicos.

Por sua vez, são as próprias condições da crise profissional que empurram os médicos para o salariedade. Entretanto como não deixou de ter ilusões com a clínica privada — como resíduo do processo individualista de trabalho —, ao mesmo tempo que é compelido a querer e disputar empregos, quer também ter seu consultório e pertencer a um daqueles grupos profissionais, na esperança de participar da clínica daqueles grupos.

Nisto está o aspecto que assumiu ultimamente a contradição dos integrantes da profissão médica. Vivem eles ainda em dois mundos: de um lado no exercício privado da profissão são burgueses e... continuam a pensar em um dia fazer a "independência", e, de outro, não podendo prescindir do emprego, tornam-se efetivamente trabalhadores vivendo sobretudo dos seus salários.

SAÍDA DA CRISE

Na evolução do exercício da profissão nota-se que os médicos têm sempre vivido num conflito, quer como artesãos,

quer como profissionais livres, quer como trabalhadores meio proletários e meio burgueses. Isso naturalmente decorre do fato de pertencerem às classes médias da sociedade, mas se isso tem sido tolerado até aqui, hoje a crise do capitalismo atingindo-os também coloca-os numa encruzilhada que os força a procurar saída dessa situação.

Essa saída não será indicada pelos desejos de alguns que, pelo simples fato de terem progredido na profissão, se julgam habilitados a ditar leis à história, mas está indicada na própria História.

Ora, o que vemos é que o que vem crescendo incessantemente é o salariedade no mesmo passo que não somente se desprestigia a medicina privada como escasseia. A saída pois indicada neste fato.

O que só pode acontecer daqui para o futuro é uma expansão, cada vez maior do assalariamento dos médicos, que virá atender ao triplice fim: 1.º, de resolver as suas aperturas econômicas através de um incremento de cargos em organizações de assistência ou de higiene e de uma luta sem tréguas pela melhora dos salários; 2.º, de facultar a vida associativa científica entre os médicos, e através dela fomentar a paixão pelo estudo e preparo profissional; e, finalmente, em 3.º lugar, o de fornecer melhor medicina ao povo uma vez que com o desenvolvimento da técnica médica, toda a medicina se submete em múltiplas especialidades, só mesmo em organizações policlínicas é que os pacientes podem ser eficientemente assistidos.

Neste caminho é que os médicos irão encontrar a solução definitiva para as suas contradições. Deixarão então, quando integrados inteiramente dentro do regime dos trabalhadores, de pertencer aos dois mundos em que ainda se dividem: de um lado vivendo dos produtos cada vez mais escassos do seu trabalho particular e, de outro tendo as aspirações para eles inatinjáveis da burguesia.

Entretanto essa transformação pela qual vem passando o exercício profissional só prosseguirá no sentido do benefício da medicina, dos médicos e das necessidades de assistência do povo, quando uma transformação revolucionária se der na política nacional.

No caminho em que está só pode agravar a situação pois os meios de socorro, como os hospitais, as diversas organizações de assistência ou de profilaxia, estão nas mãos do Estado Capitalista ou na de médicos que se tornaram burgueses por isso mesmo tendo interesses em explorar cada vez mais os médicos que a eles se assalariam.

Eis aí porque só há mesmo uma saída para esta situação: só mesmo uma transformação revolucionária do Estado que representa os capitalistas, subordinados hoje aos trustes americanos, e indiferentes diante da entrega da Pátria aos monopolistas ianques, em um Estado que coloque as instituições de serviços públicos nas mãos do próprio povo, ou melhor, num Governo que represente de fato os interesses da Nação, a qual, está claro, não é o Governo que não representa o povo, mas é o próprio povo.

I. G. FARBEN

M. RUBINSTEIN

Telegramas internacionais recentes tornaram públicos os agradecimentos do Sr. Adenauer, presidente da Alemanha Ocidental, dirigidos aos governos norte-americanos, inglês e francês, por ter sido determinada a suspensão definitiva da desmontagem da indústria de guerra alemã, contrariamente ao que estabelece o Tratado de Potsdam, firmado entre a URSS, Estados-Unidos e Inglaterra, logo depois da vitória sobre o nazismo, como uma das bases para evitar o desencadeamento de outra guerra.

O Sr. M. Rubinstein, comentarista internacional de grande renome, autor de "A política atômica dos monopólios norte-americanos", "O papel desempenhado pelos monopólios da indústria química", "Militarização da ciência nos Estados-Unidos" e outros magníficos trabalhos de abundante documentação sobre política mundial, analisa no artigo que se segue o livro "I. G. Farbenindustrie", de Richard Sasuly, no qual se vê o papel desempenhado pelos cartéis e monopólios na política exterior dos países capitalistas.

A leitura desse interessantíssimo artigo contribuirá para a compreensão dos motivos por que os governos das chamadas potências ocidentais se opuseram ostensivamente à desmontagem da indústria de guerra alemã e como a preparação de uma nova hecatombe guerreira está estreitamente ligada aos interesses dos grandes monopólios que dominam os Estados do mundo capitalista.

Os editores Boni & Gaer, de N. York, lançaram, em 1947, o livro do economista e jornalista norte-americano Richard Sasuly — "I. G. Farbenindustrie". Mobilizado em 1943, Richard Sasuly foi designado, dois anos mais tarde, para tomar parte na seção norte-americana do Conselho de Controle Aliado da Alemanha. Nesse novo cargo, dirigiu o Escritório de Informações e Ligações da Seção Financeira do Conselho.

Sasuly fazia parte do grupo do coronel Bernard Bernstein, incumbido de fazer um inquérito sobre a atividade da I. G. Farbenindustrie e outros monopólios alemães. Os resultados desse inquérito, que revelaram as ligações muito estreitas dos monopólios alemães com os trustes norte-americanos e seus agentes nos organismos dirigentes da zona dos Estados Unidos de ocupação da Alemanha, não foram bem recebidos pelo Departamento de Estado nem pelas autoridades militares norte-americanas. Passados quatro meses, o coronel Bernstein foi dispensado da missão de investigar sobre os monopólios nazistas.

O livro de Sasuly foi prefaciado pelo senador Claude Pepper, que tomou conhecimento da vasta documentação recolhida contra a I. G. Farbenindustrie e suas co-irmãs norte-americanas dos cartéis internacionais, documentação que ajuda a compreender as verdadeiras causas da segunda guerra mundial e muitos aspectos da situação internacional de após-guerra.

Pepper insiste em afirmar que o problema da I. G. Farben não deve ser guardado nos arquivos, pois, a "I. G. Farben e a prática dos cartéis, da qual ela era a expressão mais característica, subsistem em grande parte na hora atual. Elas constituem sempre uma ameaça à paz de um mundo que ainda não terminou de contar os mortos da segunda guerra mundial".

Os monopólios, que se esforçam por uma "pax americana" imperialista, baseada na força, são os piores inimigos da cooperação internacional, os instigadores mais perigosos duma nova guerra. Sasuly descreve toda uma série de novas usinas de guerra, cuja construção os nazistas estavam levando avante nos últimos meses da guerra, quando já era evidente para qualquer pessoa que a derrota da Alemanha era inevitável. Eles construíam essas usinas com a esperança de que lhes seria permitido nelas continuar a fim de utilizá-las na construção de aviões para uma outra guerra no leste, dessa vez com amigos à retaguarda e contra os russos odiados.

Os primeiros capítulos do livro de Sasuly são consagrados à história da I. G. Farben. A atividade dessa empresa tentacular da indústria química alemã e, sobretudo, suas ligações no estrangeiro, sempre foram mantidas em estrito segredo. Mesmo hoje, depois de um inquérito minucioso, ignora-se o montante exato de seus capitais. Sabe-se tão somente que seu haver não era inferior a seis milhões de marcos e que ela possuía a maior parte do

capital investido em mais de 380 outras empresas alemãs. As ramificações desse consórcio no estrangeiro abarcavam mais de 500 sociedades através do mundo.

A I. G. Farben, que reinava sobre a quase totalidade da indústria química alemã, possuía ainda minas de carvão, de magnésio, de gesso e de sal, e tinha enormes capitais invertidos na metalurgia. Quando Henry Ford abriu uma filial na Alemanha, a I. G. Farben comprou a quase totalidade dos 40% de ações emitidas pela Ford, para serem vendidas na Alemanha. Karl Bosch, primeiro presidente da I. G. Farben, entrou para o conselho de Administração da sociedade Ford na Alemanha, ao mesmo tempo que Edsel Ford se tornava membro do conselho de administração da recém-criada I. G. Farbenindustrie para a América.

Essas ligações e muitas outras mais do consórcio químico alemão com os monopólios norte-americanos explicam por que razão as instalações da I. G. Farben, na Alemanha ocidental, quase nada sofreram durante a segunda guerra mundial. Os bombardeios da aviação norte-americana e inglesa pouparam as principais usinas de guerra da I. G. Farben, que ficaram intactas, no meio do caos e das ruínas dos quarteirões residenciais circunvizinhos.

Não há motivo para admiração, pois a I. G. Farben que, como disse Sasuly, "traçou, no verdadeiro sentido da palavra, o plano da segunda guerra mundial" e que desempenhou um papel relevante na sua preparação, desenvolveu-se graças aos créditos ingleses e americanos.

A Inglaterra e os Estados Unidos, escreve Sasuly, combateram na segunda guerra mundial um inimigo que ajudaram a rearmar...

Mais do que qualquer outra grande sociedade, a I. G. Farben era o centro de uma rede de acordos entre cartéis internacionais. O inquérito de que ela foi objeto revelou, igualmente, que os laços de cartel a cartel, que cobriam a Europa e que, além do Atlântico se estendiam aos Estados Unidos, tornaram-se um sistema no qual se forjava a guerra.

Não é necessário deter-se sobre a "pré-história" da I. G. Farben, que Sasuly expõe detalhadamente, desde a sua origem no cartel germânico dos corantes de anilina. Durante esse período inicial, sua atividade abrangia entre outros ramos o dos produtos farmacêuticos.

É nesse setor que se vê melhor como a atividade do cartel era sempre e, em toda parte, dirigida contra os interesses da humanidade, observa Sasuly.

A maior parte das descobertas feitas pelos sábios alemães no domínio farmacêutico era mantida em segredo nos laboratórios da I. G. Farben, tanto para assegurar-lhe enormes lucros, como para servirem como instrumentos de guerra.

É o caso das descobertas de Paul Ehrlich, que trabalhava num laboratório posto à sua disposição pela I. G. Farben. Quando Ehrlich descobriu o "salvarsan", a Farben assegurou-se o monopólio de sua fabricação, o que lhe permitiu estabelecer preços extremamente elevados para o produto. Quando rebentou a primeira guerra mundial, foi suspensa a exportação do "salvarsan", bem como de toda uma série de medicamentos importantes, em particular, dos anestésicos. O monopólio alemão de produtos farmacêuticos era uma arma de guerra.

Quando, depois da guerra, a Farben se assenhoreou de um específico contra a doença do sono, moléstia que devasta as regiões tropicais da África, ela ofereceu à Inglaterra o segredo da fabricação do precioso medicamento, como preço para a devolução das antigas colônias alemãs no continente negro. A transação gorou porque os químicos de outros países conseguiram produzir preparados sintéticos análogos. A Farben retardou, por vários anos, o emprêgo da sulfanilamida. Descoberta em 1908, a sulfanilamida ficou quase 30 anos enterrada nos laboratórios do monopólio alemão, pois este esperava o momento em que a

nova medicação pudesse proporcionar-lhe maiores lucros. Assim escreveu Sasuly:

A I. G. privou o mundo de um poderoso meio de salvar vidas humanas porque ela queria produzi-lo com exclusividade... Em 1936, a sulfanilamida estava ao alcance de todos, a despeito de todos os esforços da I. G. Farben.

Durante a primeira guerra mundial, toda a produção de explosivos foi feita pela I. G. Farben. Sem ela, o exército alemão não teria dado um só tiro. Foi ela quem impeliu os generais alemães a fazerem a guerra química, empenhando-se, não somente em produzir matérias tóxicas, mas, ainda, em organizar o serviço químico especial do exército alemão.

Nesse período, a Farben utilizou, igualmente, seus métodos de guerra econômica que consistiam em empregar ao máximo suas ligações com os cartéis internacionais, a fim de enfraquecer a indústria química dos outros países. A Farben não sofreu, nem com as cláusulas do tratado de Versalhes, nem com a ocupação do Ruhr pelas tropas aliadas. A inflação enriqueceu seus acionistas ao baixar o nível de vida dos trabalhadores e ajudou-a a liquidar suas velhas dívidas. Transformada em um monopólio, centralizado em 1925, a Farben tornou-se rapidamente uma força dirigente do imperialismo voraz. Entrou em contato com todos os partidos de direita, utilizando seus recursos financeiros para influir nas eleições. Em 1931 e 1932, os magnatas da Farben fizeram várias contribuições à caixa do partido hitlerista. Desempenharam um papel de relevância nas negociações entre os industriais e financistas alemães com Hitler, negociações que levaram o nazismo ao poder e permitiram aos monopólios germânicos a preparação, em grande escala, da segunda guerra mundial.

Os documentos dos arquivos do truste Du Pont, citados por Sasuly, mostram que, desde 1924, os alemães se tornaram os principais concorrentes da Du Pont na Europa, na produção de pólvora sem fumaça, ultrapassando os produtores franceses e italianos. Apesar dessa concorrência, a volta dos alemães ao cartel internacional dos produtores de armamentos foi bem acolhida, não somente por causa das velhas ligações existentes entre os fabricantes de armamentos dos diversos países, mas, também, porque, quando, sob Hitler, a indústria de guerra alemã entrou a funcionar a pleno rendimento, isto teve um efeito tônico sobre a indústria de armamentos dos outros países.

Em todos os países capitalistas, os empreiteiros da morte sonharam com grandes lucros a realizar.

Mas, escreve Sasuly, a cooperação internacional dos produtores de armamentos era pouca coisa para a Alemanha, em comparação com a ajuda das inversões estrangeiras. Desde que a inflação foi detida e o marco estabilizado, os créditos estrangeiros afluíram à Alemanha. Graças ao capital estrangeiro, a indústria alemã foi amplamente renovada e modernizada.

A Farben desempenhou um grande papel na preparação da Alemanha hitlerista para a guerra, desenvolvendo a produção de nitrato, de gasolina e borracha sintéticas.

Quando as máquinas blindadas funcionaram com gasolina sintética e rodaram sobre pneus de "buna" o Grande Estado Maior Alemão percebeu que o rearmamento alemão entrava na sua última fase. A guerra podia começar no momento em que Hitler desse o sinal.

Porém, antes dos primeiros disparos, houve o que Sasuly chama

a guerra fria, a guerra pela propaganda, a guerra dos espões e, sobretudo, a guerra de agressão econômica.

A Farben foi um dos instigadores dessa guerra. A rede de suas ligações de cartel acabou por cobrir todo o mundo capitalista. A organização largamente ramificada para o escoamento de seus produtos permitia-lhe instalar agentes fascistas em todos os pontos importantes do globo. Graças ao seu sistema de filiais, de inversões e propriedades no estrangeiro, a Farben estendeu-se a 93 países.

Grande número de companhias estrangeiras controladas pela Farben estava cuidadosamente disfarçada. Por exemplo, nos Estados Unidos, a "General Aniline and Film Corporation". Quando os Estados Unidos entraram na segunda guerra mundial, essa empresa pretendia ser uma sociedade independente. Nominalmente, o capital pertencia, não à Farben, mas, a uma sociedade fantoche, a "I. G. Chemie", da Suíça, elo muito importante da cadeia de participações mascaradas da I. G. Farben. Quando a guerra re-

bentou, foram observadas todas as formalidades jurídicas para simular a cessação das relações entre a I. G. Farben e a I. G. Chemie, com o fim de subtrair aos Estados Unidos um patrimônio tão precioso como a "General Aniline and Film Corporation", fazendo-a escapar da categoria das empresas inimigas e abrigando-a no porto seguro da neutralidade. Na realidade, as antigas ligações permaneceram inalteradas ainda que dissimuladas.

Além da "General Aniline and Film Corporation", a Farben criou, em N. York, uma organização especial, a "Chemnyco Incorporated" por meio da qual devia obter informações técnicas de importância militar. As ações dessa companhia foram atribuídas a determinados cidadãos norte-americanos. Da mesma forma, o pessoal se compunha, na maior parte, de norte-americanos. Esse mascaramento permitiu aos agentes nazistas passar tranquilamente toda a duração da guerra como cidadãos perfeitamente respeitáveis.

Cada agência da Farben, no estrangeiro, não era mais do que um elo da organização do partido nazista no exterior, para o qual o consórcio contribuía com dezenas de milhões de marcos. Somas maiores ainda eram consagradas à propaganda hitlerista no estrangeiro, à compra de jornais, de parlamentares e jornalistas, à espionagem.

Todas essas despesas, entretanto, apareciam sob a forma de grandes lucros.

Durante os dez primeiros anos do reinado de Hitler, de 1933 a 1943, a I. G. Farben pôde aplicar mais de 4 milhões de marcos na construção de novas empresas ou na ampliação das antigas. Grande parte de seus capitais era fornecida pelo governo nazista. A I. G. Farben sempre foi uma empresa lucrativa. Mesmo nos piores anos da crise, ela dava lucros. Mas, desde 1932, uma verdadeira chuva de ouro caiu sobre ela. De ano em ano, os negócios e os lucros cresceram verticalmente. O lucro global de 1943 foi 16 vezes maior que o de 1932. Quando foi criada, nos meados da década de vinte, a Farben já era um consórcio gigante. Mas em 1943, seu lucro total — 822 milhões de marcos — já era superior ao capital de 1925.

Durante a segunda guerra mundial, a Farben, como os demais monopólios alemães, entregou-se a uma pilhagem desenfreada nos países ocupados. Na Áustria, ela teve, como parte no botim, o grande consórcio químico "Pulverfabrik Skoda Werke Wetzler" e várias outras usinas, que foram agrupadas em uma nova sociedade, a "Donau Chemie A. G.". Uma semana antes de Munich, Hermann Schmitz, presidente do Conselho de Administração da I. G. Farben, celebrava um acordo com o governo hitlerista, pelo qual se assegurava, ao consórcio, o controle das principais fábricas de corantes da Tchecoslováquia. Por ocasião da assinatura do acordo de Munich, Schmitz pôs meio milhão de marcos à disposição de Hitler. Uma semana depois da entrada das tropas hitleristas nos Sudetos, o representante da Farben já administrava as fábricas tchecoslovacas de corantes.

Na Polônia, dois dias depois da queda de Varsóvia, o ministério nazista da economia encarregava a Farben de gerir as três sociedades Polonesas de corantes: Boruta, Wola, e Winnica.

Na França, os estabelecimentos Kuhlmann, há muito tempo, companheiros de cartel da Farben, puseram-se espontaneamente a serviço dos novos patrões. Toda a indústria química francesa foi reorganizada e passou a integrar uma só sociedade, a Francolor, da qual a Farben recebeu 51% das ações. O dirigente da indústria química francesa, Frossard, recebeu a presidência do conselho de administração por ter "colaborado". Além das empresas, o consórcio alemão recebeu, nessa transação, os seus bens no estrangeiro e as patentes das sociedades francesas. O mesmo ocorreu em todos os países invadidos pelos nazistas.

A Farben usou largamente do trabalho escravo dos prisioneiros de guerra e dos trabalhadores deportados dos outros países. Os laboratórios da Farben experimentavam novos produtos tóxicos nos prisioneiros dos campos de concentração hitleristas. Sasuly dedica pouco às matanças em massa organizadas por esses bárbaros diplomados. Mas, os documentos e depoimentos das testemunhas, nos processos dos criminosos de guerra, permitem reconstituir o horrível quadro da atividade desenvolvida nesse domínio pelo grande consórcio químico alemão. Com o seu concurso, milhões de seres humanos foram eliminados nos países ocupados pelos nazistas.

Sasuly mostra que todos esses crimes contra a humanidade não foram possíveis senão graças ao apoio dado à Farben pelos

monopólios norte-americanos e, em primeiro lugar, pelo possante truste Standard Oil of New Jersey.

Não é preciso deter-se na exposição minuciosa do acôrdo entre os dois monopólios gigantes, feito em 1927-929.

Uma das cláusulas essenciais dessa transação foi a de que o truste norte-americano ajudaria o consórcio alemão a consolidar suas posições no mundo inteiro, inclusive nos Estados Unidos. Quando, em 1929, a Farben organizou sua filial na América, Walter Teagle, presidente da Standard Oil of New Jersey, concordou em fazer parte do conselho de administração, do qual participavam, igualmente, Edsel Ford e Paul Warburg. Em virtude dessa transação, duas novas companhias foram criadas nos Estados Unidos: a companhia Standard I. G., detentora de patentes de interesse para a indústria petrolífera e que pertenciam em comum aos dois monopólios; e a companhia "Jasco", criada com o fim de explorar as patentes de fabricação de produtos químicos.

A atividade comum dos dois monopólios não foi interrompida pelas hostilidades. Em outubro de 1939, o representante da Standard Oil of New Jersey, Frank Howard, encontrou-se na Europa e conferenciou com os representantes da Farben, combinando um meio de manter o acôrdo dos dois monopólios, a despeito da guerra. As conversações tiveram lugar na Holanda e resultaram num acôrdo, que, segundo as palavras do próprio Howard, devia permanecer em vigor "ainda que os Estados Unidos participem ou não da guerra". E a combinação foi observada à risca, pois, mesmo das patentes da Farben que retornaram à Standard, 20% dos lucros eram reservados àquela, que mantinha o direito de reclamar sua conta depois da guerra. Em outras palavras, a Farben podia exigir e a Standard consentia em lhe remeter, um quinto dos lucros realizados com a produção de guerra utilizada pelos exércitos aliados contra a Alemanha hitlerista. Compreende-se que, nessas condições, as firmas alemã e norte-americana estivessem, igualmente, interessadas em prolongar a guerra o mais possível.

Da mesma forma, a colaboração entre a Farben e a Standard prosseguiu durante a guerra em outros domínios.

Conforme as cláusulas do acôrdo concluído com o consórcio alemão, a Standard Oil entravou a produção de borracha sintética nos Estados Unidos, forneceu gasolina de aviação às companhias aeronáuticas italianas e alemãs na América do Sul, etc. Enfim, com o concurso da Standard Oil e de outros monopólios norte-americanos, os nazistas obtiveram metódicamente, nos Estados Unidos, as informações de caráter militar e técnico de que tinham necessidade.

Sasuly cita um informe, apresentado em 1944 ao Conselho de Administração da Farben, por uma comissão de sábios a serviço do consórcio, informe em que são enumeradas as vantagens que os hitleristas tiraram da colaboração com Standard Oil of New Jersey: entre outros, uma comunicação tão preciosa do ponto de vista militar como a dos resultados de longos anos de experiências efetuadas na América para a produção do tetraetil de chumbo que, misturado à gasolina de aviação e de automóveis, é utilizado como antidetonante.

Em conclusão, o informe declarava:

O governo alemão indagou da I. G. Farbenindustrie se não lhes seria possível, graças às suas relações de amizade com a Standard Oil, comprar em nome da firma, mas, na realidade, por conta do governo alemão, gasolina de aviação e outros produtos derivados do petróleo, num valor total de 20 milhões de dolares. Se foi possível aos Estados Unidos cumprir essa missão deve-se isso unicamente ao concurso da Standard Oil.

Assim, pois, o grande truste norte-americano, em plena guerra, forneceu aos nazistas, não somente informações técnicas, mas, ainda, gasolina de aviação, lubrificantes e outros produtos de que carecia a aviação alemã para prosseguir na luta contra os aliados.

Alguns autores norte-americanos e, também, personalidades oficiais tentaram explicar êsses fatos escandalosos pela "inconsciência política" dos monopólios norte-americanos que, dizem eles, se orientam mal nos negócios internacionais e como escreveu Thurman Arnold "deixam-se enganar facilmente". Partindo dessa "teoria", a comissão Truman, depois de ter formulado as acusações mais graves contra a Standard Oil of New Jersey, dedicou-se à tarefa de inocentar seus dirigentes. Segundo essa comissão, a ajuda que eles forneceram aos nazistas não seria mais que uma parte do quadro geral que oferece a atividade dos grandes ramos de negócios, que conduzem seus interesses de acôrdo com regras tais como as concebidas pela Standard Oil.

A comissão Truman não diz o que êsses interesses custaram aos exércitos aliados e aos povos dos países escravizados. Sa-

suly denuncia essa versão, que se esforça por apresentar os chefes dos monopólios norte-americanos como ingênuos que não teriam visto claro nas questões internacionais. E sublinha que, em todo caso, os negociantes em plena prosperidade não são mais tolos que os funcionários do governo norte-americano incumbidos de investigar suas atividades e que êsses funcionários se dão perfeita conta da ligação existente entre o acôrdo I. G. Farben-Standard Oil e a sabotagem da luta contra os nazistas. Os magnatas da Standard o compreendem muito bem, mas não são incomodados de forma alguma: a impunidade encoraja os criminosos de guerra.

Nada indica — escreve Sasuly — que eles estejam decididos a agir de maneira diversa no futuro.

Teagle, presidente do Conselho de administração da Standard Oil of New Jersey, declarou-o francamente em 1943 na assembléia anual de acionistas. E a política dos monopólios norte-americanos, depois da guerra, comprova amplamente essa asserção.

A Farben tinha ainda outros cúmplices nos Estados Unidos. Sasuly descreve pormenorizadamente a atividade do truste do alumínio de Mellon, o "ALCOA", que, por dezenas de anos, desenvolveu uma política tendente a restringir a produção e manter preços altos; a do truste químico Dow, que, de acôrdo com o Alcoa e a Farben, entravou a produção de magnésio nos Estados Unidos; a da Sociedade Química Winthrop que, tendo recebido da Farben licença para a produção de um sucedâneo sintético da quinina, reduziu consideravelmente a produção por determinação da I. G., justamente no momento em que Java, fornecedora da totalidade da produção mundial de quinina natural, era ocupada pelos japoneses; e também a atividade de numerosas outras sociedades norte-americanas ligadas à I. G. Farben por laços de cartel, por acôrdos para a exploração de patentes e, principalmente, pela identidade de interesses que se podem resumir nestas palavras: a caça ao lucro.

São, também, muito eloquentes os documentos relativos à imensa rede de pontos de apoio criada pela Farben na América Latina. O consórcio possui, nesses países, 117 filiais e um número não menos considerável de firmas de toda espécie que lhe servem de pseudônimo. Todas elas se entregavam, não somente ao contrabando, mas, também, à espionagem e à propaganda fascistas. Eram as pontas da lança da agressão nazista no hemisfério ocidental. É característico o fato de que numerosos monopólios norte-americanos deram seu apoio a essas filiais da Farben, ajudando-as a se disfarçar durante a guerra e, assim, abastecer a Alemanha de produtos deficitários, principalmente, por intermédio da Espanha.

Entre êsses monopólios, citem-se as sociedades fabricantes de produtos químicos Sterling e Grasselli, por intermédio das quais a Farben mantinha frequentes contatos com o truste químico norte-americano Du Pont. Os dois monopólios mantinham, igualmente, todo um complicado sistema de comunicações por intermédio do truste inglês Imperial Chemical Industries que, mais de uma vez, foi o iniciador duma coordenação da política dos reis alemães com os norte-americanos da indústria química, sobretudo, nos cartéis internacionais de explosivos e de munições.

Êstes poucos informes mostram os elos tão intrincados que ligam, em escala internacional, os monopólios de produtos químicos, abrangendo, hoje, todo o mundo capitalista. A política dêsses monopólios, cuja própria existência está em função da agressão imperialista e das guerras, desempenhou um papel capital na preparação e no desenrolar da segunda guerra mundial. Essa política é a responsável pelo prolongamento da guerra e pelo retardamento da abertura da segunda frente.

Os fatos e as tendências que Sasuly relata no seu livro, com muita eloquência, apesar de fazê-lo desordenadamente e sem método, não pertencem absolutamente ao passado. Depois da guerra, os monopólios de produtos químicos e os do petróleo, a eles estreitamente ligados, restabeleceram as ligações internacionais que tinham sido rompidas. Operou-se um reagrupamento, nas suas fileiras, de acôrdo com a nova distribuição de forças no campo imperialista e tornaram a fomentar conspiratas contra a paz e a segurança. Assim, apesar da decisão de liquidar a I. G. Farbenindustrie, tomada desde 1945 pelo Conselho de Contrôlo Aliado, o consórcio prossegue em suas atividades nas zonas ocidentais da Alemanha, conserva seus pontos de apoio na Suíça, na Espanha, na América Latina e nos Estados Unidos. É o que atestam os fatos narrados e documentos reunidos nos últimos capítulos do livro de Sasuly, consagrados à política dos monopólios norte-americanos na Alemanha ocupada.

A Energia Elétrica e a Indústria

A ENERGIA ELÉTRICA E A INDÚSTRIA.

por CATULO BRANCO

No momento em que a empresa Light obtém, de um governo que não sabe defender o interesse público, o críminoso racionamento de energia elétrica, é conveniente examinar a importância fundamental dessa forma de energia para o desenvolvimento da indústria, e portanto para elevação do nível de vida do nosso povo. É o que vamos fazer aqui, mostrando que quase todas as indústrias básicas dependem hoje, em grande escala, do fornecimento de energia elétrica barata e em grande quantidade; mostraremos também que o problema da produção de energia elétrica está intimamente ligado a outros, como a navegação fluvial, a irrigação, o saneamento, que não mais podem ser confiados a companhias particulares, pois envolvem programas tão amplos que só podem ser levados a efeito pelo Estado.

INDÚSTRIAS ELETROQUÍMICAS

O desenvolvimento da produção de energia elétrica entre nós tem-se mantido, há mais de vinte anos, muito longe das necessidades da nossa indústria. Já conhecemos duas graves crises de energia: a primeira manifestou-se em 1925, a segunda vem-se fazendo sentir desde 1945, agravando-se cada vez mais, levando a companhia fornecedora a impôr o racionamento até para os consumidores domiciliares, que pagam as tarifas mais elevadas. E mesmo no período intermediário entre essas duas crises, nunca tivemos a energia farta e barata, indispensável para as indústrias eletroquímicas.

Essa grande carência de energia elétrica é uma das principais causas do atraso de nossas indústrias básicas, isto é, as de produção de alumínio, aços especiais, carbureto de cálcio, nitratos e fosfatos. Essas indústrias têm o seu rendimento econômico muito melhorado quando funcionam em conjunto, sob forma de "combinado", pois então, além das vantagens da centralização industrial, ainda há a do aproveitamento dos subprodutos de algumas delas como matéria prima para outras.

Já em 1905 se desenvolvia um grande combinado desta natureza em torno da queda do Niágara, agrupando-se as indústrias próximo às grandes usinas hidroelétricas que haviam sido então inauguradas. Em seguida, outros combinados da mesma natureza se formaram na Suécia, na União Soviética em torno do Dnieperpetrovski, e, mais recentemente, no Vale do Tennessee, nos Estados Unidos.

Essas indústrias eletroquímicas absorvem grande quantidade de energia elétrica. Assim, o fabrico de um tonelada de nitratos requer 60.000 kw-horas; de uma tonelada de alumínio, 30.000 kw-horas; uma de aço silício, 10.000 kw-horas. Esse consumo por unidade de produção impõe um teto para a energia elétrica a ser consumida; quando o preço da energia disponível está acima desse preço teto, essas indústrias não se desenvolvem, pois os seus produtos não podem concorrer com os similares de procedência estrangeira. Vemos assim demonstrada a nossa afirmação anterior da necessidade de energia farta e barata para o desenvolvimento dessas indústrias.

Vejam agora a importância de cada uma delas em particular.

NITRATOS — A indústria do nitrato é a coluna mestra de um combinado eletroquímico, pois além de ser a que absorve maior quantidade de energia elétrica, os seus subprodutos, dos quais o mais importante é o ácido nítrico ou azótico, são utilizados em grande escala em quase todas as outras indústrias. Os nitratos são essenciais para o fabrico de explosivos modernos, donde a sua importância na defesa nacional; além disto, são, com os fosfatos, o cálcio e o potássio, indispensáveis para a recuperação de terras cansadas.

Até 1914, os nitratos conhecidos eram o salitre, ou nitrato de potássio, e o salitre do Chile, ou nitrato de sódio. Deste existem enormes depósitos no país que lhe dá o nome, o qual era até então o maior fornecedor de nitratos. Naquele ano, um cientista sueco conseguiu fabricar artificialmente o nitrato, fixando o azoto do ar atmosférico ao só-

dio ou potássio, por meio de um processo elétrico. Em 1918, o governo norte-americano resolveu, em face da situação criada pela guerra, tornar-se independente, e para isso foi construída a primeira grande usina hidroelétrica do Vale do Tennessee — a Wilson Dam, à qual mais tarde se seguiram outras, construídas por Roosevelt como parte do programa do "New Deal".

É interessante lembrar o que foi feito em nosso país, com relação a nitratos. O jornal "Diretrizes", de 16.7.1946, publicou uma entrevista do economista Humberto Bastos, criticando o tratado econômico entre o Brasil e o Chile, pelo qual o Brasil se comprometeu a "não auxiliar de maneira nenhuma a iniciativa para a fabricação de produtos nitrogenados sintéticos." Naquela ocasião, o Congresso não havia ainda ratificado esse tratado, que significa, sem sombra de dúvida, uma traição aos interesses nacionais. Os argumentos apresentados para êle, foram de um ridículo atroz; basta um exemplo:

"O Chile precisa combater o comunismo. A zona salitreira desse país é a que mais elementos comunistas fornece para as fileiras do partido. Não podendo escoar toda a sua produção de salitre, que é imensa, seria criado o problema do desemprego naquela zona e então o número de comunistas aumentaria, etc..." (Diretrizes, 16.7.1946).

Argumentos primários dessa natureza evidentemente escondem manobras muito mais profundas. Sabendo-se que a indústria de nitratos é essencial para todo o conjunto de indústrias eletroquímicas e que estas só se desenvolvem eficientemente sob a forma de combinados, o móvel principal do tratado assim imposto ao Brasil e aceito por um governo submisso aos interesses estrangeiros, torna-se evidente: impedir o desenvolvimento das indústrias básicas essenciais para a independência econômica do país.

FOSFATOS — O fósforo existe em abundância na natureza, nas jazidas de apatite, composto complexo em que predominam o fósforo e o cálcio, dois elementos essenciais à conservação da fertilidade da terra; cerca de nove décimos dos fosfatos são com efeito empregados como fertilizantes para recompôr os solos cujas reservas de fósforo foram absorvidas pelas culturas. Nos Estados Unidos, por meio de métodos modernos e técnica progressista, a indústria levou a produção de fosfatos utilizáveis a cerca de 5 milhões de toneladas por ano, metade da produção mundial, segundo a revista "O Engenheiro Westinghouse", de fevereiro de 1948.

As apatites podem ser lançadas diretamente sobre solos ácidos, como adubo, uma vez reduzidas a pó muito fino. Mas a presença de fluoretos no minério torna-o quase insolúvel na água. Surge então o problema de tornar o fosfato solúvel, e o seu valor como adubo mede-se em termos da porcentagem do óxido de fósforo solúvel (P205). O processo conhecido há muitos anos de preparação dos chamados superfosfatos é o do ataque da apatite pelo ácido sulfúrico. Mas, conforme demonstram alguns relatórios da Comissão do Vale do Tennessee, a aplicação da energia elétrica alterou completamente os termos de rendimento industrial desse produto, pois enquanto que por processos químicos se conseguem fosfatos com apenas 16% de fosfatos solúveis, em fornos elétricos se consegue o chamado "metaphos", com 64% de fosfatos solúveis. Vê-se assim porque este produto passou a constituir um dos ramos principais das indústrias eletroquímicas.

No Brasil, porém, estamos ainda nos rudimentos desta indústria, apesar de tanto se falar nas apatites de Ipanema. É que até hoje aqui só são utilizados processos químicos, que de forma alguma poderão concorrer com os processos elétricos já em vigor nos países industrializados. O resultado é o preço elevadíssimo do adubo, que impede a sua difusão na agricultura.

Pensou-se em tempos em aproveitar os deflúvios de esgotos como adubos. Verificou-se, porém, que a porcenta-

gem de fosfatos solúveis nêles contida era mínima (1% em São Paulo, conforme verificou o Dr. Jesus Neto, da Repartição de Águas, e não mais de 4% em outras cidades); isto além dos inconvenientes, como o perigo de transmissão de doenças, etc.

Vemos por estas considerações que a chave do problema da adubação está sempre na produção de energia elétrica farta e barata. Só assim poderemos melhorar a nossa agricultura e impedir a marcha forçada para o Oeste, com o abandono de terras cansadas.

ALUMÍNIO — CARBURETO DE CÁLCIO — AÇOS ESPECIAIS — Todo alumínio produzido industrialmente é hoje preparado por processo elétrico: o minério usado é a bauxita, de que temos no Brasil grandes depósitos, dos quais os mais importantes são os de Poços de Caldas.

No Brasil não temos indústria de alumínio, sendo o minério aqui extraído encaminhado para os países que dispõem de grandes usinas hidroelétricas. Isto é bem explicado nos sugestivos anúncios da "Aluminium Company of America" (ALCOA), onde é indicado em cartas geográficas o caminho percorrido pela bauxita das fontes de produção, inclusive a América do Sul, até o local em que o minério é pulverizado para separação da alumina (óxido de alumínio), a qual é depois enviada para junto das grandes barragens no Vale do Tennessee, pois para transformar a alumina em metal virgem é preciso, segundo esclarece o anúncio, "an enormous amount of electrical energy."

Assim, apesar de possuímos todos os elementos necessários para o desenvolvimento dessa indústria, ela não se desenvolve porque nossa energia elétrica está nas mãos de uma empresa imperialista que se nega a fornecer em grande quantidade e a preço baixo, mantendo-nos em regime de restrição ou de crise aguda. Aliás essa é também a situação de outros países sem independência econômica: segundo noticia a Folha da Manhã de 27.1.1950, a "Reynolds Mining Corporation of America" conseguiu, dentro do Plano Marshall, um empréstimo de quatro milhões de libras para a exploração da bauxita no norte da Jamaica.

Nos últimos dez anos adquiriu uma enorme importância um outro ramo das indústrias eletroquímicas, o do carbureto de cálcio, ou acetileno, que é preparado em fornos elétricos. As suas aplicações tradicionais, como gás de iluminação ou para solda a oxigênio, passaram para um plano secundário, diante do consumo desse produto como substância indispensável ao preparo da borracha sintética e das resinas sintéticas na manufatura de materiais plásticos — vidros inquebráveis, isoladores elétricos, filmes fotográficos, estofamentos, tapeçarias laváveis, vernizes, etc. Para que se tenha uma ideia da importância dessa indústria, basta dizer que nos Estados Unidos são produzidas anualmente cem mil toneladas de resinas sintéticas.

Também os aços especiais modernos, indispensáveis em toda indústria de máquinas, terramentas e instrumentos de precisão, exigindo uma fabricação muito acurada, não podem ser produzidos em fornos de carvão, carregados de impurezas dificilmente elimináveis. Assim, segundo nos informa o "Electrical Reference E. S. Lincoln", esses aços são fabricados exclusivamente em fornos elétricos, o que mostra que também esta indústria básica passou a constituir um dos ramos importantes das indústrias eletroquímicas.

A EXPERIÊNCIA DO VALE DO TENNESSEE — USINAS DE ACUMULAÇÃO

Na evolução mais recente da produção de energia elétrica, ressalta o enorme alcance social dessa indústria. Da fase das pequenas usinas esparsas e isoladas, passou-se primeiramente à das grandes centrais destinadas a atender a amplas regiões e grandes centros de enorme multiplicidade de utilização. Nesta fase utilizaram-se as grandes cachoeiras, que exerceram forte atração sobre os projetistas, pela concentração natural de grande soma de energia. Mas o aproveitamento integral dessas cachoeiras, além do custo exorbitante das obras civis necessárias ao controle das águas nas enchentes ou nas secas, apresenta outros inconvenientes: a sua localização é forçada, o aproveitamento da energia hidráulica fica limitado pelas mínimas do rio em tempo de seca, além de ser também limitado o uso de toda a obra à produção exclusiva de energia elétrica.

A experiência do Vale do Tennessee nos mostra a enorme vantagem das usinas de acumulação, que se obtêm cons-

truindo barragens em gargantas convenientes dos rios, de modo a formar artificialmente um desnível onde mais facilmente se aproveita a energia hidráulica para transformá-la em energia elétrica. Desta maneira, o engenheiro projetista fica com muito maior liberdade de escolher a localização da usina, e ao mesmo tempo poderá, com essa escolha, resolver outros problemas de interesse da população, como o da navegação, da erosão, da irrigação, e mesmo da proximidade de grandes zonas de agricultura, onde sejam melhor aproveitados os produtos das indústrias eletroquímicas. A barragem, ou mesmo as barragens sucessivas facilitam também a regularização dos rios, evitando o risco das cheias destruidoras e das mínimas excessivamente pronunciadas. Foi esse o processo usado no Vale do Tennessee, com incalculável benefício para a população.

E' este também o caminho para resolver o problema da energia farta e barata. Sabemos, com efeito que o custo da energia elétrica depende quase exclusivamente das despesas de capital, pois as despesas de manutenção e custeio são relativamente pequenas. Como, porém, as usinas de acumulação atendem a vários fins, essa conta do capital pode ser distribuída, para amortização, como despesa em benefício da navegação, da agricultura, do saneamento, etc., possibilitando dessa maneira o estabelecimento de tarifa reduzida para a energia elétrica, com enorme vantagem para as indústrias eletroquímicas.

Essa solução, porém, não se pode absolutamente esperar de empresa estrangeira de caráter pronunciadamente imperialista, como são a Light e a Bond and Share. Veremos com efeito que as grandes usinas construídas ou projetadas em S. Paulo ou no Rio de Janeiro pela empresa que detém o monopólio da energia elétrica, se caracterizaram por erros visíveis de concepção, que aumentam enormemente o preço da energia em alta tensão, impedindo o desenvolvimento da indústria eletroquímica, sem prejudicar a venda para o consumo domiciliar, cuja tarifa é sempre muito mais elevada.

PLANOS DA LIGHT PROPOSITADAMENTE ERRADOS

Todos os projetos da Light têm a característica rara de promover, primeiro, uma elevação das águas pelo bombeamento para em seguida aproveitar o potencial na usina de produção. Não queremos fazer uma condenação absoluta desse sistema; mas o que é evidente é que essas soluções devem, sempre que possível, se evitadas em benefício do custo do kw-hora na usina. E nos projetos da Light isso era possível, como vamos ver:

a) **USINA DO CUBATÃO** — As águas passam atualmente por duas estações elevatórias (com bombas) localizadas no canal do rio Pinheiros; isto poderia ser evitado lançando diretamente as águas do alto Tietê no Rio Grande e depois no Cubatão, ou invertendo o curso do mesmo Tietê, conduzindo suas águas ao vale do Itapanhaú.

b) **BARRA DO PIRAÍ** — As águas do rio Paraíba passam por duas estações elevatórias antes de chegarem ao Ri beirão das Lages, quando as águas do Paraíba podem perfeitamente ser aproveitadas no próprio leito, sem as bombas de Piraí.

c) **BAIXO TIETÊ** — As águas, já elevadas por uma barragem de 48 metros, serão ainda bombeadas em Parnaíba, atingindo o canal do rio Pinheiros, onde passarão por duas estações de bombeamento sucessivas.

d) **LANÇAMENTO DO PARAÍBA NO TIETÊ** — Segundo esse projeto, as águas do Paraíba seriam bombeadas para atingir o Tietê, com uma elevação de 200 metros, quando essas águas podem ser aproveitadas em Caraguatatuba, sem bombas.

Ora, esta empresa dispõe, sem dúvida alguma, de grandes técnicos perfeitamente capazes de orientar os projetos para melhores soluções. Se os projetos apresentados pela Light apresentam assim erros crassos, isto se explica exclusivamente pelo fato de ser esta uma empresa imperialista, peça de um grupo restrito, mas poderoso, que tem todo o interesse em que o nosso povo não disponha de energia elétrica barata, pois esta conduziria fatalmente à nossa libertação econômica. Daí as soluções que, embora não prejudiquem, de forma sensível, o comércio para o uso domiciliar, que suporta tarifas bem mais elevadas, encarecem consideravelmente a energia em alta tensão, a ponto de impedir o desenvolvimento das indústrias eletroquímicas. Nos Estados Unidos, a energia para estas indústrias é vendida a 4

O SESI, o Tribunal de

Nesse longo e fastidioso debate entre o Tribunal de Contas e o Sesi, com a participação espontânea de alguns e a remunerada de muitos, pedacinhos de verdade ficaram espalhados aqui e ali, mas quase nada de útil sobrou para os trabalhadores.

O Sesi continua, autarquia ou entidade de direito privado, a semear, disfarçadamente, germes nocivos à cultura do povo e a cuspir noções de apoliticismo na consciência dos trabalhadores, através de suas publicações, inclusive de "Sesi Jornal", "Sesinho" e dezenas de opúsculos sob diferentes títulos e no exercício patriótico de outras atividades.

2 — Euvaldo Lodi, co-proprietário e semideus honorário do "Sesi", ensina: "Sesi é personalidade jurídica de direito privado"; "é uma contribuição cívica de magna importância dos industriais brasileiros ao bem-estar dos trabalhadores"; "é fator importante na necessária "paz social" e outras verdades de duvidoso "pedregree". O diabo é que o decreto-lei que o gerou e a Portaria que o sacramentou são pouco respeitosa com o homem.

Segundo aquêles diplomas, o Sesi goza de todas as regalias inerentes ao Estado ou a organismos a que o Estado faz delegação de poder. Desde o uso do "executivo fiscal" para a cobrança das dívidas de seus contribuintes, passando pela utilização de estações arrecadoras oficiais — ins-

titutos de previdência — até as ações em que o Sesi fôr autor, réu ou interveniente, correrão no juízo privativo da Fazenda Pública "(artigo 5.º, da Portaria ministerial n.º 113, de 20-7-946). Se isso não bastasse para caracterizá-lo como autarquia, lembraríamos que o seu presidente, há tempo, é de nomeação do Presidente da República e que o Sesi proclama perseguir finalidades atribuídas ao Estado pela Constituição de 1946.

A verdade é que o Sesi procura desfrutar de todas as vantagens de organismo estatal ou paraestatal, mas pretende não se atrapalhar com as desvantagens correspondentes, principalmente em matéria de emprego de fundos.

Se o Sesi não é autarquia, o presidente Gaspar é um bicho inteligente pra burro. Qualquer jurista, mesmo da escola do detetive Pereira Lira, teria vergonha de discutir o assunto. (O difícil seria topar com um discípulo daquele sujeitinho que, além de jurista, tivesse vergonha.) 3 — Vale lembrar, a esta altura, o pânico causado no Ministério do Trabalho pela notícia da criação do Sesi pelo espertíssimo presidente Gaspar ("Eu xo mesmo um coloxo! Destruí a forxa do Getúlio sobre os trabalhadores e, ao mexmo tempo, tou impedindo o creximento do comunismo te esconjuro, pexete! — no Braxil! A gente governa é axim: com xabedoria). Logo após a divulgação da

transcendente novidade e antes da publicação do decreto, os atuários do Ministério, alvoroçados, se reuniram e baixaram a Resolução n.º 4-46 (de 27-6-46, publicada no "Diário Oficial" da União, de 2-7-46) que diz, entre outras coisas amarguradas: "Considerando que a criação do Sesi, tal como consta das publicações feitas nos jornais, importaria em mudança radical nessa orientação, de vez que implicaria a entrega a uma entidade patronal, de vultosa quantia arrecadada pelas instituições de previdência social, com o fito de execução de serviços que vem interferir com o desenvolvimento de programa em via de execução nas instituições autárquicas" e mais adiante: "Considerando que o Sesi viria trazer modificação profunda no aspecto político da previdência e assistência social, retirando do Estado elementos que lhe reforçam a simpatia e o prestígio diante das classes trabalhadoras" e terminando sugere a encampação do recém-nascido pelo IAPI.

Essa luta — que não chegou a ser travada, graças à inspiração divina do presidente Gaspar — objetivava conservar, de um lado, o predomínio do Ministério do Trabalho sobre os trabalhadores e de outro evitar que os industriais perdessem para o comunismo essa imensa massa tratada com displicência pelos institutos de seguro social.

De fato, Uma das tarefas do Sesi — e do Sesc também — era e é torpedear as instituições de previdência e, mostrando a incapacidade do Estado na gerência desses negócios,

centavos (de cruzeiro) o kw-hora, e, em casos especiais, até mesmo a menos que isto.

Ao descrever as usinas de acumulação do Vale do Tennessee, verificamos que estas obras resolvem também problemas de navegação, irrigação, saneamento e os de regularização dos rios, evitando perniciosas enchentes. A conta de capital destas usinas pode ser distribuída nestes vários fins, o que acarreta enormes diminuições de tarifas em alta tensão, junto à usina. Acabamos de ver que a Light faz exatamente o contrário, encarecendo a energia em alta tensão com erros palmares em seus projetos.

Verificamos assim que os erros técnicos nas usinas são manobra caracteristicamente imperialista, visando manter o nosso país na situação de fornecedor de matérias primas e impedindo o desenvolvimento do nosso parque industrial.

FIM DO EMPREENDIMENTO PARTICULAR NA ENERGIA ELÉTRICA — A ENCAMPAÇÃO

No desenvolvimento histórico da indústria elétrica em nosso país, houve uma fase inicial, com pequenas usinas isoladas; em seguida, após a primeira grande crise de 1925, veio a interligação e trustificação, que se realizaram em 1928. Estamos agora diante de uma nova e grande crise, em que as empresas particulares já não acompanham nem mesmo o retardado progresso de nosso país, não obstante escandalosos empréstimos e concessões obtidas do governo. É que agora estamos em véspera de nova forma de desenvolvimento desta indústria, caracterizada pela necessidade de grandes usinas de acumulação.

Se as usinas do futuro serão usinas de represamento, uma empresa particular que se lançar em sua execução, obje-

tivando apenas o comércio de energia elétrica, enfrentará inevitavelmente problemas de navegação; ao pretender suprir indústrias eletroquímicas, ver-se-á a braços com problemas referentes a agricultura e saneamento. É claro que a empresa particular que entrar por este caminho ou dominará o país como colônia, ou terá de ser encampada. É que esta indústria, como empreendimento particular, já teve seu pleno desenvolvimento em caráter quantitativo, e de agora em diante, só poderemos esperar uma evolução de caráter qualitativo.

Os projetos grandiosos de que agora carecemos só poderão ser executados, quando planejados no sentido do progresso, e não no do lucro de capitais privados. Só o Estado poderá dar solução à atual crise de energia elétrica, desenvolvendo um planejamento de grandes proporções, no qual se verá interessada toda a população. Há indústrias que, nas mãos da iniciativa particular, especialmente do capital estrangeiro, transformam-se em verdadeiro freio ao desenvolvimento e progresso do país. É o que se dá com as indústrias de fontes de energia, como energia elétrica, petróleo, etc. A miséria que atravessamos, a situação de colonialismo em que nos encontramos, são provas evidentes deste freio pernicioso.

Só nos resta portanto, um caminho a seguir — o da encampação, pelas formas previstas no Código de Águas. Só isto, porém, não bastaria. Deveremos também, antes que a crise venha a agravar-se ainda mais, trazendo com isto maior pobreza e miséria para o nosso povo, dar início a um programa de obras novas que permita o desenvolvimento industrial do Brasil e conseqüentemente a sua libertação econômica e política.

Contas e outras histórias sesianas

por JOSÉ NETO

enfeixar as atribuições dos Institutos e Caixas, apossando-se, destarte, da direção de órgãos capazes de orientar os trabalhadores, sobretudo em suas agonias eleitorais. Quer dizer: os trabalhadores ficariam mais diretamente em condições de lutar e defender os interesses patronais. Esse páreo ainda não foi decidido, mas pelo visto o Sesi — malgrado a sua força — perderá e os trabalhadores que lhe não deram boa acolhida acabarão tomando conta da previdência e do Sesi, também. Não se deve, todavia, encarar com otimismo a possibilidade de derrota do Sesi: trata-se de adversário poderoso e cheio de manhas patrióticas.

4 — A tarefa mais sagrada do Sesi, entretanto — e do Sesc, também — é orientar os trabalhadores nas disputas eleitorais e afastá-los da política — ciência das elites —, isto é, educá-los de jeito tal que os seus votos só elejam elementos da corrente sesista do patronato e torná-los desinteressados dos complicadíssimos problemas sociais e de seus próprios problemas, para os quais o Sesi sábia e santamente encontrará solução. A primeira parte do programa desenrolou-se nas eleições para o 3.º senador, com a eleição do imortal construtor de quartéis, o defunto Simonson e continuamos a assistir nos jornais e no rádio, nas vésperas de eleições, ocasião em que o Sesi indica os nomes de seus escolhidos, por coincidência sempre “tubarões”.

Ainda há pouco, em setembro último, logo após a realização de concurso para assistente social, os dirigentes do Sesi mandaram os brotinhos do padre Sabóia recomendar as candidaturas de Morvan e de Brasília Machado Neto para deputados federais.

Capitaneados pelo decano dos borocochos, o estrategista Costa Rego — 15.000 cruzeiros mensais, pagos na redação do “Correio da Manhã” — um grande elenco de jornalistas faz o jôgo do Sesi, não se contando o jôgo do próprio Sesi no espaço alugado aos jornais da imprensa decente, cantando as benemerências do órgão inventado pelos industriais de S. Paulo em “prol da paz social” e de outras maroteiras.

Fazendo tal caridade à imprensa, como é que o Tribunal de Contas ousa ser mauzinho e se arroga o direito de examinar as contas do Sesi? Quem disse que o Sesi é autarquia?

5 — Essa a parte visível. Há, porém, técnica melhor para influir nos trabalhadores, a visita dos assistentes sociais, escolhidos a dedo dentre os mais destacado rezadores do padre Sabóia. Esses sacerdotes

da “paz social” são treinados para provocar confissões dos trabalhadores e imediatamente receitem o remédio mais cristãmente indicado. Em geral, quando não apontam um nome para deputado, recomendam jejum de comunismo, paciência com o patrão, aquisição de gêneros nos postos de abastecimento do Sesi os preços são os mesmos da praça, mas o feijão não foi adubado por teorias exóticas — leitura do catecismo etc. (Sòmente em São Paulo, de março de 1947 a julho de 1948, foram feitas 14538 visitas e até maio de 1949, 24228). Também esse é o único serviço gratuito; os demais custam bom preço ao trabalhador. De tudo isso o Sesi se utiliza, mas não apenas isso utiliza: tem êle os seus jornais e muito mais coisas. E esses jornais — “Sesi Jornal”, “Sesinho”, etc. — se destinam a espalhar a espécie de cultura julgada acertada para tornar os trabalhadores intelectualmente dependentes dos sesianos e agirem em harmonia com os interesses patronais.

O “Sesinho”, por exemplo, tem como objetivo mentalizar os filhos dos trabalhadores nos moldes mais convenientes aos interesses da burguesia sua proprietária, embora tais interesses lá se apelidem de interesses nacionais. “Sesinho” não passa de um “Gibi” disfarçado. Transmite as mesmas noções perniciosas às crianças, com um enternecedor jesuítismo. A pretexto de não permitir que os filhos dos trabalhadores sejam mal-formados pelos “Gibis”, conquista ou se esforça para conquistar os pequenos leitores dessas publicações, vestindo diferentemente as personagens de suas histórias, dando-lhes outros nomes, mas emprestando-lhes qualidades super-humanas de heróis de coisas impossíveis. Esses heróis ou são amorais ou procedem de acordo com a moral formal, porém nunca reagem de modo semelhante às pessoas comuns ou que tenham percepção clara das realidades ambientes. Superam-se graças a milagres. Resumindo: seus heróis são norte-americanos traduzidos e mal adaptados aos costumes cá de nossa terra. O sentido de seu procedimento não encerra ensinamentos aos nossos garotos, ao contrario revela-lhes caminho através dos quais chegam ao crime para conseguir reproduzir as façanhas dos mocinhos das histórias. Os mocinhos das histórias, porém, são protegidos por forças sobrenaturais, forças essas que não amparam os nossos humaníssimos guris.

Contrastando com isso e ao mesmo tempo forjam personagens, os quais dispondo apenas dos recursos normais de toda a gente, não vão além das fronteiras a que a sua condição de classe limitou.

Fabricam, desta maneira, individualidades ambivalentes, promessas

de fracassos, cujo desenvolvimento lógico se atalha e levam ao conformismo de viver em clima de “paz social”, isto é, em síntese, organizam, desde logo, o exército sem perspectiva que visa apoiar o predomínio da burguesia sobre a sua própria classe.

6 — A análise do papel do Sesi na formação e deformação da mentalidade do trabalhador nacional, conduz-nos ao exame do tipo de cultura propagado por aquele organismo patronal. É este tema para estudo mais acurado e demorado. No momento basta-nos ligeira vista dolhos no assunto. Tendo como essência a luta contra o comunismo, vê-se forçado a recuar alguns séculos de conhecimentos e a esconder progressos científicos, a fim de provar as erronias do marxismo e a verdade de suas teses.

Daí a sua amigação com a “civilização cristã” e derivações trumanescas, únicas forças disponíveis para a negação da inevitabilidade do socialismo.

Compreendendo a sua insuficiência, promove sessões cinematográficas, conferências, cursos, etc. Com o intuito de mascarar com títulos novos concepções defuntas, utilizando técnica moderna na apresentação de idéias velhas e desseivadas. Inspirando-se nessa fonte, suas verdades eternas chocam-se com os conhecimentos aranjados pelos trabalhadores, à própria custa, em diferentes escolas, particularmente nas fábricas onde a técnica empregada na produção e o modo de produção reveiam a falsidade dos ensinamentos recebidos, o que, ademais, obriga o Sesi a caçar novas distrações para os seus tuteiados.

Futebol, piqueniques, rezas, danças, são, então, transformados em complemento das outras aulas e o entorpecente providencial. E, nesse círculo vicioso, vai o Sesi passeando, na convicção de que salvou os trabalhadores da moléstia comunista e os colocou à sua retaguarda, como barreira ao avanço do progresso.

Seria perigoso subestimar o Sesi, considerando-o, apenas um núcleo eleitoral da burguesia.

E’ mais, muito mais. E’ inclusive uma escola de preparação guerreira, pelas noções que espalha da necessidade de impôr uma nova ordem no mundo, com a supressão das forças que, em todo o mundo, lutam contra o imperialismo. E’ preciso estudar bem o papel do Sesi no meio proletário e na política, mas principalmente é preciso combatê-lo até á destruição, antes de que êle se torne suficientemente forte para destruir tôdas as liberdades democráticas ou as que ainda restam.

Nazim Hikmet

Nazim Hikmet é o poeta nacional da Turquia. Ele é para a sua patria oprimida o que é Neruda para o Chile, Guillen para Cuba, Eluard para a França, Alberti para a Espanha. Por isso foi condenado a vinte e oito anos de prisão, dos quais já cumpriu doze. Ele foi condenado por ter a policia do ditador Inonu, que sucedeu ao tirano Ataturk, encontrado em mãos de marinheiros do Mar Negro poemas seus, os quais se encontravam em livros já então publicados. Ele foi condenado a vinte e oito anos de prisão por um tribunal militar, por ordem do governo, conforme confessou recentemente um dos juizes que funcionou no processo.

Um movimento de intelectuais se formou em todo o mundo para obter a liberdade de Hikmet que sofre de angina do peito. Ele acaba de ser posto em liberdade provisoria, alegando o governo turco se tratar de um "erro judiciario". Na realidade a libertação de Hikmet é uma vitória da opinião publica livre do mundo sobre as forças reacionarias que, para levar avante o seu plano de arrastar o mundo a uma nova guerra, procuram abafar toda manifestação do pensamento livre.

Mas se Nazim Hikmet foi posto em liberdade na Turquia, tradicionalmente opressora, devido à pressão da opinião publica mundial, é preciso que esta não se esqueça do que se passa hoje todos os dias nos Estados Unidos "a terra da liberdade" em que um professor da Universidade de Harvard, ha poucos dias passados, foi levado ao suicidio por causa das suas convicções politicas. Contra ele foi articulado o grave crime de haver tomado parte no Congresso da Paz realizado no Waldorf Astoria em Nova York, ter promovido conferencias sobre o "deão vermelho" de Cantuaria, ter participado da Comissão de Defesa dos onze líderes comunistas norte-americanos e haver sido um fervoroso partidario de Henry Wallace nas ultimas eleições.

Esses são os seus crimes que o arrastaram à morte, o que mostra que urge a intensificação da campanha contra os provocadores de guerra, cuja ação macabra se baseia nas forças do obscurantismo que estimulam por todos os modos.

A libertação de Nazim Hikmet é portanto no momento atual da maior relevancia porque vem demonstrar o poder do movimento que no mundo todo articula os esforços de todos aqueles que lutam pela paz e pela libertação do ser humano, mesmo em países tão fortemente dominados pelo imperialismo anglo-saxonico quanto a Turquia.



ANGINA DO PEITO

NAZIM HIKMET

*Se a metade do meu coração está, aqui, doutor,
A outra metade está na China
Com o exercito que desce o rio Amarelo
Todas as manhãs, doutor,
Todas as manhãs, na alvorada,
Meu coração é fuzilado na Grecia.
E quando os prisioneiros caem de sono
Quando os ultimos passos se distanciam da enfermaria
Meu coração vai embora, doutor,
Ele parte para uma casa velha no bosque de Istambul.
Vêde, dez anos, doutor,
Nada senão uma maçã,
E tenho as mãos vazias, pobre povo.
Nada senão uma maçã,
Uma maçã vermelha, meu coração.
E' devido a isto, doutor,
E não por causa da arteriosclerose, da nicotina, do
[carcere,
Que tenho esta angina do peito.
Olho a noite através das grades da prisão.
E muito embora esses muros que oprimem meu peito
Meu coração bate com a estrela mais distante.*

APRO... fundamentos

ANO I



Diretor: BARÃO DE ITARARÉ



ABRIL 1950



N.º 2

A INFLUENCIA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL NA VIDA DOS PAQUIDERMES ASIATICOS

BOMBA-AI (Índias), Fevereiro — (Por Walter Closet, correspondente privativo do "Chicago Week-End") — Os americanos perderam a Ásia. Foi-se a China, Chan Kai Shek está sem fundos. A Indo-China continua daquele jeito e na Indonésia nem se fala. A rigor, o que resta do continente asiático são as ilhas nipônicas. Mas o Japão, sem o mercado chinês, é um abacaxi. Assim, para os americanos, na Ásia, já não está tudo azul, com listas brancas, mas tudo amarelo e enviesado.

É doloroso reconhecer que os super-homens de roupas e histórias em quadrinhos estão sendo enxotados do continente de Mao Tse Tung, mas não é possível negar que a sua civilização ocidental deixou aqui vestígios profundos e indeleveis. Os graves e solenes elefantes sagrados das Índias, por exemplo, estão completamente democratizados, depois que entraram em contato com os super-homens da Wall Street. Os paquidermes, com essa promiscuidade, perderam a sua aristocrática arrogância e já não ostentam aqueles luxuosos e nababescos dentes de marfim legiti-



mo. Com ares comoventes de humildade cristã, os elefantes deixaram que os super-homens lhes arrancassem os dentes, que foram

substituídos por colmillos de matéria plástica, muito mais baratos, e com a vantagem de poderem ser fabricados em qualquer cor.

DEMOCRACIA RESTAURADA

Os elementos oficiais batizaram o governo do general Dutra de "democracia restaurada". Todos sabem que isso não é verdade. Quando muito, o que temos, com uma grande dose de boa vontade, poderia ser definido como uma democracia em restauração, ou melhor, como uma "democracia restaurante", onde os dominantes tratam, antes de tudo, de comer.

ALGO ADIANTOU

Os inimigos alardeiam que este é o pior de todos os que já teve o Brasil, desde o primeiro império, pois só tem acarretado atrasos mo-

rais e materiais ao país. Não é verdade. O general Dutra adiantou uma hora em todos os relógios, instituindo a "hora de verão".



— Nem sempre o vinho sobe á cabeça, para tirar o juízo do cidadão. As vezes, desce para as pernas, obrigando-o a fazer ziguezagues...

UM VELHINHO IMPORTANTE

A cena passou-se num ônibus. E chamou a atenção de todo mundo. Num dos bancos da frente, um jovem oficial maltratava um senhor de idade provêta, dirigindo-lhe a palavra de maneira áspera e desrespeitosa. Os passageiros estavam constrangidos com aquele acontecimento e o malestar aumentava, diante do destempero com que o moço tenente se dirigia ao velho alquebrado, mas de aspecto respeitável.

Em dado momento, porém, o cenário se mudou. O austero ancião, sem dizer palavra, puxou calmamente uma carteira de identificação do bolso, abriu-a com displicência e mostrou-a ao exaltado oficial. Foi a conta. Este, tremulo de emoção, levantou-se e, perfilando-se, bateu uma solene continência diante do velho, que, imperturbável e sereno, recolheu a carteira ao bolso do casaco. Fazendo meia volta, visivelmente contrafeito, o tenente fez parar o ônibus e retirou-se.

— Quem será esse velho tão importante? — era a pergunta que bailava em todas as bocas.

Mas o mistério ficou aclarado, quando o tenente, ao descer, dirigindo-se ao condutor, recomendou-lhe:

— Dirija essa geringonça com cuidado que aí vai o "general da banda"...

MORALIDADE: Nunca se deve maltratar os mais velhos. Nem os mais moços.

A SUPER-BOMBA

Nova York, março — Segundo dados colhidos nos meios da espionagem mais secreta, sabe-se que a super-bomba de hidrogenio, ao ser fabricada, misturou-se com uma certa quantidade de oxigenio e deu em agua.

NÃO SE ASSUSTE

Quando alguém lhe falar com voz grossa, na rua, não se assuste. Póde ser que seja uma autoridade brasileira. Mas também póde ser que seja catarro. Anda tanta gripe por aí...

CONSELHO

Nunca façás, meu filho, negocios com bons chefes de familia, porque os bons chefes de familia querem tudo para sua familia e não deixam nada para os outros.



A DEFESA DO CINEMA BRASILEIRO

NILO ANTUNES

O tema do cinema brasileiro continua em cartaz. No decorrer do ano passado, com a criação de vários cine-clubes na capital bandeirante e no interior paulista, com as atividades do Centro de Estudos Cinematográficos do Museu de Arte, com a vinda de Alberto Cavalcanti a S. Paulo e a fundação da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, criaram-se as condições psicológicas e materiais de uma pujante indústria de cinema que fará a prosperidade de S. Paulo e do Brasil.

Não pensemos, entretanto, que a batalha está terminada. A defesa do cinema nacional, que foi uma necessidade no período preparatório das atividades cinematográficas que agora se consolidam, continua sendo um dever patriótico de todos os brasileiros, se quisermos que a empreitada chegue a bom termo.

Dá a importância de uma campanha destinada a ampliar, desenvolver e consolidar uma consciência cinematográfica em camadas cada vez mais amplas da população, porque só o povo unido e consciente defenderá o nosso cinema, como terá de defender o nosso café, o nosso petróleo, nossa indústria leve e pesada.

RAZÕES INDUSTRIAIS E ECONÔMICAS DO CINEMA BRASILEIRO

Quem diz cinema, diz indústria. O cinema é uma arte jovem, da era industrial e filho da máquina. Não há cinema sem máquinas e não há máquinas sem indústria. Conseqüentemente, a defesa do cinema nacional nada mais é do que um dos aspectos da luta titânica que ora travamos contra o imperialismo yanque em defesa de nossa indústria. E esta batalha do cinema só poderá ser eficaz se entrosada com a grande batalha em defesa de nossa indústria, dos nossos recursos de solo e subsolo. Em resumo, como toda e qualquer campanha, também esta do cinema nacional tem de ser vista no conjunto de nossa economia e no seu processo de desenvolvimento e mudança.

O cinema é a terceira indústria americana, depois do petróleo e do aço. Compreende-se, pois, o empenho dos magnatas de Hollywood em travar toda iniciativa e desenvolvimento do cinema nacional. E como a presença de Alberto Cavalcanti em S. Paulo, à testa de uma companhia cinematográfica cem por cento brasileira, é sem dúvida uma ameaça aos estúdios de Hollywood, estes já lhe ofereceram contratos sedutores para trabalhar na Califórnia, em vez de desbravar os terrenos de S. Bernardo do Campo, onde estão se construindo os primeiros estúdios paulistas.

Apreciando os problemas do cinema nacional em bases industriais, escrevia o diretor do caderno de Economia e Finanças da "Fôlha da Manhã" do dia 7 de janeiro do ano corrente: "Montam a cerca de UM BILHÃO DE CRUZEIROS os rendimentos auferidos anualmente no setor da distribuição dos filmes entre nós, dos quais uma parte se encaminha para as empresas situadas nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Itália e França, países de onde procede a maioria das películas aqui exibidas." E mais adiante, acrescenta o articulista: "Se lograr-mos desenvolver a indústria do cinema, dando-lhe estrutura mais firme, poderemos poupar alguns milhões de dólares, libras, francos e outras moedas, que daqui saem em forma de cambiais destinadas a pagar os direitos de exibição dos filmes estrangeiros."

RAZÕES CULTURAIS DO CINEMA BRASILEIRO

Fundamentalmente, temos de defender o cinema nacional porque esta luta tem um aspecto anti-imperialista e é a mesma defesa de nossa indústria e de nossa riqueza. Quando

sabemos que cerca de CENTO E OITENTA MILHÕES DE CRUZEIROS emigram anualmente do Brasil, em forma de divisas, para pagarmos os filmes que consumimos; quando sabemos que dessa importância 75% é encaminhada aos banqueiros de Wall Street e aos magnatas de Hollywood; quando sabemos que o cinema é a terceira indústria yanque, a segunda indústria argentina e pode ser uma das mais prósperas indústrias brasileiras, devemos tomar consciência da importância da batalha pelo cinema nacional, sob os seus aspectos econômico e industrial.

Mas não é só. A batalha do cinema brasileiro deve visar também o enfraquecimento da influência ideológica do imperialismo sobre as nossas massas ainda desprevenidas. As imposições econômicas do imperialismo norte-americano aliam-se as suas imposições culturais, a propaganda velada, sorradeira ou descarada. E para tanto, não existe instrumento mais eficaz do que o cinema, que atinge no menor tempo possível o maior número de espectadores, em geral ideologicamente indefesos.

Hollywood não esconde a importância de seus filmes como veículo de propaganda imperialista e de uma cultura imperialista nos países economicamente dominados por Tio Sam. Byrnes, secretário norte-americano, declarou certa vez que o filme de Hollywood é o melhor instrumento de propaganda de que dispõem os Estados Unidos. Reivindicando do governo maior proteção à indústria cinematográfica de seu país, declarou êle: "As pessoas que assistem aos nossos filmes, DESEJAM NOSSOS PRODUTOS e passam a apreciar NOSSO MODO DE VIDA, tal como aparece na tela."

Com razão repetia Goebbels, o tristemente famoso ministro da propaganda de Hitler: "Nossa política deve ser a dos norte-americanos. Precisamos transformar-nos na maior potência cinematográfica do continente europeu."

A batalha pelo cinema brasileiro é, pois, uma luta anti-imperialista a um tempo na frente econômico-industrial e na frente ideológica. E' tal a evidência dos fatos e importância desta luta, que admira como tantos brasileiros ôtimamente intencionados ainda não a tenham compreendido nos devidos termos.

EM CONCLUSÃO

A defesa do cinema nacional de impõe, pois é necessário despertar na massa dos espectadores um interesse pelos filmes brasileiros em virtude dos assuntos de que tratam serem muito mais intimamente ligados aos problemas da nossa vida quotidiana. O cinema deixará de ser assim para o nosso povo um simples devaneio, que o leve a fugir da realidade da vida, para ser ao contrario um amplo campo para a expressão de nossa consciência nacional que se procura adormecer com toda uma literatura, uma arte de importação. Esta tende a perpetuar no brasileiro um complexo colonialista segundo o qual a ele só cabe produzir materias primas e a "civilização", como tudo o mais é produto de importação.

Para tanto cumpre fundar um CENTRO DE DEFESA DO CINEMA NACIONAL, a exemplo do que há pouco se fez na França e na Itália que será ao mesmo tempo um centro de defesa da nossa cultura.



CIENCIA EM FOCO



Entre nós só agora é que começa a ser desdenhosa e vagamente conhecida a nova teoria da herança e da sua variabilidade quando, na história das ciências biológicas, tem ela lugar de destaque, marcando aí um momento crucial a apresentação daquela teoria dos sábios soviéticos Mitchurin e Lissenko.

Já o fato de não ser essa teoria enunciada à moda clássica, dissociando e opondo a herança à evolução, e distinguindo-as sobretudo como processos independentes que reciprocamente se negam e se excluem, já esse fato constitui um dos seus marcantes aspectos.

No feliz enunciado de Mitchurin e Lissenko está implícito o seu alcance: nela se conjuga a herança e a evolução. Significa que evolução e hereditariedade, se se distinguem por um lado, completam-se por outro. Significa que não passam de aspectos interdependentes do processo único que é o da transmissão da vida. Significa, ainda, que não se pode compreender cada um dos aspectos senão em função do outro, que com o primeiro mantém relações de um equilíbrio como o que se encontra na natureza, que é dialético e não metafísico.

E são exatamente os aspectos mais gerais e de maior alcance da teoria — esses que puseram por terra toda a velharia da biologia clássica mecanicista e metafísica — que têm sido escamoteados nas apressadas divulgações jornalísticas.

Tem-se ocultado que a teoria não se restringe à vernalização das sementes do trigo, tampouco à hibridação vegetativa e à adaptação climática das plantas. Tem-se ocultado o que ela tem de tremendamente revolucionário no campo das ciências da matéria animada e que é justamente a consciência da existência de evolução em íntima conexão com a hereditariedade como ainda a possibilidade do homem vir a conhecer as leis particulares que, em cada caso, regem a proliferação e a inclusão das variedades individuais surgidas, no patrimônio hereditário da espécie.

Dissimular este aspecto genérico da teoria é reduzi-la a um praticismo sem perspectivas. E' limitar seu incalculável alcance.

Não que ela não vise a prática; muito ao contrário, pois justamente foi das necessidades da prática que a teoria saiu. Mas a prática que essas necessidades procuravam era a das técnicas sugeridas pelas mais amplas, genéricas e fecundas teorias.

Mitchurin e Lissenko mostraram-se realistas e práticos, o que é bem diferente de empiristas e praticistas.

Por isso mesmo é que a teoria deles tem incalculável alcance prático, justamente pelo seu incalculável alcance teórico.

Por isso mesmo é que na base de se ter tornado possível conhecer, em cada caso, as relações da herança da espécie com as variedades individuais específicas que podem nela ser incluídas, o homem passou a se capacitar teórica e praticamente para empreendi-

mentos, no campo da matéria animada, tão grandes quanto os que lhe facultam o conhecimento da desintegração atômica da matéria bruta.

Armado com essa teoria, daqui para o futuro o homem não dominará somente a reprodução pura e simples dos seres vivos, não fará culturas somente das plantas tal e qual as encontrou na natureza, não promoverá somente a formação dos rebanhos dos animais como são e tampouco irá se contentar de se reproduzir, a si próprio, ao sabor dos acasos e de conveniências egoísticas. Não. Daqui para o futuro — sem ser um Dom Quixote — poderá pensar em disciplinar a natureza de uma maneira superior, dispondo já, agora, de uma outra possibilidade de que até aqui não dispunha: a de criar novas formas de vida.

Isto é o que há de novo e de extraordinário na teoria de Mitchurin-Lissenko que precisa ser destacado e registrado e não apresentar somente um caso particular, do todo que constitui a teoria.

OS VÍRUS, UM CASO SÉRIO PARA AS CONCEPÇÕES CLÁSSICAS DA BIOLOGIA

Quando os micróbios foram descobertos, principalmente através dos seus efeitos e através da reprodução das moléstias sobrevindas aos contágios e às inoculações de material infetante, o mundo de então ficou céptico. Foi preciso tempo e a verificação microscópica para desvanecer-se aquela descrença.

Não será portanto novidade que os vírus também despertem uma certa desconfiança no mundo de hoje, apesar da evolução operada pela ciência neste último século de pesquisas e de descobertas.

O que, porém, desperta neste caso suspeitas, é coisa nova. É o fato de terem um comportamento biológico que levanta o problema teórico de não se saber se devem eles ser classificados entre os seres vivos ou entre as coisas inanimadas.

De início, foram considerados microrganismos, como as bactérias, milhares de vezes menores que estas, já por si tão pequenas que se medem com o micra, ou seja, a milésima parte de milímetro. A diferença, a princípio, julgou-se que estava só no tamanho.

Mas progredindo os estudos, novas características foram aparecendo, e dentre elas, uma que deixou os pesquisadores perplexos. Trata-se, da descoberta de Stanley que conseguiu reduzir a cristais uma espécie de vírus — o mozaico do tabaco — guardando, assim mesmo, as suas principais propriedades.

Ora, matéria viva cristalizada! Era positivamente inconcebível, diante do clássico, tornar-se cristalizado uma matéria viva!

É certo que a verificação deste fato tem sido cercada de dificuldades uma vez que a obtenção dos vírus em estado de pureza é coisa quase impossível, dado o fato de sempre se apresentarem com o material que parasitam.

Naturalmente aferrando-se às dificuldades que cercam o estudo de uma

matéria que escapa aos processos comuns de investigação, o conservadorismo em ciência, faz o que pode para impedir que se veja nesta descoberta o fator de ligação entre os elementos organizados e vivos e a matéria chamada bruta e, decorrendo disso, que se descubra a origem da vida, partindo da matéria inanimada.

E isto é o que nos parece teoricamente fundamental para nos convencer do contrabando que representa botar Deus como criador e animador do universo e da vida.

Mas os fatos são os fatos e eles nos mostram a existência, na natureza, de corpos que só podem ser considerados como simples moléculas de proteína capazes de reprodução e, ao lado disto podendo-se cristalizar tendo então, de um lado, com cristalização, característica de matéria bruta, e de outro, reveladas na capacidade de proliferação, característica de matéria viva.

Quatro são as hipóteses sustentadas para dar uma explicação:

- I — material inorgânico.
- II — material orgânico, da natureza dos enzimas ou diástases.
- III — material organizado e vivo, dotado de capacidade de assimilação e de proliferação.
- IV — elementos organizados e vivos.

Se se quer enquadrá-los numa das quatro hipóteses o problema parece tornar-se sem solução mas o que parece mais justo é que as quatro hipóteses são todas viáveis, cada uma delas representando um grau diferente de evolução pois uns são monomoleculares e outros chegam a ter organização. E isto é o que parece estar mais de acordo com as mais adiantadas concepções da teoria geral da evolução e com a atual concepção da constituição da matéria.

E isto é o que vem satisfazer a mais que milenar ânsia da inteligência humana de encontrar os liames teóricos que nos mostrem todas as ciências ligadas, como partes, que se completam na síntese que é todo o Universo.

A FARTURA TEM SEUS MALES

As revistas de medicina registram os resultados das autópsias feitas durante a guerra, na época em que, por onde ela passou, a ração alimentar havia caído extraordinariamente e em que, também, havia escassez de alimentos de proveniência animal.

As constatações então feitas não surpreenderam os médicos.

Comparando os laudos das autópsias de então com as dos períodos de antes da guerra, foi notada a extraordinária diminuição de lesões tais como as devidas a hipertensão arterial, arteriosclerose, atrombose, infarctus do coração, todas estas que significam o aparecimento precoce da velhice.

E como é sabido, as doenças senis cada vez estão surgindo em maior número, antes do homem atingir, em idade, a velhice. E todo o mundo treme diante das conseqüências dessas terríveis moléstias que, quando não matam, inutilizam os homens.

Os médicos já vinham notando quanto, nos de vida ociosa, sedentária e levada no meio de libações, era frequente o aparecimento daquelas doenças. Mas não tinham tido ainda uma prova que fôsse mais forte do que a observação, como as que fornece a experiência.

Foi o que representaram a guerra e as privações forçadas: valeram por experiências.

E aquela experiência mostrou que nas populações submetidas a um regime de baixo teor calórico e com reduzida taxa de albuminas, entre os indivíduos mortos com a idade de 30 a 69 anos, havia uma extraordinária diminuição das lesões da senilidade, tomando como termo de comparação o que era verificado nos períodos precedentes de paz.

Não só nos que morriam de outras moléstias não descobriam as lesões referidas como ainda ninguém morria delas, naquele período, a não ser, está claro, os de idade proecta trazendo de antes da guerra aqueles males.

Ora este fato é muito interessante. Vem mostrar-nos como o homem "civilizado" tanto quanto o peixe, morre pela bôca.

Mas o homem "civilizado", bem sabemos, não é o burguês, não progressista, mas o que pessoalmente progrediu. É nesta classe de gente que se morre muito de hipertensão, arteriosclerose e infárctus: É o que passa bem, ou melhor, mais do que bem, entre excessos e libações, não aceitando senão uma mesa cujos alimentos, em vez de nutrir, sejam um carinho para o paladar. Nesta mesa abundam os pratos mais do que preparados, principalmente as

carnes e os peixes, cujos temperos, de tão requintados, dissimulam o gosto do verdadeiro alimento.

Continuará êle morrendo cedo de infárctus e hipertensão, abarrotando-se e fartando-se dos excessos daquilo que sonega e falta aos operários, os quais também têm moléstias que se originam nas suas mesas mas que são daqueles males, diametralmente opostos.

Se na mesa dos operários e dos camponeses falta a abundância e a qualidade do bom alimento, trazendo-lhes os males da carência e a tuberculose, o que lhe é sonegado sobra para o burguês, entupindo-lhe o ventre e matando-o com os males da fartura.

CULTIVO SEM LUZ DO SOL

Enquanto verbas incrivelmente voltuosas são empregadas nos EE. UU. para as pesquisas atômicas e para as da desintegração do átomo de hidrogênio com o fim cínicamente declarado de serem usadas como bombas destinadas ao extermínio de populações pacíficas e trabalhadoras para perpetrar outra vez, em maior escala, naquela nova espécie de crime feito pelos nazistas — o genocídio — no campo socialista cuida-se de aplicar tôda a inteligência do homem no aumento de tudo que favoreça e que permita a melhora e o desenvolvimento da espécie humana.

A todo o momento a orientação pacífica e construtiva que anima os países onde impera a vontade e as necessidades do povo e não das minorias privilegiadas e inúteis, vem trazendo seus frutuótos resultados.

É de ontem que nos chega, via U.P.! de Leningrado a notícia de estar sendo

obtida a maturação dos trigais sem a luz do sol.

A URSS, tendo imensos territórios incluídos no círculo polar onde a maior parte do ano não aparece o sol, não poderia com os métodos clássicos da agricultura, ter essas terras aproveitadas para o cultivo e a produção, quando nelas jazem escondidas incalculáveis riquezas minerais.

Mas essas riquezas tinham de ser exploradas. O que faltava eram sobretudo os raios solares como elemento indispensável para promover as trocas do metabolismo vegetal das quais saem as florações e os frutos.

As pesquisas e os estudos destinados a encontrar os meios para aquela deficiência já foram coroadas de êxito conforme nos revela a notícia de que o Instituto de Agricultura da URSS conseguiu pleno sucesso na cultura de morangos, tomates, frutas cítricas sem o auxílio da luz natural.

Diz o telegrama que os laboratórios daquele Instituto há longos anos estão trabalhando nas experiências que realizam em recintos fechados, onde se usa apenas a luz elétrica.

Se isto é uma conquista da técnica, só poderá ser valiosa na prática, onde haja eletricidade em abundância. Para nós seria mera especulação antes de obrigar a Light a cumprir os seus contratos e nos devolver, em benefícios, uma parcela das riquezas que nos retira para os ianques.

Mas na URSS a coisa é diferente. Onde é o povo que dirige a nação, êste só encoraja o trabalho na inteligência para ser aplicada em fins úteis e praticamente exequíveis daí resultando o aumento da sua capacidade de dominar os mais variados setores da natureza.

Resenha Política do Mês

AS ELEIÇÕES DE MARÇO NA UNIÃO

SOVIÉTICA constituíram um dos acontecimentos mais relevantes do mês findo. Acusando o pleito o comparecimento extraordinário de 99,70% dos 100 milhões de eleitores inscritos, receberam os 1.302 candidatos a consagração e a manifestação de sólida confiança de todo o povo soviético, que mais uma vez demonstra de modo inequívoco a sua solidariedade para com os altos dirigentes da Pátria do Socialismo. O acontecimento mais expressivo foi, entretanto, o que se verificou em uma das circunscrições de Moscou, por onde disputou o pleito o generalíssimo Stalin. Os habitantes e eleitores desse distrito eleitoral tiveram a oportunidade de evidenciar a sua alegria pela honra de ter o guia genial do proletariado como seu candidato, o que se traduziu numa votação de cem por cento dos eleitores, sem a ausência de um só, o que constituiu mais uma consagração do nome do grande líder da paz e do socialismo.

AINDA NA UNIÃO SOVIÉTICA, se registraram neste mês findo importantes medidas de caráter econômico e financeiro, com a valorização da moeda soviética, o que representa mais um vigoroso passo no sentido do progresso e do bem-estar do povo socialista. Com essas providências ocorreram baixas significativas no preço de todas as uti-

lidades e generos de consumo, bastando para ilustrar o importante acontecimento citar a redução de 30% no preço do pão branco, 25,9% no pão preto, 29,3% na carne, 30% nas gorduras vegetais, 10% no leite, 12 a 14% nos tecidos, 40 a 50% no sabão, além de muitos outros artigos, não se devendo esquecer que depois do final da guerra, varias outras reduções de preços já se verificaram na União Soviética.

Essas medidas são o que há de mais concreto como demonstração de construção pacífica do bem-estar do povo, e revelam o desejo sincero do campo democrático e do progresso, de trabalhar por uma paz duradoura entre os povos, como muitas vezes tem sido afirmado pelos líderes soviéticos, como ainda há pouco foi reafirmado pelo vice-primeiro ministro Molotov, que frisou: «Acreditamos firmemente nos princípios leninistas-stalinistas de coexistência de ambos os sistemas e da concorrência pacífica entre êles, mas sabemos bem que, enquanto existir o imperialismo, existirá o perigo de uma nova guerra. A União Soviética está vitalmente interessada numa paz duravel, para levar a cabo o seu grande programa de construção.»

OS PARTIDÁRIOS DA PAZ, intensificando a campanha de desmascaramento dos planos guerreiros do imperialismo norte-americano, realizaram este

mês mais uma reunião do Comité Mundial, na cidade de Estocolmo, onde foram debatidos todos os problemas de defesa da paz, pelos figuras mais expressivas de todos os povos empenhados em barrar os preparativos guerreiros do campo da reação. Como uma das resoluções mais importantes tomadas na reunião de Estocolmo, a que estiveram também presentes os delegados brasileiros, ficou assentada a convocação do Congresso dos Partidários da Paz para o fim do corrente ano e que terá lugar na cidade de Roma.

PROSSEGUEM OS ESTADOS UNIDOS

e seus caudatarios, na política de intensificação guerreira de agressão imperialista. Este ultimo mês acusou uma redobrada atividade belicosa, tendo a imprensa reacionária ocupado maior espaço para o noticiário de guerra, veiculando as provocações de Acheson, Johnson, Eisenhower, Truman e outros maiores do imperialismo, com a finalidade de acentuar ainda mais as manobras de agressão, reforçadas com as desmoralizadas sondagens do Instituto Galup, procurando convencer que a metade da população americana já espera estar em guerra antes dos próximos cinco anos. Visa tudo isto a preparação psicológica dos povos de todo mundo sobre uma falsa ideia da inevitabilidade da guerra, para que os seus pregoeiros

LIVROS e Revistas

PARATODOS

Já está circulando em São Paulo a revista Paratodos, editada no Rio de Janeiro sob a direção de Alvaro Moreyra e Dalcídio Jurandir. A antiga publicação de Alvaro Moreyra reaparece em nova fase, em formato de jornal e ao preço acessível de Cr\$ 2,00. Entre os seus novos colaboradores se conta o que de melhor existe entre escritores brasileiros. Paratodos é uma publicação ágil, combativa, alerta para os problemas da cultura e da arte nacionais.

"Paratodos" ressurgiu com orientação bem definida. Não é como certas publicações que se dizem apolíticas, para na verdade encobrir atrás de uma falsa neutralidade ante os dois campos em luta em nosso país, a sua verdadeira posição a serviço da reação imperialista e da guerra, da traição aos interesses nacionais à causa da paz e da cultura. "Paratodos" toma partido. "Colocam-nos — diz em editorial — no campo onde nascem

e crescem as forças novas da cultura e do harmonioso desenvolvimento social, o campo socialista e democrático, o campo da paz."

O número em circulação publica vários artigos e estudos de grande atualidade. Entre outros destacam-se vários materiais sobre o próximo congresso de Escritores, tais como um artigo de Astrojildo Pereira historiando as condições em que se realizaram os congressos anteriores e a responsabilidade que pesa sobre os ombros dos escritores no atual momento nacional. Ainda sobre o Congresso dos Escritores traz "Paratodos" uma página central com informações noticiosas e entrevistas. No terreno da defesa da cultura, sobre o qual versa o editorial "Cultura e Paz", existem nesse número estudos da mais alta qualidade como o artigo de Anissimov sobre literatura e "modo de vida" americanos; o artigo de Axioti sobre as condições heroicas da luta dos escritores gregos.

No terreno político "Paratodos" publica um documento de grande importância: a carta de Togliatti à revista italiana "Comunità" refutando um artigo do escritor Ignazio Silone e divulgada sob o título muito apropriado de "Contribuição à Psicologia de um Renegado". Esta carta de Togliatti ficará como um modelo de desmascaramento. Baseando-se em documentação irresponsável, Togliatti, põe a nu, em toda sua abjeção, a psicologia de um intelectual que trai a causa do seu povo.

No terreno da nossa cultura destacam-se vários artigos de Maurício Vinhas sobre o poeta popular mineiro Araujo Lima, trechos de romances de Alcina Paim e Dalcídio Jurandir, crítica teatral de Helió Teixeira, Casal, pai da geografia brasileira de Fernando Segismundo, além de variado noticiário e notas, bem como uma excelente seção de Revista das Revistas.

possam levar a efeito o tenebroso plano de lançar a humanidade em uma nova hecatombe. Depois de muito malhar na chamada «guerra fria», passaram agora os provocadores de guerra a criar nova figura de agitação armada, a que deram o nome de «diplomacia total», cujos frutos já vão aparecendo, como foi a proibição governamental ianque da entrada do grande pintor Picasso e do celebre Deão de Cantuária, nos Estados Unidos, atestando isto a intolerância dos diplomatas da bomba de hidrogênio pelos líderes da cultura e a serviço do povo.

AO MESMO TEMPO, NA EUROPA, a reação **marshallizada** vai aprofundando a sua luta contra o povo que não quer a guerra nem armamentos, mas prefere melhores salários, trabalho para todos, medidas contra o desemprego e pelo bem-estar geral. Na Inglaterra, apesar da aparente divergência entre conservadores e trabalhistas, verifica-se a todo momento a mais estreita identidade de posição na política guerreira de Bevin em aliança com os magnatas norte-americanos. Na França também, o governo reacionário e belicoso do consórcio republicano-popular-socialista-degaullista, desencadeou maior opressão contra os trabalhadores e o povo, que se opõem vigorosamente contra a entrada de armamentos americanos e sua remessa para a «guerra suja» na Indochina. Desesperados com o poderoso movimento de opinião e de greves destes últimos meses, foram obrigados a tirar a máscara de falsos democratas os homens instalados no governo de Paris, que, para melhor oprimir a livre vontade do povo e dos trabalhadores franceses, fizeram votar uma lei de segurança das mais monstruosas com o objetivo de servir aos designios guerreiros dos agentes imperialistas.

Na Itália também se desenvolvem intensos movimentos populares e grevistas, de repúdio ao governo sanguinário de De Gasperi e Scelba, que desencadeia o assassinio de operários em comícios,

a fim de conter a oposição cada vez mais vigorosa dos italianos contra a submissão do país aos americanos negociada pelo governo de Roma. O generoso sangue do povo italiano já banhou a terra da península em San Severo e outras cidades, atestando de um lado o ardor pacifista da massa popular italiana e de outro lado a traição do governo democrata-cristão aos interesses da nação.

Na Alemanha os imperialistas prosseguem na sua política de preparação do rearmamento dos antigos exércitos nazistas, para servirem como ponta de lança na projetada agressão à União Soviética e às Democracias populares, tentando embair o povo alemão a entregar-se ao plano de nova aventura guerreira como força ofensiva nos designios imperialistas dos anglo-franco-americanos. A corja de Tito na Iugoslávia também prossegue na sua tarefa de submissão aos magnatas de Wall Street, tendo agora conseguido novo empréstimo em Nova Iorque, depois de realizar vários tratados que abrem definitivamente as portas do país aos americanos.

NA AMÉRICA LATINA, constituíram neste último mês acontecimentos mais importantes as manifestações populares de repúdio à Conferência dos Embaixadores Americanos levada a efeito no Rio de Janeiro, que aqui vieram com Kennan e Miller à frente para aprofundar seus planos de preparação guerreira e dominação de nossas reservas minerais. No Rio, em S. Paulo, no Recife, em muitas outras cidades, o povo teve oportunidade de promover apesar de toda reação, manifestações vigorosas de desagravo nacional contra a vinda e permanência dos espíões americanos em nossa terra.

Em Montevideu, capital uruguaia, os trabalhadores latino-americanos congregados na CTAL, promoveram também o seu Congresso, em que participaram delegações de vários países, inclusive do Brasil. Mesmo em meio às medidas de opressão do governo uruguaio, puderam os proletários americanos dar um exem-

plo de vigor na sua luta pelo desmascaramento dos planos guerreiros do continente, pela independência nacional e pelo reforçamento da unidade sindical dos trabalhadores.

EM NOSSO PAÍS, se verificou o agravamento da situação do povo, com a dominação cada vez mais extensa de nossas indústrias pelos trustes americanos, com os tratados e acordos secretos do governo, assinados com Washington, que liquidam quaisquer possibilidade de nossa independência econômica, com o aprofundamento da crise de vários de nossos produtos, como a borracha, o arroz e outros, enquanto o governo federal marcha com um orçamento desastroso, em que oficialmente se confessa um déficit de 6 bilhões de cruzeiros para o corrente ano, tudo devido ao delírio das verbas de preparação guerreira que foram aprovadas.

Em face dessa situação crítica do país, nenhuma medida de alívio é tomada, mas tudo é feito para acentuar ainda mais a situação de miséria do povo e de alienação de nossa soberania e de nossas fontes de riqueza aos imperialistas americanos, enquanto que os homens do poder se comprazem com essa grotesca comédia da sucessão e escolha de candidatos, comédia essa que mal encobre a solução golpista contra o povo que vai sendo preparada pelas correntes da reação e em que estão empenhados todos os partidos burgueses e a imprensa sadia, toda ela a serviço dos interesses dos magnatas estrangeiros e de seus agentes locais.

Todo o povo, entretanto está se alertando e já vai tomando cada vez mais conscientemente uma posição de luta contra esse estado de coisas, contra a preparação guerreira, manifestando de modo concreto os seus sentimentos pacifistas, contra as leis de arrocho em preparação e pelas liberdades constitucionais, para que o Brasil possa retomar a sua própria independência que possibilitará o bem-estar do povo e o progresso pacífico em todas as suas atividades de produção e cultura.

fundamentos

PUBLICOU NOS SEUS NUMEROS ANTERIORES

A LUTA PELO PETROLEO BRASILEIRO

Fernando Luiz Lobo Carneiro

A FILOSOFIA HUMANISTA DE NOSSA EPOCA

Jacob Gorrender

O PROBLEMA HIDRO-ELETRICO DE SÃO PAULO

Catulo Branco

ECONOMIA INDUSTRIAL E AGRICOLA

L. Hermann

CRISE DO ESPIRITO

Astrojildo Pereira

7 CARTAS LOUCAS — I, II, III, IV, V, VI

Afonso Schmidt

ESPLENDOR E DECADENCIA DO ALGODÃO EM
SÃO PAULO

Ruy Barbosa Cardoso

MONTEIRO LOBATO — O Homem

Artur Neves

Caio Prado Junior

LEI DE SEGURANÇA

Rivadavia Mendonça

METODOS SOCIOLOGICOS

Caio Prado Junior

DUAS TEORIAS NA GENETICA

Dr. Plinio Ribeiro Cardoso

ATRAVÉS DAS DEMOCRACIAS POPULARES

Caio Prado Junior

A PAZ

Marques Simões

JULIO FUCHIK

Jacob Gorrender